UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

A transição de carreira dos bicampeões mundiais de basquetebol: uma análise
com base em narrativas biográficas

Neilton de Sousa Ferreira Junior

São Paulo
2014

Neilton de Sousa Ferreira Junior

A transição de carreira dos bicampeões mundiais de basquetebol: uma análise
com base em narrativas biográficas

Dissertação apresentada à Escola de Educação
Física e Esporte, como parte dos requisitos para
a obtenção do grau de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Pedagogia do Movimento
Humano

Orientadora: Prof^a Dr^a Katia Rubio

São Paulo
2014

Autorizo a reprodução e divulgação desta pesquisa por qualquer veículo de comunicação, convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Serviço de Biblioteca

Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

Ferreira Junior, Neilton de Sousa

A transição de carreira dos bicampeões mundiais de basquetebol: uma análise com base em narrativas biográficas / Neilton de Sousa Ferreira Junior. – São Paulo: [s.n.], 2014. 123p.

Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profa. Dra. Kátia Rubio.

1. Basquetebol – História 2. Esporte – Aspectos profissionais
3. Psicologia do esporte 4. Sociologia do esporte I. Título.

Folha de Aprovação

Nome: FERREIRA JUNIOR, Neilton de Sousa

Título: A transição de carreira dos bicampeões mundiais de basquetebol: uma análise com base em narrativas biográficas

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Ciências.

Data: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Dedicatória

*À Vó Geralda, tio Vê, Divênia e Bernard, entes
que partiram ao longo do processo de criação deste
trabalho, mas que continuam vivos em minha memória.*

Agradecimentos

À minha família, que me incentivou e incentiva em todos os meus empreendimentos, me assistindo e encorajando com muita confiança, humildade e expectativa. À Vó Maria, a maior contadora de histórias que já conheci. À minha mãe Elza, pelo afeto diário e melhor abraço do mundo. Aos meus irmãos, Felipe e Marcelo, os homens mais admiráveis e confiáveis. Tio Edson e família, conselheiro e fonte preciosa de sabedoria. Meu pai, Neilton e família, pela confiança e mensagens de apoio.

À minha amada e melhor amiga, Dâmaris Leite, por me encontrar e ser doce companheira de jornada. Por seu exercício constante de compreensão, paciência e fé, pelo precioso carinho, por me ajudar a ser melhor, por me amar bem mais do que eu conseguiria imaginar (Obrigado, meu amor).

Aos meus irmãos da Comunidade Palavra Viva de São Paulo e em todo Brasil, pelo sustento e cobertura espiritual constantes. Em especial, aos meus pastores Cleber e Tatiana, Ivan e Jeane, Odone e Nice, sempre presentes e de ouvidos atentos às minhas ansiedades, crises e lágrimas.

À minha orientadora, Dr^a Katia Rubio, quem antes conhecia de ouvir falar, mas agora de com ela andar, e que desde 2010 tem me conduzido à superação do simplismo e reducionismo com os quais eu tendia olhar para as questões sociais. Não caibo em mim de gratidão por sua paciência, pelo respeito à minha crença, ao meu ritmo, por me apresentar à pesquisa Memórias Olímpicas e aos atletas olímpicos brasileiros, me ensinar autonomia e o valor do trabalho duro, e me inserir em seu próprio processo de aprendizado e superação de paradigmas.

Aos meus amigos do Grupo de Estudos Olímpicos, por fazerem do laboratório do Centro de Estudos Socioculturais o melhor lugar para se trabalhar e se maturar acadêmica e profissionalmente. Pelas risadas e profundas discussões sobre os nossos preciosos olímpicos. Por atravessarem decisivamente a minha vida.

Aos membros da minha banca avaliadora, os doutores Marcelo Afonso Ribeiro, Anna Zimmermann, Soraya Chung Saura e Cristiane Carvalho pelos olhares e contribuições distintas, tão enriquecedoras à proposta desta dissertação.

À Escola de Educação Física e Esporte (USP) e aos membros da Comissão de Pós-graduação pelo apoio e pronto atendimento.

À CAPES, que por meio do suporte financeiro possibilitou com que eu me dedicasse mais livremente à pesquisa.

Aos bicampeões mundiais de basquetebol, cujas histórias se apresentaram a mim não só como um objeto, mas um universo de estudo, fonte de conhecimento, exemplo de vida.

À Deus, que, para mim, representa isso tudo.

“A história, mesmo que fosse eternamente indiferente ao homo faber ou politicus, bastaria ser reconhecida como necessária ao pleno desabrochar do homo sapiens”.

Marc Bloch

FERREIRA JUNIOR, N. S. **A transição de carreira dos bicampeões mundiais de basquetebol:** uma análise com base em narrativas biográficas. 2014. [123f]. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

RESUMO

Eles protagonizaram o apogeu do basquetebol brasileiro nos anos 50 e 60. Representaram o país vitoriosamente em diversas competições, sendo as conquistas dos títulos mundiais em 1959 e 1963, e as medalhas de bronze olímpicas em 1960 e 1964, os feitos mais emblemáticos. Mas embora desfrutassem de certa notoriedade por estes feitos, não foram isentos das implicações do amadorismo esportivo. A profissionalização da carreira atlética ainda era uma realidade distante para eles, e a dedicação ao esporte, para que pudesse ser legítima, tinha que ser majoritariamente voluntária e gratuita. Essas e outras configurações influenciaram decisivamente a forma como os bicampeões mundiais de basquetebol geriram suas carreiras e passaram pela transição respectivamente. O objetivo desta pesquisa foi trazer elementos para a reflexão e compreensão do fenômeno transição de carreira no esporte, analisando os significados e características deste processo por meio das narrativas biográficas dos bicampeões mundiais Wlamir Marques, Amaury Pasos, Rosa Branca, Antônio Sucar, Carlos Massoni, Luiz Claudio Menon, Jatyr Schall, Waldyr Boccardo, Friedrich Fritz e Vitor Mirshawka. Analisadas a luz do modelo de adaptação humana à transição de Schlossberg e das considerações teóricas sobre a transição de carreira no esporte, as narrativas sugeriram que a saída do papel de atleta, bem como o processo de mudança para outras esferas da vida, foram experiências decisivamente marcadas pelo momento histórico ao qual os bicampeões pertenciam. Nos tempos de amadorismo o apoio financeiro à carreira atlética era escasso, condição que requereu dos atletas a adoção de uma estratégia de gestão de carreira atlética que conjugasse prática esportiva com formação acadêmica e emprego remunerado. Esse trânsito contínuo entre carreira atlética e outros interesses estreitou a relação dos bicampeões com a vida cotidiana de maneira que seus términos e transições de carreira puderam ocorrer sem maiores dificuldades. As situações estruturantes dessa qualidade de transição caracterizam-se pela concorrência de atividades determinando a tomada de decisão pela priorização de interesses; pela possibilidade de *mover-se para dentro* ou dar continuidade à vida profissional dentro do contexto esportivo como professor, técnico ou gestor; pela possibilidade de realização em outras esferas da vida, e, por fim, pela presença de *sistemas de suporte informais* (família e amigos). As narrativas biográficas alertaram ainda para a dificuldade enfrentada pelos bicampeões no que se refere à conciliação da carreira atlética com a vida para além do esporte, bem como para a ausência de *sistemas de suporte formais* (apoio institucional, especializado, previdência social para atletas) para a transição e vida pós-atleta.

Palavras Chave: Bicampeões mundiais de basquetebol; Tempos de amadorismo; Término e transição de carreira atlética.

FERREIRA JUNIOR, N. S. **The career transitions of two-time world basketball champions:** an analysis based on biographical narratives. 2014. [123f]. Dissertation (Masters) – Escola de Educação Física e Esporte. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ABSTRACT

They played leading roles in the heyday of Brazilian basketball in the 50s and 60s. They represented the country triumphantly in a range of competitions, the most emblematic of their achievements being victories at the world championships in 1959 and 1963, and the Olympic bronze medals in 1960 and 1964. But although they enjoyed a certain level of notoriety as a result of these achievements, they weren't exempt from the implications of being amateur sportsmen. The athletic career as a profession was still a distant reality for them, and in order to be legitimate, their dedication to the sport had to be overwhelmingly voluntary and unpaid. These and other aspects decisively influenced both the way in which the two-time basketball champions managed their careers, and how they went through transitions, respectively. The objective of this research was to provide elements for the reflection and understanding of the phenomenon of career transition in sport, analyzing the significance and characteristics of this process through the narrative biographies of the two-time world champions Wlamir Marques, Amaury Pasos, Rosa Branca, Antônio Sucar, Carlos Massoni, Luiz Claudio Menon, Jatyr Schall, Waldyr Boccardo, Friedrich Fritz and Vitor Mirshawka. Analyzed in the light of Schlossberg's model of human adaptation and transition, and the theoretical reflections on career transition in sport, the narratives suggested that withdrawal from the role of an athlete, as well as the process of shifting to other spheres of life, were experiences decisively marked by the historical moment to which the two-time champions belonged. In this period where sport was an amateur affair, financial support for their athletic careers was scarce, a condition which required the athletes to adopt a strategy for managing their career which would unite sport training with education and gainful employment. This continuous compromise between athletic career and other interests gave the two-time champions such a close relationship with everyday life that the terminations and transitions of their careers were able to occur without great difficulties. The situations that give rise to this aspect of the transition are characterized by a multitude of activities making it necessary to prioritize interests; by the possibility of *staying within* or continuing with professional life within a sporting context as an instructor, coach or manager; by the possibility of success in other spheres of life, and, lastly, by the presence of *informal support systems* (family and friends). The narrative biographies brought further to light the difficulty faced by the two-time champions with regard to the reconciliation of their athletic careers with the world outside of sport, as well as the absence of *formal support systems* (institutional, specialized support, welfare for athletes) for the transition and life after sport.

Key Words: Two-time world basketball champions; Amateur periods; Termination and transition of athletic career.

LISTA DE FIGURAS

Figure 1: Wlamir Marques atuando pela seleção brasileira.....	59
Figure 2: Wlamir Marques em entrevista para o Grupo de Estudos Olímpicos (GEO - USP).	62
Figure 3: Amaury Pasos atuando pela seleção brasileira.....	63
Figure 4: Amaury Pasos em entrevista para o Grupo de Estudos Olímpicos (GEO – USP).	65
Figure 5: Rosa Branca em dia de treinamento.....	67
Figure 6: Rosa Branca em entrevista para o Grupo de Estudos Olímpicos (GEO – USP).	68
Figure 7: Sucar atuando pela seleção brasileira.....	70
Figure 8: Sucar em entrevista para o Grupo de Estudos Olímpicos (GEO – USP).....	71
Figure 9: Menon atuando pela seleção brasileira.	72
Figure 10: Menon em entrevista para o Grupo de Estudos Olímpicos (GEO – USP)...	74
Figure 11: Jathyr em dia de jogo pela seleção. brasileira.	75
Figure 12: Jathyr em entrevista para o Grupo de Estudos Olímpicos (GEO - USP).....	76
Figure 13: Carlos Massoni atuando pela seleção brasileira.....	77
Figure 14: Carlos Massoni em entrevista para o Grupo de Estudos Olímpicos (GEO-USP).	78
Figure 15: Boccardo atuando por equipe de São José dos Campos.	80
Figure 16: Boccardo em entrevista para o Grupo de Estudos Olímpicos (GEO-USP).	81
Figure 17: Fritz atuando pela seleção brasileira.	82
Figure 18: Fritz em entrevista para o Grupo de Estudos Olímpicos (GEO-USP).....	83
Figure 19: Vitor atuando pela seleção brasileira.	85
Figure 20: Vitor em entrevista para o Grupo de Estudos Olímpicos (GEO-USP).	86

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Representação de um processo de construção da narrativa biográfica de atletas olímpicos brasileiros.	56
Tabela 2: Representação, por idade, das fases da carreira atlética dos bicampeões.....	89

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. OBJETIVO	20
3. REVISÃO DE LITERATURA	21
3.1 A era dos bicampeões mundiais.....	21
3.1.1 Tempos de amadorismos	25
3.1.2 Profissionalismos em tempos de amadorismo: implicações para a transição de carreira atlética	28
3.1.3 Transições de carreira atlética em tempos de amadorismo no Brasil	30
3.2 Aproximações teóricas à transição de carreira atlética	32
3.2.1 Gerontologia.....	32
3.2.2 Tanatologia.....	34
3.3 Características e especificidades da transição de carreira atlética	35
3.3.1 Transição de carreira atlética forçosa.....	35
3.3.2 Transição de carreira atlética voluntária	38
3.3.3 Possibilidades de um novo olhar sobre os paradoxos da transição no esporte	41
3.5 Modelo de adaptação humana à transição	45
3.5.1 Conceitos.....	45
3.5.2 Os 4S's da transição	48
3.5.3 Características de um processo transição	49
4. MÉTODO.....	51
4.1 Por que o atleta olímpico brasileiro	51
4.1.1 Narrativas biográficas de atletas olímpicos brasileiros	52
4.1.2 A história oral e a memória	52
4.1.3 Procedimentos de entrevista e tratamento dos dados	55
4.1.4 Os colaboradores e os procedimentos de análise	57
5. ANÁLISE DOS DADOS	58
5.1 A transição na trajetória dos bicampeões.....	58
5.1.1 Wlamir Marques.....	58
5.1.2 Amaury Pasos.....	63
5.1.3 Rosa Branca.....	66
5.1.4 Sucar.....	69

5.1.5 Menon.....	72
5.1.6 Jatyr Schall	75
5.1.7 Mosquito.....	77
5.1.8 Boccardo.....	79
5.1.9 Fritz	81
5.1.10 Vitor Mirshawka	84
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES	87
6.1 Características e significados atribuídos ao término e à transição de carreira atlética.....	87
6.2 Característica individuais nos processos de término e transição de carreira atlética	97
6.3 Suporte Social	103
6.4 As estratégias de transição de carreira dos bicampeões.....	108
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
9. ANEXO	124

1. INTRODUÇÃO

Quando penso sobre o que me despertou o interesse pela transição de carreira atlética, as primeiras coisas que me vêm a memória são minhas experiências como jogador de basquetebol.

Aos 12 anos, acompanhado por minha mãe, fui até o Continental Parque Clube tentar a sorte numa equipe mirim que se preparava para o Campeonato Estadual em 1998. Lembro-me bem da descarga de adrenalina que os quiques de bola misturados às palmas e vozes de incentivo me causavam enquanto me aproximava da porta do clube. Penso que iniciou-se ali um processo particular de identificação com um papel social e cultural que influenciaram decisivamente os rumos que passei a dar à minha vida.

Trazia comigo capacidades previamente adquiridas por meio da prática da capoeira no quintal de casa e do handebol na escola. Somado a uma boa estatura que atendia com precisão as exigências do jogo, não precisei passar por teste. Fui logo integrado ao grupo que, dispensando apresentações, me introduziu na dinâmica do treinamento. As palmas e gritos de incentivo outrora ouvidos, agora faziam todo sentido: compunham a trilha sonora de uma complexa e ao mesmo tempo desafiante sequência de exercícios. O sentimento de ser um peixe fora d'água aos poucos foi sendo substituído pela certeza de estar fazendo parte não só de um grupo, mas de um grande projeto.

Envolto com esse espírito, aperfeiçoava-me nos fundamentos do jogo e, paulatinamente, conquistava meu espaço na equipe. Bastaram alguns meses para que minhas habilidades fossem colocadas à prova; e não decepcionei! A essa altura eu já estava habituado à linguagem da equipe e sabia canalizar as orientações mais enérgicas do técnico. Em outras palavras, estava imerso em um processo por meio do qual me formaria atleta!

Junto com meus colegas de equipe, dividi a responsabilidade de representar o emblema do clube e a vontade de um dia chegar à categoria profissional, bem como às seleções estadual, brasileira e à NBA! Achava que tudo era apenas uma questão de esmero e tempo.

Na condição de um dos jogadores mais altos do grupo, fui precocemente especializado na função de pivô. E embora eu apresentasse relativo domínio em baixo do garrafão, comecei a perceber que minhas qualidades tinham prazo de validade. Só não sabia que este venceria tão logo. O fato é que meu processo de crescimento corporal já havia atingido seu limiar e com o passar do tempo fui ficando baixo para a função que exercia. Os

dias assim passavam e com eles as chances de progredir nas categorias seguintes. Pensei: “e agora”?

A equipe já estava bem servida de laterais e armadores, mas como eram as únicas posições possíveis para alguém da minha estatura, comecei a treinar em dobro e por conta própria, visando realizar a transição *na* carreira. Nesse momento a alegria pela proximidade da conquista do campeonato paulista fora substituída por uma angustiante sensação de desajustamento e incerteza sobre o futuro. De atleta exemplar passei a causar incômodo no grupo e criar atrito com o técnico. Consciente de minha importância para os planos da equipe, me dei o direito de fazer exigências: jogar, só se for em outra posição e recebendo ajuda de custos para treinar!

Na busca desordenada pela condição ideal, passei a chegar no clube horas antes do treino para fazer séries de arremessos, dribles e exercícios de agilidade. Os estudos, deixei a esmo, e os treinos com a equipe tornaram-se estorvo. Foi nesse período que desenvolvi tendinite patelar nos joelhos e cheguei ao limiar de minhas forças emocionais ao me deparar com o final de uma carreira atlética que mal havia começado. No ápice da minha angústia e negação, decidi abandonar a equipe no meio da temporada para buscar alternativas em outros clubes e me recuperar da lesão – mas sem sucesso. Eu não tinha completado 20 anos quando tive que deixar de ser atleta de alto nível.

Passado esse período, recolhi o que havia aprendido com a dura experiência e comecei a alimentar novos interesses e sonhos. A condição de *pós-atleta* (RUBIO, 2014: 110)¹, ou seja, a perenidade com que a experiência esportiva me marcou pessoal e socialmente, me ajudou a conquistar uma bolsa de estudos universitária, por meio da qual dei início a uma nova carreira e projeto de vida próximos daquilo que vivi como atleta. Do sonho não realizado à construção de um novo, muitas coisas precisaram se completar num processo de transição que hoje entendo ser particular e contínuo, o qual tem me levando a conhecer experiências semelhantes à minha, bem como as muitas formas de olhar o fenômeno.

¹ Quando iniciou sua busca pelos atletas medalhistas, a pesquisadora encontrou vários desses personagens na condição de “pós-atletas”, ou seja, com a ruptura entre presente e passado materializada, mas com parte significativa de suas vidas marcada pela competitividade, glórias e visibilidade que sua atividade anterior lhes proporcionou. Alguns desses atletas tiveram suas identidades indelevelmente associadas àquilo que foram, outros, guardam com grande apreço estas mesmas imagens em diferentes registros ou, de maneira nítida, dentro da própria memória. A depender de como se deu o processo de construção da nova identidade ou mesmo do sucesso alcançado após a mudança, a narrativa construída como “sujeito do presente” carrega com cores mais acentuadas ou tênues as glórias e dissabores do passado. Mesmo que muitos anos tenham passado, essa narrativa vem carregada de uma mescla confusa entre o passado e o presente, com referências recorrentes a um sujeito que já não mais existe, mas que permanece maior e mais forte do que a pessoa que narra a própria trajetória no presente.

Quando comecei a participar do Grupo de Estudos Olímpicos da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (GEO-EEFE-USP) em 2010, tive a oportunidade de acessar inúmeras histórias de atletas e pós-atletas olímpicos de diferentes modalidades e momentos históricos do esporte, cujas narrativas biográficas me sugeriram questões de estudo diversas, sendo a transição de carreira o assunto que mais intrigou. Embora receba pouca atenção das Ciências do Esporte no Brasil, o tema passou a receber crescente especulação da mídia esportiva. A questão também se estendeu até o Governo Federal que no início do ano de 2014 aprovou uma lei que confere prêmio especial e remuneração mensal de aposentadoria aos ex-jogadores de futebol que participaram das conquistas das Copas do Mundo em 1958, 1962 e 1970.²

Nessa mesma direção, chamou-me a atenção a história dos bicampeões mundiais do basquetebol, que entre as décadas de 1950 e 1970 protagonizaram o período de maior prestígio da modalidade no Brasil, representando vitoriosamente a seleção nacional em Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos. A época em que foram atletas determinou significativamente a forma como administraram suas carreiras atléticas e realizaram a transição para a vida pós-atleta. Esse foi um dos motivos que levou os membros do GEO e eu a ir até os bicampeões para ouvir suas histórias de vida. No alto dos seus 75 anos, os pós-atletas compartilharam suas memórias e nos contextualizaram sobre o que era trilhar carreira atlética nos tempos de amadorismo. Por meio de suas narrativas, busquei compreender um pouco mais do fenômeno transição. Ao longo desse processo outras questões surgiam, requerendo mais elementos que permitissem a compreensão do terreno sobre o qual estava pisando. Inevitavelmente, algumas questões ficaram sem resposta.

O término da carreira atlética marca o início de um processo de transição que pode levar o atleta a se questionar: “será que o que fiz valeu a pena?”; “vivi suficientemente a experiência atlética?”; “alcancei o propósito que me levou a me engajar nesta empreitada?”; “parei na hora certa?”; “o que vem depois?”; “o que serei?”; “como serei?”. Entender que as realizações no esporte são provas suficientes do direito a uma vida digna fora dele seria uma primeira resposta para algumas destas perguntas. Ora, tendo dedicado boa parte da juventude defendendo emblemas, cidades e o país, não merecia ser o atleta reconhecido e lembrado?

² BRASIL. LEI Nº 12.663, DE 5 DE JUNHO DE 2012. Lei nº 12.663, de 5 de junho de 2012, que dispõe sobre as medidas relativas à Copa das Confederações Fifa 2013, à Copa do Mundo Fifa 2014 e à Jornada Mundial da Juventude 2013, que serão realizadas no Brasil; altera as Leis nos 6.815, de 19 de agosto de 1980, e 10.671, de 15 de maio de 2003; e estabelece concessão de prêmio e de auxílio especial mensal aos jogadores das seleções campeãs do mundo em 1958, 1962 e 1970”, e legislação correlata –**Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.**

Diferentemente de outras ocupações, o tempo é o pior e mais implacável adversário do atleta, pois ao passo em que se esvai, vão também as chances de realização do sonho olímpico. Mas, das incertezas e temores que cercam essa fase da carreira atlética nem mesmo os atletas vitoriosos e proeminentes estariam isentos, visto que retornar de uma jornada triunfante não é apenas uma questão de decisão, mas de se “estar preparado” e saber fazer o caminho de volta. Se para chegar à condição olímpica o atleta teve que abdicar de outros interesses e projetos, engajar-se em novos desafios e papéis não é tarefa fácil, principalmente se realizada sem prepraro e solitariamente.

O término da carreira atlética é, para muitos atletas, uma experiência solitária e de futuro incerto, pois não correspondendo à racionalidade produtiva do esporte moderno, ocorre longe das vistas dos expectadores, clubes e especialistas, mais voltados para a fase de alto desempenho (OGILVIE & TAYLOR, 1993). Na maioria das vezes esse evento acontece abrupta e precocemente, demandando recursos de enfrentamento que o atleta não pode desenvolver plenamente. Por outro lado, quando a transição ocorre como reflexo de uma livre escolha, cercada de recursos e suporte, mais do que um fim, ela se torna o ponto de partida para novas experiências.

Além dessa ambivalência, uma das maiores dificuldades enfrentadas por pesquisadores da área é saber qual caminho teórico seria suficiente para responder e sustentar conclusões sobre os determinantes de uma transição de carreira atlética “bem sucedida” e “mal-sucedida”. As primeiras hipóteses derivaram de análises extraídas de grupos de atletas profissionais (masculinos e europeus) com base nas teorias gerontológica e tanatológica, sugerindo, em um primeiro momento, que a transição de carreira atlética é uma experiência inevitavelmente traumática (MIHOVILOVIC, 1968; ROSENBERG, 1981). Mas diante do vasto e diversificado campo que se abriu à interpretação do fenômeno a partir da aplicação de teorias multifatoriais de transição, considerou-se, num segundo momento, ser precoce fechar conclusão acerca do tema. A transição de carreira atlética não pode ser compreendida de maneira descontextualizada e dissociada das forças socioculturais que a influenciam (COAKLEY, 1983; GREENDORFER & BLINDE, 1985; STAMBULOVA & ALFERMANN, 2009).

Primeiras correspondências a esse último apontamento foram desenvolvidas durante os anos 80 (COAKLEY, 1983; GREENDORFER & BLINDE, 1985), coincidindo com o crescimento dos estudos quali-quantitativos e o surgimento de programas de transição de carreira para atletas na América do Norte e Leste Europeu (WYLLEMAN, LAVALLEE & ALFERMANN, 1999). Anos mais tarde, modelos teóricos voltados às especificidades da

carreira atlética, bem como enfoques transculturais, passaram a ganhar espaço e a reforçar ainda mais o caráter multifacetado da transição (ALFERMANN, STAMBULOVA, ZEMAITYTE, 2004; STAMBULOVA & ALFERMANN, 2009).

Tais pesquisas partem do contexto histórico para demonstrar como forças político-ideológicas durante o século XX influenciaram o desenvolvimento do esporte, bem como concepções de carreira atlética e transição. Enquanto o atleta era concebido como defensor dos interesses de Estado (característica de modelos centralizados de gestão esportiva), sua carreira e vida pós-atleta eram amplamente assistidas. Já em países onde as características de gestão do esporte seguiam modelos mais descentralizados, a carreira atlética e a transição eram experiências de integral responsabilidade do atleta (OGILVIE & TAYLOR, 1993).

Essa conjuntura histórica me sugeriu que, no que se refere à compreensão do fenômeno transição, não basta saber como, mas com quem, onde e quando a experiência de transição ocorreu. Neste sentido, o uso de métodos e testes estatísticos acaba sendo pouco útil se levado em consideração que a transição se caracteriza, essencialmente, por intensidades, duração, processo, tomada de decisão e significados (GREENDORFER & BLINDE, 1985). O aporte teórico aqui adotado, portanto, visou possibilitar a compreensão destas interconexões, pensando a biografia do atleta como uma realidade narrativa capaz de concentrar estes elementos.

Pensando o papel da biografia no processo de compreensão da transição de carreira atlética foi que adotei as Narrativas Biográficas dos Atletas Olímpicos Brasileiros (RUBIO, 2001; 2004a; 2004b, 2014) como método, conjunto de procedimentos oriundos da história oral e dos estudos da memória (HALBWACHS, 2006; MEIHY & HOLANDA, 2007) que orienta um processo distinto de entrevista, produção narrativa e análise, permitindo com que os atletas e pós-atletas, ao falarem de suas trajetórias livremente, considerem fatos e experiências que para eles foram e são significativos e que ajuda ao pesquisador a compreender quem foram e quem são (RUBIO, 2001). Essa construção narrativa possibilita uma visão distinta sobre o que e como determinadas fases da vida são vivenciadas e significadas pelo protagonista do esporte, desde os fatores que o levaram a ingressar, aos fatores que determinaram sua saída desse papel. O método é construído a partir de uma interação específica entre pesquisador e narrador, na qual o primeiro solicita ao segundo que este *conte sua história* (RUBIO, 2001, 2004a; 2004b; 2006; 2007; 2008), permitindo com que o narrador, ao acessar suas memórias, integre as dimensões cotidiana, afetiva e cultural que estruturam suas experiências.

No Brasil, o término e a transição de carreira atlética ainda não se destacaram enquanto experiências distintas de outras aposentadorias e situações de transição em âmbito ocupacional. A produção científica sobre o tema ainda é escassa e os programas de transição são restritos a grupos específicos de pós-atletas.³ Somado a isso, o país vive um momento singular na sua história em que o empreendimento olímpico tem ganhado cada vez mais espaço na agenda de prioridades políticas e empresariais. O que tem concentrado maior preocupação e investimento nas fases de desenvolvimento e produtividade da carreira atlética, em detrimento das fases de destreinamento, término e transição. Preocupados com essa situação, no ano de 2009 membros da comunidade científica, esportiva e governamental brasileira se reuniram no I Seminário Internacional de Destreinamento e Transição de Carreira para discutir a construção de políticas voltadas para o tema, o que resultou na criação da chamada Carta de São Paulo sobre Destreinamento e Transição de Carreira.⁴ O documento aponta diversos campos de investigação sobre a transição, dentre as quais se destaca a valorização das histórias de vida dos atletas e pós-atletas brasileiros no que se refere a estruturação de medidas que compreendam as especificidades da aposentadoria no esporte.

A presente pesquisa, por sua vez, vem contribuir com a ampliação deste conhecimento, focando especificamente as experiências dos atletas olímpicos dos tempos de amadorismo. Grupo que apesar de compreender mais da metade do total de atletas olímpicos nacionais, recebeu poucas considerações sobre esta última fase da carreira atlética e seus desdobramentos.

Curiosamente, nos últimos dez anos essa temática tem recebido ampla visibilidade mediante matérias jornalísticas com pós-atletas que, embora tenham sido reconhecidos no passado, amargam um presente marcado por esquecimento social, problemas financeiros e condições de saúde críticos. O grande paradoxo encontra-se no fato de que, quando jovens, estes atletas atenderam gratuita e voluntariamente as convocações de clubes e seleções

³ O Programa de Apoio ao Aleta (PAA) é organizado pelo Instituto Olímpico Brasileiro (IOB), ligado ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB), que oferece a atletas de alto nível estágios em áreas distintas, auxílios financeiros e cursos de capacitação relacionados à carreira pós-atleta. Disponível em: [http://citrus.uspnet.usp.br/lateca/web/images/sipear2013/sipear_palestra2_cob.pdf].

⁴ O Seminário Internacional de Destreinamento e Transição de Carreira Esportiva foi a primeira oportunidade de atletas, pós-atletas, técnicos, dirigentes esportivos, psicólogos, médicos, profissionais de Educação Física e de outras áreas relacionadas ao esporte no Brasil de discutir e analisar a transição de carreira e a criação de políticas públicas direcionadas ao tema. No final do evento, que contou com o apoio do Ministério do Esporte, foi elaborada a Carta de São Paulo sobre Transição de Carreira Esportiva, documento que norteia ações concretas para a construção de políticas públicas e soluções para os problemas relacionados ao final da carreira esportiva. Disponível em: [http://esporte.gov.br/index.php/noticias/24-lista-noticias/39180-ministerio-do-esporte-amplia-discussao-sobre-destreinamento-esportivo].

brasileiras para representá-los nas mais diferentes competições. Porém, ser atleta naquela época não era sinônimo de ascensão financeira e tão pouco considerado carreira profissional ou algo digno de remuneração (RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012). Enquanto a interpretação do código amador se fragmentava em outros países (DOHERTY, 1960; PITCHFORD, 2013), no Brasil, os atletas pareciam viver sob constante vigilância e restrições. Tensão que levou muitos deles a buscarem alternativas de manutenção do sonho olímpico estabelecendo acordos com instituições acadêmicas e empresas as quais estavam vinculados para que pudessem participar de períodos de concentração e competições internacionais. Acordos que nem sempre os isentava de perder semestres letivos, salários, e de responder a ordens de demissão por “abandono do trabalho” (RUBIO, 2004a; 2004b; RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012). Ainda que viessem a ser remunerados pelo que faziam, os valores recebidos não ultrapassavam o ganho de um profissional não-atleta, que diferentemente do atleta, tinha o seu direito à aposentadoria garantido. Em essência, a era dos atletas *super stars* e milionários ainda estava no seu alvorecer (HOBSBAWM, 1994).

Se durante a carreira esportiva o atleta dos tempos de amadorismo não podia esperar reconhecimento financeiro, tão pouco este viria na fase de transição. Encerrar a carreira nessa época implicava uma preparação de integral responsabilidade do atleta e envolvia busca por formação acadêmica e exercício profissional remunerado paralelamente à prática esportiva (RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012). Essa condição teria garantido transições relativamente suaves para o mercado de trabalho, visto que os atletas já estavam familiarizados ao mesmo.

2. OBJETIVO

O objetivo desta pesquisa foi trazer elementos para a reflexão e compreensão do fenômeno transição de carreira no esporte, analisando os significados e características deste processo por meio das narrativas biográficas dos bicampeões mundiais de basquetebol.

3. REVISÃO DE LITERATURA

Transições são inerentes à carreira de todo atleta, mas suas causas, implicações, significados e formas de enfrentamento se distinguem conforme cada indivíduo, contexto e momento histórico (STAMBULOVA & ALFERMANN, 2009; RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012). Neste sentido, o esforço intelectual das próximas páginas é tentar reunir alguns dos principais eventos que constituíram a época dos bicampeões mundiais de basquetebol e que influenciaram a construção dos significados de suas carreiras atléticas e respectivas transições.

3.1 A era dos bicampeões mundiais

Percorrer o contexto em que os pós-atletas atuaram não é tarefa simples, principalmente quando o terreno a ser explorado é dos mais tempestuosos: o século XX. Ainda assim, é impossível desconsiderar os conflitos políticos, bélicos, quedas e ascensões de grandes potências, avanços tecnológicos e crises morais ocorridas neste período, que atravessaram o esporte e influenciaram decisivamente as representações sociais sobre o seu protagonista (RUBIO, 2001).

O esporte moderno é apresentado por Eric Hobsbawm (1994) como um importante elemento da cultura humana que refletia as mudanças sociais, ao mesmo tempo em que influenciou. A quebra dos paradigmas que até meados do século XIX limitavam a prática esportiva à aristocracia marcou o início de um processo de alternância de abordagens sobre o esporte, articulado segundo os interesses da já citada aristocracia, mas também da classe trabalhadora, dos Estados e da cultura do espetáculo (GONZALEZ, 1993; RUBIO, 2001; 2010).

O momento histórico em que os bicampeões percorreram suas carreiras pode ser classificado também como *fase de conflito* (RUBIO, 2010), quando os eventos esportivos passam a sofrer os efeitos das guerras e se tornam palco de embates políticos internacionais. Para muitos países, assim como para o Brasil, os Jogos Olímpicos eram a oportunidade de demonstração da força e identidade nacional. É certo que estes embates no campo esportivo refletiam os tempos de guerra e a era das catástrofes ao redor do mundo, mas no âmbito esportivo legitimava-se a crença de que quanto mais alto fosse o lugar alcançado no pódio olímpico pelo atleta nacional, mais fortalecida ficava a imagem do país no cenário

internacional (TABORDA, 2012).

Segundo Murray (1992) os Jogos Olímpicos de Berlim em 1936 foram organizados mais em favor da ideologia nazista do que do olimpismo pregado por Pierre Coubertin, seu principal idealizador. Embora tomasse essa situação para repensar o papel dos Jogos Olímpicos no mundo, o Comitê Olímpico Internacional (COI) pouco pode fazer diante da imensa estrutura que o Estado alemão edificara para fazer sua propaganda ideológica. Paradoxalmente, o próprio Coubertin e o então presidente do Comitê Olímpico Americano, Avery Brundage, não economizaram elogios ao evento, enquanto outros, diante das visíveis as contradições, entendiam que o espírito olímpico havia sido sacrificado, não concebendo a ideia de que a honra de um país pudesse depender de um chute a gol, segundos a menos ou metros a mais na competição (MARVIN, 1982; MURRAY, 1992).

Embora Coubertin tivesse suas ideias emolduradas em bronze durante a cerimônia de abertura dos Jogos, o que se assistiu em Berlim foi a luta de um governo pela afirmação da superioridade nacional e da sua “raça”. Segundo a imprensa da época, era nítida a presença de interesses e expectativas de Estado envolvendo não só a organização de um evento, mas a motivação de atletas para a competição, os quais, em resposta ao alto investimento financeiro recebido, acabaram liderando o quadro geral de medalhas do evento (MURRAY, 1992; RUBIO, 2004a; 2010). Isso mostra que em muitas ocasiões e regiões por onde passaram, os ideais olímpicos não habitaram mais do que o plano das ideias, visto que o terreno da sua prática estava tomado por questões de poder que não tinham hora para acabar.

O pós-guerra, a partir da segunda metade do século XX, não representou a cessação de conflitos entre nações. Países destruídos pelas guerras fizeram da competição esportiva espaço de demonstração de conflitos de forma sublimada ou metaforizada (RUBIO, 2010). Estados Unidos e União Soviética, outrora aliados contra o nazismo na Segunda Guerra Mundial, dividiam o mundo em dois segmentos reciprocamente hostís: o bloco capitalista, representado pelos Estados Unidos, e o bloco socialista, encabeçado pela então União Soviética. A tensão gerada entre as duas correntes trouxe de volta os temores da guerra e a possibilidade de uma catástrofe nuclear capaz de extinguir a humanidade. Esse conflito, porém, limitou-se às especulações, à corrida tecnológica e armamentista. Mas, uma das situações que melhor resgata essa memória é sem dúvida a demonstração de superioridade esportiva protagonizada entre os dois países em Jogos Olímpicos e quadro de medalhas (GUTTMANN, 1988; RUBIO, 2010).

Esses exemplos sugerem que concepções de “carreira atlética” teriam nascido nesse período em que Estados em conflito passaram a se apropriar do esporte como ferramenta

política, patrocinando atletas e utilizando seus desempenhos como amostras de poderio (ALFERMANN, STAMBULOVA & ZEMAITYTE, 2004; STAMBULOVA & ALFERMANN, 2009). É certo que outras circunstâncias influenciaram esse processo de transformação como, por exemplo, o desenvolvimento e democratização dos meios de comunicação (HOBSBAWM, 1994).

Rubio (2010) considera que a transmissão televisiva de competições teve um papel crucial nas transformações dos valores do esporte moderno e das representações sociais sobre o seu protagonista. Segundo a autora, os Jogos Olímpicos de Roma em 1960 teriam representado o início de uma nova ordem comercial, em que o desempenho do atleta passou a ser associado a marcas e produtos. Sintomas dessa relação de patrocínio de atletas, ou da transformação dos mesmos em anunciadores de marcas, já se manifestavam desde a primeira metade do século XX, conforme Smit (2007) identificou.

Entre conflitos e inovações tecnológicas germinava carreiras atléticas profissionalizadas, mas esta abordagem coexistia com nuances e tensões entre o conservadorismo aristocrático, então regulador do esporte, contra a nova ordem comercial e feições pós-modernas de mundo (BOURDIEU, 1983). A resistência dos poderes do esporte se estenderia até meados dos anos 80 como uma espécie de manifesto moral diante das implicações que a relação dinheiro e atleta trazia à integridade da instituição esporte (SALLES & SOARES, 2002; RUBIO, 2004a; GIGLIO, 2013).

Configurações distintas de carreira atlética emergiam dos Estados Unidos nos anos 1900, ganhando força após a Grande Depressão e, principalmente, a partir dos anos 1950, dada a boa fase da economia pós-guerras e a emergência da cultura de consumo. Segundo Goudsouzian (2010), ao passo em que as *National Leagues* se tornavam espetáculos cada vez mais atraentes para o público, também passaram a ser empreendimentos comerciais rentáveis para os atletas. No entanto, as modalidades esportivas de massa norte-americanas, beisebol, futebol e basquetebol se consolidaram como eventos profissionais e de massa apenas em seu território. Semelhantemente, modalidades esportivas populares de origem britânica como o cricket, tennis e rugby se firmaram apenas onde a bandeira inglesa drapejava (HOBSBAWM, 1994; 2006).

A modalidade esportiva que o mundo chamou de sua, cuja carreira profissional logo se tornou corrente entre os seus praticantes ainda em meados do século XIX, foi o futebol. Constituído por regras simples e livre de equipamentos complexos, o jogo disseminou-se de maneira distinta e para além dos muros dos clubes ingleses, alcançando a classe trabalhadora e, através das transmissões de rádio e TV, a admiração do grande público. Essa condição

possibilitou que a prática da modalidade se ramificasse às mais diversas dimensões, do lazer ao espetáculo profissionalizado, transcendendo assim o paradigma amador defendido pelos aristocratas (HOBSBAWM, 1994; GIGLIO, 2013).

Modalidades esportivas denominadas olímpicas permaneciam sob a tutela das *National Amateur Federations*, coorganizadoras dos Jogos Olímpicos e demais competições internacionais.⁵ Até meados dos anos 1970 ainda era possível perceber reflexos do turbulento processo de transição do amadorismo para o profissionalismo em contraste entre o empirismo do esporte praticado em alguns países, coexistindo com as inovações, tendências e aparatos de última geração utilizados por outros. Atletas brasileiros chegavam a viajar dias de navio ou aviões militares para chegarem às competições olímpicas. Sem dinheiro e qualquer tipo de apoio de seus dirigentes, competiam com materiais emprestados por seus próprios adversários (RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012).

Segundo Hobsbawm (1994) até então a carreira atlética não refletia as forças do capitalismo, principalmente nos países ditos de terceiro mundo. Os grandes nomes do esporte ainda eram amadores ou profissionais cujos salários não superavam significativamente o ganho de profissionais não-atletas. Em suma, a fase da carreira atlética profissional e seus *superstars* ainda estava no alvorecer e, para os bicampeões e outros tantos heróis olímpicos daquela época, era uma distante realidade (OGILVIE & TAYLOR, 1993; HOBSBAWM, 1994; RUBIO, 2004b; RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012).

Isto posto, é razoável sugerir que a Era dos Bicampeões foi marcada por um momento de ruptura do presente com o passado em que velhas estruturas e sistemas de referência estavam se fragmentando, ao mesmo tempo em que novas concepções de mundo emergiam. Em diversos países, movimentos sociais questionavam a cultura e a ordem preestabelecida para as relações de gênero, religiosas, étnicas, de trabalho e políticas, frustrando ideais modernos de civilização e inalgurando um estado de incerteza (HALL, 2002). O amadorismo é justamente posto em questão quando sua pressuposição universal passa a ser deslocada pelas múltiplas interpretações e pelos “amadorismos” regionais que ruíam de dentro para fora as próprias bases do Comitê Olímpico Internacional (COI) (SALLAES & SOARES, 2002; RUBIO, 2004a; 2010).

⁵ XIV OLYMPIAD. The Official Report of Organizing Committee for the XIV Olympiad, 1948. Disponível em: <http://olympic-museum.de/o-reports/report1948.htm>

3.1.1 Tempos de amadorismos

A aplicação do termo amadorismo no plural é uma forma de sublinhar a diversidade com que o código foi concebido por atletas, clubes, federações e seus respectivos países ao longo do século XX. Como descrito inicialmente, as transformações pelas quais passava a sociedade durante todo esse centenário abalavam as estruturas do COI, que sem sucesso tentava esclarecer para o mundo o que era ser amador (DOHERTY, 1960; GIGLIO, 2013).

Segundo Pitchford (2013) o amadorismo se tornou filosofia reguladora da prática esportiva no final do século XIX, mas seus princípios remontam uma moral dos tempos da Antiga Grécia (RUBIO, 2002) quando se entendia que a presença do dinheiro na arena esportiva macularia o ritual agonístico chamado esporte, submetendo a motivação do atleta à busca de um objetivo externo em detrimento da “elevação do espírito”. Pitchford (2013) cita ainda que a dicotomia amadorismo-profissionalismo foi encarada de forma muito mais rigorosa quando classes distintas de atletas começaram a aparecer e a se destacar no cenário esportivo, obrigando os reguladores do esporte, ainda no século XIX, a pensarem um amadorismo que separava os menos hábeis (ditos amadores) dos mais hábeis (ditos profissionais), reservando aos primeiros o âmbito internacional e olímpico, e aos últimos o âmbito nacional e regional.

Embora fosse uma instituição de vocação apolítica, o COI estava inevitavelmente condicionado aos conflitos internacionais e às forças do capitalismo cada vez mais presentes nas edições olímpicas. A transgressão do amadorismo era algo inerente a este contexto, pois na medida em que representações nacionais passaram a ser colocadas em um mesmo espaço para que suas habilidades fossem comparadas, desqualificadas e premiadas, modelos de gestão esportiva entravam em jogo. Se medalhas olímpicas reforçavam suposições de superioridade de um país sobre o outro, a abordagem dos Estados sobre os protagonistas do esporte, então, não poderia ser amadora. Assim, de desinteressado amante da prática esportiva o atleta passou a ser alvo principal de expectativas e investimentos para que pudesse se dedicar ao máximo à sua arte e pudesse representar vitoriosamente o seu país em competições (GUTTMANN, 1988; MURRAY, 1992).

Isso mostra que o amadorismo não era o único paradigma a influenciar a carreira atlética. Panoramas culturais, políticos, geográficos e econômicos em constante mudança e efervescência também determinavam seus rumos e representações (RUBIO, 2004a). A

metáfora da Guerra, por exemplo, deu ao atleta status de guerreiro, defensor e representante da nação, colocando a sua ação/trabalho em patamares acima do caráter amador ou mesmo profissional (MURRAY, 1992).

A ideia que países capitalistas e socialistas tinham em relação ao papel desempenhado por seus atletas era antagônica à proposta do amadorismo instituído pelo COI, embora essa contradição nunca fosse abertamente afirmada (GUTTMANN, 1988). Os supostos “amadores” praticavam esporte nos mesmos termos que os profissionais. Países que efetivamente ofereciam suporte financeiro e estrutura aos seus atletas tinham que apenas justificar ao COI suas posturas ditas “não menos amadora”, condição que só foi tolerada devido à intermediação de membros do próprio COI e outros Comitês locais, que mesmo sabendo que o amadorismo estava sendo falseado ou completamente ignorado, faziam vistas grossas a essa situação (GUTTMANN, 1988; SALLES & SOARES, 2002).

Países do bloco socialista defendiam o discurso de que seus atletas eram beneficiários de uma política de distribuição igualitária de bens sociais e, portanto, eram amadores legitimamente aptos a pisar a arena olímpica. Na verdade esses atletas eram militares em sua maioria, cujo serviço prestado ao Estado garantia-lhes o tempo e a estrutura necessários para que pudessem se dedicar ao esporte (GUTTMANN, 1988; GIGLIO, 2013). Diferentemente de outros países em que a estrutura política e econômica estava fundamentada no capitalismo e seus atletas dependiam de iniciativas privadas, informais, ou das universidades, para que pudessem seguir com a carreira atlética (OGILVIE & TAYLOR, 1993; SMIT, 2007).

Pitchford (2013) considerou que os norte-americanos não se entusiasmaram menos com o amadorismo, mas consideravam o código mais como uma construção ideológica do que um conjunto de regras aplicáveis ao cotidiano do atleta de alto nível. O resultado dessa interpretação pode ser traduzido nas mais de 2500 medalhas que a delegação estadunidense conquistou ao longo de sua história nos Jogos Olímpicos. Esta conjuntura mostra que a compreensão do amadorismo implica a análise não só da sua dimensão conceitual, mas das múltiplas interpretações, propósitos e fragmentações que o código sofreu e que influenciaram direta e indiretamente a dimensão prática da carreira atlética.

Enquanto fundamento do Olimpismo Moderno, inaugurado por Coubertin, o amadorismo foi defendido como uma “questão de espírito”, em que o esforço do atleta deveria ser uma expressão de origem essencialmente interna, por prazer (RUBIO, 2001; 2002). Segundo Müller (2004) Coubertin estaria mais interessado no quanto o amadorismo poderia contribuir para essa atitude do que necessariamente com as possíveis implicações negativas

da profissionalização. Em suas memórias publicadas em 1997, o barão tentou esclarecer uma última vez que o amadorismo significava (RUBIO, 2004a, p. 64).

...servia como pano de fundo para reunir os participantes do Congresso que tinham por objetivo recriar os Jogos Olímpicos. Diante da importância do tema nos círculos esportivos, eu sempre apresentei o entusiasmo necessário, mas era um entusiasmo sem convicção real. Minha própria concepção de esporte sempre foi diferente de um grande número de membros da Academia – se não da maioria. Para mim o esporte era como uma religião, com suas igrejas, seus dogmas e seus serviços... mas, acima de tudo um sentimento religioso.

Enquanto regra, o amadorismo foi equivocadamente concebido como princípio capaz de garantir a igualdade entre adversários, por isso o atleta que o transgredia, quando identificada a infração, podia ser desqualificado e até banido do esporte (RUBIO, 2004a). Foram muitas as tentativas de membros influentes do COI de estabelecer uma linguagem comum sobre o que era ser amador. Das reuniões em que se pensava essa questão nasciam questionários dirigidos às confederações, federações, associações e universidades para que expressassem sua compreensão acerca do que queria dizer o código (GIGLIO, 2013). Mas as diferentes respostas que retornavam sinalizava que a profissionalização da carreira atlética e do esporte de um modo geral era inevitável. Ainda assim estipulava-se que: ao atleta que se pretendia amador estava terminantemente proibido competir contra ou com profissionais; atuar como profissional em uma modalidade e em outra não; ser profissional do esporte como não-atleta ou receber qualquer espécie de gratificação em troca do desempenho. Esse posicionamento do COI tinha como objetivo impedir o crescimento dos semiprofissionalismos e seus desdobramentos, mantendo intacta tanto a condição do esporte como “referência moral” para o mundo, como o COI sendo a instituição maior de regulação do esporte internacional (MÜLLER, 2004; GIGLIO, 2013).

Como a fala de Coubertin em destaque sugeriu, a aristocracia era a classe que detinha boa parte do poder sobre as regras e federações esportivas. Ao defender persistentemente a ideia de que o atleta amador era todo aquele que “sempre” praticou esporte por prazer, gratuita e voluntariamente, tentava ocultamente excluir da arena esportiva a classe trabalhadora, reservando a prática esportiva àqueles que não precisavam receber dinheiro através dela e que ao mesmo tempo tinham condições de sustentá-la. Isso trouxe implicações morais dicotômicas para o atleta que, se pertencente à aristocracia, era considerado excêntrico, mas se pertencente à classe trabalhadora, um vagabundo (CARDOSO, 1996; RUBIO, 2004a; RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012).

Em uma análise crítica, Doherty (1960) argumentou que havia um problema de ordem prática que tornava o amadorismo inviável. Em primeiro lugar, a tentativa de fazer do entusiasmo e prazer na prática esportiva uma regra de conduta era subentender, ingenuamente, que todos os atletas corresponderiam ao código com o mesmo sentimento. Em segundo lugar, atribuir ao amadorismo a condição de princípio suficientemente forte frente aos “males do mundo moderno”, era fechar os olhos para o fato de que a alta competitividade era, em si, um convite à comparação da performance e superioridade entre adversários. Em outras palavras, era evidente que o profissionalismo não foi o único fator determinante da desigualdade competitiva, pois o grau de esforço e tempo investidos em treinamentos (remunerados ou não), a estrutura disponível para a prática esportiva, bem como as distinções individuais (aptidão/talento), também geravam desigualdades entre adversários. Em terceiro lugar, o autor defendeu que mesmo os atletas que aderiam ao “amadorismo puro” não podiam dizer que desfrutavam de pleno orgulho e entusiasmo por se dedicaram a uma atividade cujas conquistas não lhes trariam reconhecimento algum. A prática esportiva para eles também era um fator condicionante, não garantia de prazer apenas (DOHERTY, 1960; RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012). Se o prazer na prática esportiva já não era um sentimento sempre presente, seriam os atletas amadores de fato amadores?

Por último, enquanto fase da história do esporte moderno, o amadorismo iniciou-se com a reedição dos Jogos Olímpicos em 1896, na Grécia, e foi oficialmente extinto pelo próprio COI em 1986, quando a instituição também passou a assimilar o potencial lucrativo de um evento que há muito havia se tornado o maior dos espetáculos do planeta e, portanto, suficientemente rentável para todos os seus envolvidos (SALLES & SOARES, 2002).

3.1.2 Profissionalismos em tempos de amadorismo: implicações para a transição de carreira atlética

Vimos anteriormente que um dos principais fatores que favoreceram a contestação e transgressão do amadorismo foi a falta de entendimento generalizada sobre seu significado e que as implicações disso podem ser observadas nos diferentes amadorismos praticados desde o início do século XX. No entanto, mais do que um manifesto contra um regimento institucional, o profissionalismo era reflexo dos novos tempos da economia global e, essencialmente, a forma pela qual o atleta, como qualquer outro trabalhador, queria viver. Ainda assim, o engajamento da classe trabalhadora no esporte não possibilitou que os atletas

se desvinculassem das empresas. Algo ainda precisaria acontecer na representação social do esporte, e o esporte, por sua vez, precisava sair da tutela do Estado. O que se tinha até então eram apenas vislumbres do que no presente é possível visualizar.

A então União Soviética, não poupando esforços para que seu modelo de esporte se tornasse uma expressão de sucesso do estilo socialista de vida, buscava oferecer suporte aos seus atletas nas mais diferentes dimensões, da iniciação ao término da carreira. Empenho que ganhou ainda mais fôlego após o sucesso da delegação nos Jogos Olímpicos de Helsinque em 1952, quando terminou a competição na segunda colocação do quadro de medalhas. Nessa época os atletas soviéticos contavam com estrutura de treinamento e um sistema de apoio à transição de carreira que contemplava desde a formação acadêmica, oportunidades de acesso ao mercado de trabalho, à estabilidade financeira e boa reputação social. Sistema que foi semelhantemente adotado pela então Alemanha Oriental e por outros países do bloco socialista até meados dos anos 1980 (ALFERMANN, STAMBULOVA & ZEMAITYTE, 2004; KADLCIK & FLEMR, 2008; STAMBULOVA & ALFERMANN, 2009).

Ogilvie & Taylor (1993) identificaram que a característica centralizadora e profissionalizada do modelo de gestão esportiva de países do leste europeu teria contribuído para o surgimento das primeiras investigações científicas sobre o término e a transição de carreira atlética. Muitos psicólogos daquela época mantinham relacionamento de longo prazo com as equipes, e assim conseguiam assistir aos atletas nas suas queixas e dúvidas acerca da vida pós-atleta. Com a crise soviética e o processo de dissolução de suas alianças essa estrutura foi abalada, o que influenciou sensivelmente os atletas que dependiam desse sistema (KADLCIK & FLEMR, 2008).

Modelos descentralizados de gestão esportiva refletiam uma face do sistema econômico capitalista adotado por grande parte dos países ocidentais como o Brasil, os quais, segundo Ogilvie & Taylor (1993) pareciam facultar aos atletas a responsabilidade pela condução das suas carreiras e, por extensão, pela transição. Essa condição dificultou a realização de exames mais aprofundados sobre o processo de transição de carreira atlética no ocidente até os anos 1990, quando Comitês Olímpicos Nacionais começaram a desenvolver programas e sistemas de suporte à transição, bem como pesquisas científicas sobre as mais diversas ramificações do tema (SINCLAIR & ORLICK, 1993; WYLLEMAN, LAVALLEE & ALFERMANN, 1999).

Embora um certo profissionalismo fizesse parte do trabalho esportivo de muitos atletas nos tempos de amadorismo, essa condição não se estendeu ao término da carreira atlética de forma efetiva até vinte anos atrás. A prática da transição ficou restrita aos trabalhos

isolados realizados em países cuja gestão esportiva possibilitava assistência especializada e preparação dos atletas para a vida fora do esporte, bem como à forma particular com que cada atleta encontrou para dar novo rumo à vida (OGILVIE & TAYLOR, 1993; KADLCIK & FLEMR, 2008; STAMBULOVA & ALFERMANN, 2009; RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012).

3.1.3 Transições de carreira atlética em tempos de amadorismo no Brasil

No Brasil a transição de carreira atlética nos tempos de amadorismo obviamente seguiu caminho particular. O tema ganhou repercussão apenas nos últimos dez anos através do jornalismo esportivo que passou a apresentar a situação de pós-atletas que, embora tenham sido reconhecidos no passado, amargam um presente marcado por esquecimento social, problemas financeiros e condições de saúde precárias.⁶ Durante o período mais produtivo de suas vidas, esses atletas atenderam convocações de clubes e seleções brasileiras e representaram seus emblemas pelo mundo voluntária e gratuitamente. Porém, suas carreiras esportivas foram trilhadas em uma fase do esporte em que ser atleta não era sinônimo de ascensão financeira e tão pouco considerado uma carreira profissional (RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012).

Antes do advento do profissionalismo, particularmente no Brasil, a carreira atlética era privilégio de alguns abnegados que podiam contar com o apoio familiar, ou de algum tipo de gratificação que garantia a satisfação das necessidades do cotidiano e esportivas (RUBIO, 2006). Enquanto o amadorismo se relativizava mundo a fora, atletas brasileiros pareciam viver sob regime de constante vigilância e restrições. Recusavam várias oportunidades de ganharem dinheiro com o esporte, temendo perderem medalhas e honras conquistadas por serem taxados de profissionais (RUBIO, 2004b). Tensão que os levou a buscarem alternativas diversas de manutenção do sonho olímpico, como o estabelecimento de acordos com as instituições acadêmicas nas quais estudavam e com as empresas em que trabalhavam para que pudessem participar dos períodos de concentração e competições pela

⁶ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2013/04/ministro-anuncia-premio-e-aposentadoria-campeoes-mundiais.html>>
<<http://globoesporte.globo.com/basquete/noticia/2013/05/campeoes-mundiais-de-basquete-pedem-direitos-iguais-aos-de-futebol.html>>

seleção brasileira sem que fossem prejudicados. No entanto, esses acordos nem sempre os isentavam de perder semestres letivos, terem seus salários descontados ou responderem por processos de abandono do trabalho (RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012). Se o apoio institucional e social era quase inexistente durante a carreira atlética, tão pouco este viria durante a fase de encerramento da mesma.

“Aposentar-se” como atleta nos tempos de amadorismo implicava uma preparação de integral responsabilidade do atleta, que não poderia distanciar a prática esportiva da formação acadêmica e da prática profissional subsequentemente (OGILVIE & TAYLOR, 1993; DRAHOTA & EITZEN, 1998; RUBIO, 2004b; RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012). De forma mais arriscada, alguns atletas, juntamente com seus clubes, adotavam a semiprofissionalização e os chamados “contratos de gaveta”, ou se disfarçavam como funcionários para que pudessem receber salários “trabalhando” em outra função. Em todo caso, a adoção de uma tripla jornada de atividades (estudo, trabalho, carreira atlética) era condição quase que inevitável para os atletas da época, pois ainda que fossem declaradamente profissionais, não ganhavam o suficiente para que pudessem viver ou se aposentar através do esporte. Para eles, o término da carreira atlética era algo que se anunciava desde o início do engajamento no esporte, obrigando-os a se preparar e, muitas vezes, priorizar o trabalho em detrimento do esporte (RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012). Como habitualmente estavam inseridos no mercado de trabalho, mantendo relação estreita com o mundo cotidiano, os atletas dos tempos do amadorismo deixavam o esporte sem passar por maiores problemas de transição. Esta característica de saída do papel de atleta é indentificada também em outras pesquisas com atletas da mesma época (OGILVIE & TAYLOR, 1993; DRAHOTA & EITZEN, 1998; RUBIO, 2001; PRICE, MORRISON & ARNOLD, 2010; RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012).

Ao analisar as histórias de vida de pós-atletas olímpicos brasileiros dos tempos de amadorismo, Rubio (2001; 2004a; 2004b; 2008) reforça esta ideia de que as experiências de transição de carreira atlética são encaradas de maneira particular, mas apresentam semelhanças no que se refere ao tipo e significado. Em outras palavras, a transição de carreira atlética foi entendida como: processo natural de passagem de uma fase a outras que, embora deixasse marcas na memória e no corpo de quem o vivenciou, necessariamente deveria passar. Foi também entendida como um período de reelaboração de prioridades em que a possibilidade de exploração de novos horizontes ou de retomada de atividades outrora deixadas em nome do compromisso com o esporte torna a transição uma experiência bem-vinda. Outros conceberam suas transições como eventos esperados e enfrentados a partir de

recursos previamente adquiridos ao longo de uma juventude dedicada não só ao esporte, mas aos estudos, necessidades de subsistência, constituição de família e desejos de realização na vida profissional. A transição de carreira atlética nos tempos de amadorismo foi concebida também como uma experiência de realocação, envolvendo a transferência de conhecimentos e habilidades adquiridas na experiência atlética para outras atividades e papéis, dentro ou fora do contexto esportivo (COAKLEY, 1983; OGILVIE & TAYLOR, 1993; DRAHOTA & EITZEN, 1998; RUBIO, 2008; PRICE, MORRISON, ARNOLD, 2010).

No próximo capítulo discuto os fundamentos e principais questões que envolvem o tema transição de carreira atlética, para em seguida apresentar o modelo teórico com o qual tento elaborar um diálogo com as narrativas dos bicampeões.

3.2 Aproximações teóricas à transição de carreira atlética

Apesar de ser uma discussão em constante evolução no meio acadêmico, término e transição de carreira atlética ainda não possuem teorias próprias. Na medida em que estes temas foram ganhando o interesse das ciências do esporte, aproximações teóricas surgiram a fim de que algumas questões pudessem ser provisoriamente respondidas, tais como: de que forma o indivíduo experimenta e lida com a saída do papel de atleta e como se adapta a outros papéis e às novas dimensões e circunstâncias da vida? Por que certos atletas são “bem sucedidos” neste processo, enquanto que outros vivem verdadeiros colapsos?

3.2.1 Gerontologia

As primeiras correspondências a estas questões vieram da abordagem gerontológica; campo de estudo que reúne um conjunto de teorias visando compreender os impactos psicológicos, fisiológicos e sociais dos processos de envelhecimento e, consequentemente, da aposentadoria ocupacional. Aplicada ao esporte, esta abordagem parte do pressuposto de que o término da carreira atlética é uma experiência potencialmente traumática, pois representaria a retirada de um papel sobre o qual o indivíduo edificou não só sua fonte de subsistência, mas sua identidade (GREENDORFER & BLINDE, 1985; BAILLIE & DANISH, 1992; OGILVIE & TAYLOR, 1993; STEPHAN et al., 2005).

Segundo a gerontologia aplicada ao esporte, a desvinculação institucional seria algo prejudicial para o atleta, não só no que se refere à quebra da rotina de prática esportiva e suas implicações fisiológicas, mas à perda das relações pelas quais ele sustenta estima e é estimado. De acordo com Ribeiro (2005) apesar do término da carreira atlética ocorrer durante a fase adulta jovem (salvo exceções) e sugerir continuidade da vida produtiva em outras esferas de atuação, para o mercado de trabalho o pós-atleta pode estar “atrasado”. Se a especialização esportiva levou anos para se concretizar, a adaptação a uma nova carreira, por sua vez, precisaria de tempo (RUBIO, 2012). Para o indivíduo que imergiu no esporte e fortemente se identificou com o papel de atleta, assumir papéis da vida adulta cotidiana pode representar uma experiência tão difícil quanto sem sentido, por esta lhe ser pouco familiar e não satisfazer expectativas de realização semelhantes às que obtinha como atleta (BAILLIE & DANISH, 1992; RUBIO, 2001; STANKOVICH, MEEKER & HENDERSON, 2001).

Diante dessas características a gerontologia aplicada ao esporte sugeriu quatro abordagens de análise:

A abordagem do desengajamento – considerando que esta fase da vida é acompanhada por processos de perda e retiradas que culminam no afastamento de relações importantes, propõe que uma “boa transição”, *a priori*, deveria ser voluntariamente conduzido, bem como institucionalmente assistida, de maneira que suas implicações sejam vivenciadas de forma compartilhada.

A abordagem da atividade – em complemento à primeira consideração, parte do pressuposto de que o bem-estar no envelhecer compreenderia a manutenção, pelo tempo que fosse possível, de atividades que o indivíduo desenvolvia antes do desengajamento.

A abordagem da continuidade – postula que apesar das inevitáveis descontinuidades inerentes às fases do ciclo vital, rupturas e desengajamentos (principalmente quando derivados de tomadas de decisões) podem representar uma ampliação ou reconfiguração dos papéis já desempenhados e não uma ruptura.

A abordagem do colapso – considera que o indivíduo se torna mais vulnerável às imagens negativas que atribui a si mesmo e que recebe dos outros ao passo em que vai deixando papéis e relações sociais significativos.

3.2.2 Tanatologia

Os significados e implicações da morte e do morrer são os principais tópicos da tanatologia. Mas atualmente estudiosos da área também têm se ocupado da relação que a sociedade estabelece com esse fenômeno, pensando nas pessoas que acompanham e seguem suas vidas após a morte de alguém (KÜBLER-ROSS, 2008; KOVÁCS, 2011). A tanatologia aplicada ao esporte, por sua vez, busca compreender as fases e desdobramentos da perda do papel de atleta, partindo do pressuposto de que o “deixar de ser atleta” compreende uma ruptura com um *eu* significativo, resultando em um processo de transição semelhante ao luto de morte (FORTUNATO & MARCHANT, 1999). As fases de luto foram originalmente representadas na teoria de Kübler-Ross (2008) como:

A *negação* é a primeira das cinco fases pelas quais o indivíduo em estado terminal passa. Segundo a autora, em nossa sociedade ocidental moderna teríamos desaprendido a aceitar processos terminais como sendo parte da vida. Inconscientemente esperamos não ter que passar pela morte e, quando passarmos, desejamos que esta seja rápida e indolor, bem como um evento que, ocorrendo, nada mude. Por isso a morte é, a priori, negada. Em um segundo momento, o indivíduo terminal pode ser acometido sentimentos de *raiva e ressentimento*, pois quando a morte passa a se apresentar as suas convicções como uma realidade inevitável, a negação assume uma característica combativa contra as circunstâncias e outras pessoas, como numa espécie de luta pelo adiamento desse inevitável. Comportamentos que também podem se transformar em *barganha*, em que atitudes cooperativos e de reconciliação visam o mesmo objetivo, adiamento da morte, segunda chance, redenção (FORTUNATO & MARCHANT, 1999; KÜBLER-ROSS, 2008). Essa fase marca o fim do comportamento agressivo frente a morte, mas não da sua negação. Decréscimos das funções fisiológicas são os indicativos mais concretos da iminência da morte, contra qual a luta psicológica e fisicamente extenuante, em fim, faz cessar esperanças.

Esta quarta fase pode ser acompanhada por um período chamado *depressão reativa*, caracterizado por um profundo lamento e tristeza do indivíduo terminal resultante não só da luta perdida contra a morte, mas da preocupação quanto às implicações de sua partida sobre os que ficam (relações profissionais, tarefas a concluídas, dívidas não pagas, filhos a criar, dentre outras questões). Essa depressão assume posteriormente um caráter *preparatório* em que o indivíduo passa a elaborar a aceitação da perda de tudo e de todos, até chegar ao

estado de *aceitação* da morte em que está certo, porém não menos aflito, de que tudo acabará bem (FORTUNATO & MARCHANT, 1999).

Ao tratar de questões fundamentais como a morte e o morrer, a teoria tanatológica contribuiu para a reflexão sobre os significados e implicações de perdas significativas e as características do processo de transição inerente as mesmas. O que mais deve ser levado em conta em relação as duas abordagens destacadas é o papel estruturante que tiveram no processo de compreensão da transição de carreira atlética. Contudo, essas teorias não devem ser concebidas como modelos adequados ao esporte, principalmente porque o término da carreira atlética não representa uma condição terminal ou um evento inevitavelmente traumático, mas o início de um processo singular de mudança, um novo começo (COAKLEY, 1983; RUBIO, 2012).

3.3 Características e especificidades da transição de carreira atlética

3.3.1 Transição de carreira atlética forçosa

Instabilidade, incertezas e riscos são as palavras que melhor descrevem o que é percorrer uma carreira atlética cujos objetivos são a superação de limites e a realização. Segundo o imaginário esportivo contemporâneo, um atleta que se pretende vencedor e que, para isso, precisa transcender os próprios limites, nunca estará isento das dificuldades, feridas, derrotas e baixas que inesperadamente podem lhe sobrevir (RUBIO, 2001).

Embora as pesquisas ainda não tenham capturado elementos que sustentam a afirmação de que o término da carreira atlética é um evento traumático, análises qualitativas sobre o tema sugeriram que as experiências forçadas de transição não são vivenciadas sem dificuldades e sofrimento (UNGERLEIDER, 1997; WEBB et al., 1998; BAILLIE & DANISH, 1992; DRAHOTA & EITZEN, 1998). As linhas que separam vitória e derrota, alto desempenho e lesão, continuidade e descontinuidade na carreira atlética, são tênues. Por isso é que a maioria dos casos são marcados por eventos abruptos e acidentes de percurso que levam o atleta a deixar este papel contra a própria vontade, forçosamente (FORTUNATO & MARCHANT, 1999).

Casos de atletas lesionados e demitidos por não mais servirem aos interesses

institucionais ou que durante o término da carreira atlética não recebem qualquer auxílio para a transição, ilustram a racionalidade competitiva moderna sobre a qual os protagonistas estão submetidos. Em outras palavras, encerramentos inesperados e forçosos são inerentes a uma cultura esportiva contemporânea, sustentada pela hiperutilização e substituição constantes de atletas. Estes são alguns dos indicativos de instabilidade e vulnerabilidade que distinguem atletas da população não-atleta. O término da carreira atlética se anuncia desde o início do engajamento do atleta no esporte. Na maioria das vezes se apresenta como um risco e não como possibilidade. E embora esta realidade seja evidente, a maioria dos aspirantes e atletas continuam sendo estimulados a dedicarem-se apaixonada e segamente ao esporte, sob o pretexto de que só a dedicação exclusiva à carreira poderá levá-los ao êxito (RUBIO, 2001). Dessa forma, os atletas não encontram tempo hábil para tomarem as precauções adequadas frente às imprevisibilidades da carreira atlética e sua fase de transição (PRICE, MORRISON & ARNOLD, 2010).

Conceitualmente, defino término e transição de carreira forçosos como situação de alto nível de estresse resultantes de fatores de ordem externa ou interna que comprometem terminantemente a continuidade da carreira atlética, levando o atleta a se retirar deste papel contra a própria vontade. O atleta ou pós-atleta pode dispor de recursos externos de enfrentamento e adaptação à transição (dinheiro, assistência especializada) e ao mesmo tempo não querer passar pelo processo de saída, o que pode tornar sua transição para outro papel numa experiência emocional e socialmente mais difícil e, em alguns casos, inviável. Por outro lado, ele pode estar desejoso por se retirar do esporte, mas não dispor dos recursos externos de enfrentamento e adaptação à transição, o que torna essa experiência semelhantemente difícil e, por tanto, forçosa.

Término e transição de carreira forçosos também podem ocorrer como *processo de declínio*, no qual o atleta e instituição esportiva adiam a decisão de saída; quando o término é contrariado por retornos subsequentes do atleta à prática esportiva, ou quando ele é subutilizado e paulatinamente preterido em virtude da ascensão de outros atletas, até que seja definitivamente cortado ou decida, forçosamente, se retirar. Esse tipo de encerramento pode ser marcado por situações de humilhação e sentimento de abuso (SINCLAIR & ORLICK, 1993). O processo de declínio atinge o seu ponto crítico quando o atleta não consegue mais suportar as dores físicas ou emocionais causadas por lesões e outras experiências que viveu ao longo da carreira, ou quando aspectos fisiológicos relacionados à idade passam a impor limites ao seu desempenho (TAYLOR & OGILVIE, 1998; TINLEY, 2012; MARKUNAS, 2012).

Estas experiências podem ocorrer com atletas que permanecem obstinadamente na carreira, negando a hora de saírem de cena, seja em virtude do temor acerca do que virá, da construção de uma identidade restrita à figura do atleta ou da vida pública mais vivida em detrimento da vida privada (LALLY, 2007; TINLEY, 2012). Rubio (2001: 179) identificou na dimensão imaginária do esporte contemporâneo uma fase de negação do término da carreira atlética que se assemelha à negação do retorno da jornada mitológica do herói:

Assim como para o herói que viveu a experiência do chamado e da aventura retornar consiste em aceitar o real, depois de ter passado por uma experiência da visão da completeza, que traz satisfação à alma, as alegrias e tristezas passageiras, as banalidades e ruidosas obscenidades da vida; para o atleta, deixar o cenário competitivo é se adequar a um mundo cotidiano do qual há muito ele se afastou e se desacostumou a pertencer.

Nessa obra a autora estabeleceu uma comparação entre a trajetória do atleta e a jornada do herói, sugerindo que o término da carreira atlética corresponderia à última etapa do fechamento de um ciclo da aventura heroica, a priori recusada devido à saída de uma condição significativa rumo às incertezas que a vida comum reserva. Semelhantemente, o atleta estaria sujeito a um período de desencantamento e subsequente relutância em relação ao retorno para a vida cotidiana e o anonimato.

Outros exemplos de encerramentos e transições forçosos nos remetem ao papel do contexto social nestes processos. Sinclair & Orlick (1993) analisaram experiências de pós-atletas olímpicos canadenses e identificaram que muitos desses atletas se sentiram usados, ignorados, esquecidos e descartados quando diante do término da carreira atlética e da certeza de que não seriam reconhecidos social e financeiramente pelo serviço que prestaram. Semelhantemente, Ungerleider (1997) identificou em um grupo de pós-atletas olímpicos norte-americanos implicações negativas e dificuldades de enfrentamento da transição de carreira após terem passado por uma experiência inesperada de encerramento de um ciclo olímpico que antecipou a saída do esporte. Nesse caso especificamente, parte dos atletas estudados foi impedida de participar dos Jogos Olímpicos de Moscou em 1980 devido ao boicote determinado pelo então presidente Jimmy Carter. Essa situação teria frustrando as últimas chances que o grupo estudado tinha de participar dos Jogos.

Em última análise, a carreira atlética é um espaço de tempo em que expectativas de realização ganham maior preponderância do que a percepção e preocupação sobre a sua brevidade e instabilidade. Isso faz com que os atletas de alto rendimento se tornem uma espécie de grupo de risco, sensível não só aos períodos terminais, mas ao mundo que os espera

(BAILLIE & DANISH, 1992). Quando o auto-conceito é unicamente ancorado ao papel de atleta as rupturas se tornam mais difíceis (WEBB et al., 1998), pois os outros papéis sobre os quais seria possível ressignifica-lo não foram devidamente construídos. Por isso, quando se retira do papel de atleta, o indivíduo pode sentir que perdeu parte importante de si mesmo, associando esta experiência à incapacidade de desempenhar e se realizar em outros papéis e esferas da vida (PERSON & PETITPAS, 1990; WEBB et al., 1998; LALLY, 2007; PRICE, MORRISON & ARNOLD, 2010).

A questão dos encerramentos e transições de carreira forçosos ainda depende de análises mais profundas, bem como da avaliação do impacto dos programas de transição que foram desenvolvidos no mundo ao longo dos últimos 20 anos. O que é possível concluir sobre esta questão, a princípio, é que os atletas que encerram suas carreiras por causa de lesões ou por qualquer outro aspecto que contraria suas aspirações de tempo e realização no esporte enfrentam maiores dificuldades de passarem pela transição, se comparados àqueles que realizaram suas metas e tiveram carreiras mais longevas (SINCLAIR & ORLICK, 1993; WEBB et al., 1998; PRICE, MORRISON & ARNOLD, 2010).

3.3.2 Transição de carreira atlética voluntária

Términos e transições de carreira atlética também podem ser vivenciados experiências voluntárias, ainda que forças externas levem o atleta a tomar esta decisão precoce e forçosamente (COAKLEY, 1983). A experiência voluntária envolve, antes de tudo, uma aceitação do atleta/pós-atleta, bem como a sua participação ativa no processo de busca de recursos e enfrentamento das implicações que as mudanças trazem. Fatores involuntários que geram términos forçosos podem fazer com que o processo de retirada seja vivenciado de forma dolorosa, mas também podem se tornar, de acordo com a avaliação particular e recursos disponíveis para a transição, indicativos de que *a hora de sair de cena chegou* (MARKUNAS, 2012). A falta de motivação para continuar, o nível de estresse resultante da rotina de treinamento, os decréscimos de desempenho e o estabelecimento de outras prioridades de vida, são alguns dos fatores que atravessam a vida do atleta que elabora voluntariamente a saída deste papel (WEBB et al., 1998; WYLLEMAN, LAVALLEE & ALFERMANN, 1999; RUBIO, 2001; RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012).

Coakley (1983) percebeu que o término voluntário da carreira atlética parece ser mais comum entre atletas universitários e amadores. Os primeiros, ao mesmo tempo em que

são confrontados pela chance mínima de ingresso e sucesso em uma carreira atlética profissional têm mais chances de se prepararem academicamente e assim explorarem outras possibilidades de carreira se por ventura tiverem seus empreendimentos no esporte frustrados. Assim, pressupõe-se que este grupo estaria mais apto a tomar decisões relacionadas à transição, pois dispõe de um repertório mais amplo de recursos para se inserirem em sociedade (PRICE, MORRISON & ARNOLD, 2010; RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012). Uma das características da carreira atlética amadora, por sua vez, é o nível de preponderância, equivalente ou menor, que o papel de atleta tem em relação a outros papéis. O que possibilita com que o término de carreira atlética seja encarado como um processo mais natural e de reorganização de prioridades, em virtude das novas dimensões que a vida toma (RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012). O fato de os atletas amadores não serem uma classe amplamente prestigiada, não ganharem altos salários e se manterem mais próximos da vida cotidiana, também contribuiria para que o processo de deixar este papel ocorra de forma mais suave (OGILVIE & TAYLOR, 1993; DRAHOTA & EITZEN, 1998; RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012).

Segundo Rubio & Ferreira Junior (2012) a longevidade da carreira atlética e as experiências de conquista também se apresentam como elementos que sustentam comportamentos mais ativos e voluntários frente o processo de encerramento e transição de carreira atlética. O atleta de carreira longa, por exemplo, sentindo que vivenciou o esporte em toda sua extensão e possibilidades, pode conceber o término como um fator de autorealização, desfecho positivo ou merecido descanso após uma longa e dura jornada. Transições voluntárias também são reflexos de estafa mental e física (RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012). O corpo do atleta em processo de decréscimo de desempenho também pode ser um indicativo de que a hora de parar chegou (ANGELO, 2012).

Atletas que encerram voluntariamente a carreira também tendem considerar a vida pós-atleta de forma mais positiva; sofrem menos distúrbios psicológicos e adaptativos, se comparados aos atletas cujas retiradas ocorreram inesperada e forçosamente, e manifestam expectativas positivas de desempenho em outras áreas (PRICE, MORRISON & ARNOLD, 2010). Sinclair & Orlick (1993), Webb et al., (1998) e Rubio & Ferreira Junior, (2012) vão propor que os atletas que realizaram os objetivos que propuseram para si no esporte tendem vivenciar suas transições acompanhados por sentimentos de satisfação, tomando-a como referência de possibilidade de realização em outros contextos, tendo, por tanto, mais chances de se despedirem desse papel voluntariamente.

Durante a carreira, o atleta pode ser confrontado por questões essenciais e tensionantes. A primeira, diz respeito ao tempo e o nível de engajamento necessários para que possa alcançar seus objetivos no esporte (títulos, medalhas, dinheiro) e se estes objetivos fazem parte de seu conjunto de valores e concepções de conquista. A segunda, diz respeito aos papéis e interesses da juventude e vida adulta que vão se apresentando ao longo da carreira atlética, muitas vezes de forma concorrente, levando-o a pensar sobre a necessidade de mudanças, dentre as quais a saída do papel pode ser a primeira decisão dentro de um processo particular de reorganização de prioridades (ALISON & MEYER, 1988).

Torregrosa et al., (2004) em um estudo com atletas olímpicos espanhóis de diferentes épocas observaram que durante a fase de mais alto nível competitivo, esses não tinham uma imagem nítida a respeito do que seriam e fariam da vida pós-atleta, embora estivessem cientes de que inevitavelmente deixariam o esporte. Mas foi ainda durante o alto nível competitivo que eles começaram a manifestar comportamentos antecipatórios de transição, baseados em referências mais concretos sobre o que significava deixar de ser atleta.

Pesquisas sobre o encerramento e transição de carreira atlética não são conclusivas e carecem de mais investigações, principalmente a partir de abordagens interdisciplinas que compreendam o caráter paradoxal e ambivalente deste fenômeno. Um exemplo dos seus paradoxos é ilustrado no estudo de caso de Markunas (2012) que mostrou que fatores de interrupção forçosa da carreira atlética, embora sejam emocionalmente extressantes e difíceis de enfrentar, permitem com que o atleta visualize outras possibilidades de carreira. Em outras palavras, enquanto se recupera da lesão, o atleta pode ter a oportunidade de se voltar para questões essenciais como “quem é”, “o que espera do futuro” e como pretende construí-lo caso precisasse deixar precocemente a carreira atlética. Com mais tempo para ensaiar papéis alternativos, o atleta lesionado pode elaborar melhor a saída desse papel, fazendo de um evento traumático sua plataforma para novos horizontes de carreira. Importante ressaltar que embora a experiência de transição de carreira atlética possa ser gerida com sucesso por muitos atletas, muitos reclamam carecer de sistemas de suporte institucional, além de sentirem falta de um plano de previdência que reconheça financeiramente os anos de serviço prestados aos clubes e ao próprio país (SINCLAIR & ORLICK, 1993).

Segundo Webb et al., (1998) a tomada de decisão pelo término da carreira está relacionada a uma percepção subjetiva de controle sobre a implicação da mudança, bem como à disposição de recursos de enfrentamento da mesma. Isso não quer dizer que esse processo seja fácil ou que não careça de suporte institucional. A transição seria, portanto, um

desdobramento de um processo mais complexo envolvendo o tipo de identificação com o papel (se unidimensional ou multidimensional) e recursos disponíveis.

Se a subsistência do trabalho do atleta está ancorada à produtividade contínua, à superação dos próprios limites e a manutenção de vitórias, o momento de parar pode se dar quando um destes pilares se rui. A grande problemática desta abordagem encontra-se na dificuldade que um atleta, imerso em uma carreira esportiva, tem de se estender até outros interesses para construir uma identidade mais ampla, menos vulnerável às incertezas do esporte, mais próxima de situações cotidianas. Todo atleta que passa ou irá passar por essa fase deveria receber suporte, seja este de ordem informal (familiares, amigos, colegas de clube) ou formal (clube, governo, empresa, consultoria, previdência), visto que esse conjunto de recursos é tido como ponto de partida para experiências de mudança mais voluntárias e, conseqüentemente mais proveitosas.

3.3.3 Possibilidades de um novo olhar sobre os paradoxos da transição no esporte

A pesquisa sobre a transição de carreira atlética tem passado por um processo decisivo de reconsideração teórico-metodológica em virtude da dimensão sociocultural implicados neste processo (STAMBULOVA & ALFERMANN, 2009). Como a aposentadoria é sinônimo de inutilidade, é fácil pensar que a saída do papel de atleta é uma circunstância terminal e dolorosa. No entanto, um olhar mais apurado sobre o processo de mudança inerente a esse fenômeno sinaliza que a saída do papel de atleta implica em encontros com novas oportunidades, graduações, renascimentos (COAKLEY, 1983). Segundo Greendorfer & Blinde (1985) para que melhor compreendamos essa dinâmica é preciso direcionar o olhar sobre a biografia do atleta, pois é através desta que podemos nos aproximar dos significados, intensidades, emoções e ambivalência que acompanham processos de transição.

Por meio de experiências retrospectivas é possível constatar que a saída do papel de atleta, embora tenha seu momento de turbulência e estresse, também é marcada por um processo paulatino de redescoberta e ressignificação do papel em que o atleta “se torna um ex” e arquiteta novos papéis a partir dos fragmentos que constituíram o papel anterior. É como se as características, qualidades e competências da experiência atlética fossem vias de acesso a outras configurações (DRAHOTA & EITZEN, 1998).

Assim, o término da carreira atlética é um evento mais paradoxal do que necessariamente um trauma. Coakley (1983) coloca em questão a abordagem da literatura que

concebe o esporte como sendo um contexto restritivo, alienante e nocivo à autonomia e bem-estar dos atletas, considerando que se esta condição fosse de todo exata, não seria o término da carreira atlética um evento indesejado pela maioria dos atletas. Em outras palavras, não há como classificar a experiência no esporte como sendo apenas dura e difícil, sem considerar as demais experiências que a estruturam. E o que dizer quando sentimentos de bem-estar e satisfação com a vida pós-atleta também estão presentes em experiências cujo processo de transição foi marcado por situações difíceis? Ou quando uma saída abrupta se torna a melhor coisa que poderia ter acontecido ao atleta?

O término da carreira atlética é um momento em que o indivíduo encerra, forçosa ou voluntariamente, seu compromisso contratual e/ou profissional como atleta e segue em busca de uma nova carreira. A partir de então inicia-se um processo de transição que é repleto de variáveis e fases que afetam avaliações e formas particulares de enfrentamento das mudanças ao longo do tempo. Pressupostos pessoais e contextos mundam, requerendo do indivíduo comportamentos e recursos correspondentes às novas demandas e dimensões que a vida psíquica e social toma. Assim, dependendo do momento em que o indivíduo se encontra na transição, ele poderá concebê-la como uma experiência mais difícil; em outro momento, a conceberá como um momento indefinido, e em outro, como uma experiência suave (SCHLOSSBERG, 1981; GREENDORFER & BLINDE, 1985).

Ao revisar pesquisas envolvendo atletas de diferentes níveis de prática esportiva (colegiais, universitários, amadores e profissionais), Coakley (1983) não descarta a perspectiva de trauma, mas considera que os maiores problemas de transição estariam mais relacionados às implicações psicológicas e sociais resultantes de tipos específicos encerramentos, principalmente às experiências mais abruptas envolvendo indivíduos cuja identidade atlética estava fortemente ancorada aos títulos e à vida pública.

Em pesquisa sobre o esporte de alta performance no Canadá, Sinclair & Orlick (1993) constataram que o maior índice de satisfação com a vida pós-atleta estava relacionado aos atletas que alcançavam seus objetivos no esporte. Isso sugere que, ao atingirem os objetivos que os impulsionaram à carreira esportiva, os atletas passariam a construir outras metas e prioridades, utilizando a experiência no esporte como parâmetro para a busca e perspectiva de realização em outras áreas da vida (SINCLAIR & ORLICK, 1993; PRICE, MORRISON & ARNOLD, 2010). Outra característica encontrada pelos autores sobre este primeiro grupo foi que a alta satisfação com a vida pós-atleta era manifesta por aqueles que não tinham o esporte como único interesse, mas como parte de um conjunto de atividades desenvolvidas paralelamente.

Por outro lado, os atletas que não alcançaram seus objetivos no esporte, fizeram parte do grupo que vivenciou o término da carreira esportiva de forma menos positiva e encararam a vida pós-atleta como “muito insatisfatória” ou apenas “insatisfatória” – embora isso não implicasse necessariamente em dificuldades de enfrentamento da transição para novos papéis e dimensões da vida. O que esta constatação nos traz é que, em tese, a percepção mais otimista em relação à vida pós-atleta parece estar relacionada a enfrentamentos de mudança mais “bem-sucedidos”. Esse pressuposto também é reforçado por outros estudos (WEBB et al., 1998; PRICE, MORRISON & ARNOLD, 2010; RUBIO, 2001; RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012).

A transição de carreira atlética desafia a forma binária e causal com que tendemos classificar e fazer conclusões acerca do fenômeno, mas quando o analisamos na qualidade de processo, podemos perceber que períodos de crise podem ser apenas prelúdios de pontos de virada. Todo primeiro instante de uma mudança é difícil ou possui a sua carga de estresse, pois é o momento em que o indivíduo passa a ter seu mundo pretendido confrontado pelas variações e circunstâncias do mundo real. Em um segundo momento, é somente em meio às turbulências e desajustamentos, que ele pode manifestar comportamentos de enfrentamento e de busca por soluções para que, em fim, possa “retornar aos trilhos” (SHCLOSSBERG, WATERS & GOODMAN, 1995; DRAHOTA & EITZEN, 1998).

Em uma breve consideração sobre a trajetória da transição de carreira de três proeminentes atletas olímpicos norte-americanos, Coakley (1983) mostrou como experiências difíceis podem anteceder e se intercalarem com experiências de realização, sugerindo ser a transição um processo mais sinuoso e ambivalente do que passível de classificações e conclusões fechadas.

Deborah Elizabeth Meyer, ex-nadadora olímpica norte-americana, primeira atleta feminina a conquistar, em uma mesma edição olímpica, medalhas de ouro em três provas distintas, tinha apenas 19 anos de idade quando encerrou sua carreira atlética. Durante os primeiros anos de aposentadoria passou por problemas psicológicos e físicos, além de dificuldades de ajustamento social envolvendo duas desistências de cursos universitários. Mas em um determinado momento da vida Meyer virou o jogo, aderindo a uma rigorosa dieta alimentar, exercícios e terapia. Voltou a praticar natação e em seguida se tornou assistente técnica de uma equipe de natação na Universidade de Stanford; além de assumir paralelamente a coordenação de um setor de marketing de uma empresa de maiôs. Por volta da década de 90, abriu uma escola de natação, na qual passou a ensinar crianças e a treinar equipes (COAKLEY, 1983).

John Williams, arqueiro que foi medalhista olímpico nos Jogos de Munique em 1972, também deixou a carreira atlética aos 19 anos de idade. Tentou trabalhar como consultor financeiro, mas interrompeu a nova carreira. Aventurou-se no ramo de vendas de equipamentos de tiro junto a um fabricante de arco, mas enfrentou problemas com as restrições impostas pelo amadorismo. Também interrompeu os estudos por algumas vezes; até aceitar cursar a faculdade que o capacitaria à função de treinador. Desde então Williams passou a se dedicar à formação de novos arqueiros (COAKLEY, 1983).

Fritz Hobbs, remador olímpico, membro da equipe que ganhou medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Munique, combinou a carreira atlética a uma intensa disciplina de estudos; o que o levou a se formar e pós-graduar-se em Business na Universidade de Harvard. Currículo que o levou a trabalhar durante vinte e cinco anos para um renomado banco de investimentos, *Dillon Read & Co*, e depois se tornar executivo em *Wall Street*, função que desempenhou até se aposentar. Hobbs ainda voltaria a se envolver com o remo, mas para compartilhar suas experiências ministrando palestras para diversas instituições sobre sua experiência no esporte e nos negócios, além de se associar a um clube amador da modalidade (COAKLEY, 1983).

Por meio deste tipo de análise é possível não só perceber discontinuidades e ambivalências, mas pensar a trajetória de vida como um espaço privilegiado de compreensão da transição ao longo do tempo.

Outra consideração que Coakley (1983) traz diz respeito à concepção de vida pós-atleta, questionando que o fato de o pós-atleta ingressar em uma carreira de “menor prestígio”, receber salários mais baixos e passar por dificuldades no trabalho, não quer dizer que ele esteja sendo vítima de uma experiência de transição traumática ou que esteja vivendo um declínio social. Assumir a gestão de um clube, restaurante ou bar, ou mesmo engajar-se em projetos de incentivo à prática esportiva na cidade natal e retornar aos estudos, não significa que o pós-atleta esteja passando por situações problemáticas ou sofrendo. Problemas de ordem financeira e crises de identidade não se restringem à experiência atlética, mas se estendem às demais fases da vida que o pós-atleta encontra ao longo de sua trajetória, como a paternidade/maternidade, promoção de carreira ou demissões (SHCLOSSBERG, WATERS & GOODMAN, 1995).

Em suma, a pesquisa do término e transição de carreira atlética sustenta contradições e ainda necessita de maior aprofundamento investigativo, principalmente no que se refere aos métodos e teorias de análise. Os argumentos aqui apresentados colocam em questão as conclusões mais fechadas sobre a relação entre características de transição, formas

particulares de enfrentamento e conceito de *adaptação*, apontando que a noção sublinhada não é tão clara ou suficiente à compreensão de um fenômeno dinâmico, multifacetado e marcado por continuidades.

3.5 Modelo de adaptação humana à transição

A análise da transição de carreira atlética está ancorada a modelos teóricos gerais (WILLEMAN, LAVALLE & ALFERMANN, 1999), cujos principais conceitos podem ser encontrados nos estudos de Nancy Schlossberg e, de maneira sintética, em seu trabalho intitulado *A Model for Analyzing Human Adaptation to Transition*, sua teoria sobre o processo de adaptação humana à transição.

3.5.1 Conceitos

Baseada nas teorias do desenvolvimento humano, nas vertentes da psicologia social e antropologia, Schlossberg (1981) analisou os impactos e características adaptativas de indivíduos adultos às diversas mudanças pelas quais passam ao longo da vida, chegando à conclusão de que os eventos de mudança são, para além de eventos, parte de um processo mais amplo e complexo que leva tempo, implica em fases críticas, desajustamentos e ajustamentos. Ela vai considerar que a dimensão etária é um primeiro elemento que concentra conteúdos simbólicos relacionados ao tempo e ao tipo de experiência a ser vivida em cada período da vida. Ser adulto, por exemplo, é assumir papéis específicos dentro da sociedade como esposo/esposa, pai/mãe, profissional; enquanto que a adolescência seria o período de preparação para o desempenho destes papéis. Entender esta dinâmica é extremamente importante à compreensão da transição humana, que embora seja um processo particular, não deixa de obedecer a certas sequências de acontecimentos dentro de processos de desenvolvimento comuns às diferentes faixas etárias e em especial a adulta.

Dentre os tipos de transição Schlossberg (1981) classificou: as antecipadas, as não-antecipadas e os “não-eventos”.

Transições antecipadas dizem respeito a eventos de mudança esperados e vivenciados a partir de experiências e condições prévias de enfrentamento e adaptação. Relacionam-se às fases de crescimento, bem como a papéis que marcam determinados

estágios de desenvolvimento como a escolarização, a vida acadêmica, profissional, dentre outros. A adolescência, por exemplo, corresponde não só a uma fase do processo de crescimento e desenvolvimento biológico, mas a um papel social, com suas atribuições, ao mesmo tempo em que é um estágio de preparação para o desempenho de atividades e papéis correspondentes à fase adulta. Cerimoniais de formatura, o primeiro emprego, o casamento, a paternidade/maternidade e a aposentadoria são alguns exemplos de eventos de mudança para os quais existe processos preparatórios específicos, bem como rituais e ensaios (SCHLOSSBERG, 1981; SCHLOSSBERG, WATERS & GOODMAN, 1995).

Transições não-antecipadas são eventos inesperados e abruptos que mesmo inerentes à trajetória de vida são vivenciados com baixos recursos de enfrentamento. Consequentemente, o processo de adaptação às novas circunstâncias resultantes deste tipo de evento tende a ser mais difícil e levar mais tempo. Uma demissão, um acidente ou uma doença crônica são alguns exemplos de situações que sugerem fases de enfrentamento e adaptação mais custosas e demoradas e, consequentemente, níveis de crise mais elevados. Quanto menos preparado o indivíduo estiver para a transição, maiores intensas são as crises (SCHLOSSBERG, WATERS & GOODMAN, 1995).

Não-eventos desencadeiam mudanças as quais não atendem expectativas ou compreendem o mundo pretendido de quem os vivencia. A esperada progressão na carreira que não ocorreu, ou que ocorrendo, não representou mudanças significativas, é um exemplo. Um “não-evento” pode ser uma lesão que interrompeu uma carreira atlética impulsionada por aspirações de conquistas e por longevidade; a interrupção involuntária e abrupta de um ciclo olímpico, ou um final de competição que não resultou no tão esperado ouro.

Schlossberg (1981) considerou que a fase adulta se distingue das demais por reunir um conjunto de fases esperadas e ao mesmo tempo ser cercada por situações inesperadas de mudanças. A trajetória de vida é constituída por transições que ocorrem simultaneamente e que às vezes, ou quase sempre, concorrem entre si. Uma aposentadoria pode ser acompanhada ou implicar em um problema de saúde ou crise financeira, por exemplo; e embora sejam distintas, estas situações se somam às crises e características de adaptação.

Segundo Schlossberg, Waters & Goodman (1995), há uma *adaptação propriamente dita* que diz respeito a um ajustamento do corpo e psiquê às novas dimensões que a vida subjetiva e social toma; há uma *renovação*, quando o indivíduo encontra e explora novos horizontes, através dos quais redefine pressupostos sobre si e sobre o mundo; e uma *não-adaptação*, marca um estágio de descontinuidade e estagnação no processo de mudança que pode ser permanente ou temporário.

Os significados atribuídos à mudança é um dos determinantes da maneira pela qual o indivíduo se adapta às transições. Como os recursos externos de enfrentamento e adaptação à transição são variáveis e nem sempre estão disponíveis, a avaliação que o indivíduo faz acerca do momento pelo qual está passando se apresenta como um primeiro recurso (interno) do processo de enfrentamento. Em uma situação inesperada de demissão, por exemplo, significados como *a chance/oportunidade de explorar novos interesses e projetos* exercem forte influência sobre tomadas de decisões diante de dificuldades (SCHLOSSBERG & LEIBOWITZ, 1980).

Ainda que o tipo de evento e o significado atribuído a este sejam cruciais à experiência de transição, as variáveis ambientais não podem ser ignoradas, pois assim como a disposição de recursos internos (características psicológicas e experiências anteriores) são importantes, recursos externos (apoio técnico, social e financeiro) vão influenciar níveis de crise e o tempo de adaptação à transição. Um aposentado, por exemplo, pode estar sustentado por estabilidade financeira e ao mesmo tempo sentir profundamente a perda da identidade profissional; ou fazer da saída do trabalho a chance de sua libertação, mas não ter condições para sustentar crises financeiras. Quanto mais equilibradamente disponíveis estiverem ambos os recursos, mais suave se torna o enfrentamento da transição (SCHLOSSBERG & LEIBOWITZ, 1980).

Uma das características que define a teoria de transição de Schlossberg (1981) é o pressuposto de que haveria no ser humano uma predisposição para a mudança, visto que os processos de transições também são correspondentes a expectativas pessoais e sociais. Em outras palavras, a trajetória humana seria impulsionada por desejos de emancipação e demandas sociais, e é a partir desta tensão que se originam as buscas por superação de inadequações, correspondência ou transposição de paradigmas socioculturais. O indivíduo é concebido como participante ativo do próprio desenvolvimento ao longo do tempo e, por tanto, mediador das experiências de transição pelas quais passa.

Segundo a autora, este modelo de análise não é e nem pretende ser uma estrutura fechada, cujas contribuições de outras teorias e aspectos da transição humana não possam ser acrescentadas. Como a transição não ocorre independentemente de outras fases e esferas da vida psíquica e social, compreendê-la também implica na adoção de abordagens suficientemente flexíveis à possibilidade de abandono de primeiras ideias, impressões e preconceitos, em virtude de perspectivas mais adequadas ao tipo de transição vivido e ao grupo que a vivencia.

3.5.2 Os 4S's da transição

Para que possamos compreender a transição na sua mais ampla extensão precisamos saber como o indivíduo concebe e enfrenta esta experiência. Essa análise, segundo Schlossberg (1981), é determinada por um conjunto de quatro grandes fatores que influenciam na capacidade do indivíduo de passar pela transição, denominados de os 4S's:

Situation – quão antecipada, esperada ou abrupta é a transição? É um não-evento? Que aspectos da transição estão dentro de uma zona subjetiva de controle situacional e o que está fora? Representa ou não uma mudança de papéis e, no caso de sim, essa mudança é vista como um ganho ou como uma perda? É uma mudança permanente, provisória ou de futuro incerto? O indivíduo já vivenciou experiência semelhante? Há outras fontes de estresse presentes e/ou concorrentes? O que representam?

Self – diz respeito às características individuais que interferem no processo de transição como idade, sexo, nível de instrução, classe econômica e valores, bem como à forma como o indivíduo se comporta na mudança e lida com suas implicações, bem como os recursos psicológicos que utiliza.

Social Support – Refere-se à influência de relacionamentos íntimos como o familiar, com amigos, instituições e outros núcleos sociais.

Strategies – Estratégias de enfrentamento da transição, bem como tomadas de decisões, planos e práticas que interferem no processo de mudança. Corresponde também aos significados atribuídos à transição e outros fatores que interferem na gestão do estresse durante a transição.

Transições modificam comportamentos, contextos e, conseqüentemente, a forma como o indivíduo passa a se relacionar consigo e com o mundo. No entanto, adaptar-se a novos hábitos e dimensões da vida não é tarefa simples (SCHLOSSBERG, WATERS & GOODMAN, 1995). Longe de ser uma condição final, esta adaptação diz respeito a um processo contínuo de ajustamento a características e demandas de novos papéis e contextos, em outras palavras, é um processo de “assimilação”, seja de novos códigos, normas, espaços, status ou expectativas.

3.5.3 Características de um processo transição

Schlossberg (1981), baseada nas considerações de Levin (1976), considera quatro estágios da adaptação, a saber: (1) retraimento, seguido de sofrimento psíquico, sentimento de remorso, (2) sentimentos de inércia, apatia e desajustamento, (3) exploração de possibilidades e pontos de virada, e (4) ajustamento ou processo contínuo de assimilação da nova realidade. O tempo de permanência do indivíduo em cada um desses estágios é determinado principalmente pela diferença entre contexto vivido e novo contexto. Quanto menor for a diferença entre um primeiro contexto e o outro, mais suave e rápida se torna o processo de adaptação. Schlossberg (1981) ainda destaca outras características inerentes ao processo adaptativo, que nos ajudam a pensar a transição em suas diferentes facetas.

Entre ganhos e perdas – Transições não representam apenas períodos de perda e situações tristes, mas de ganhos e situações prazerosas. A crise que um indivíduo enfrenta durante a transição de carreira pode corresponder não à perda de um papel, mas ao acréscimo de outros e, conseqüentemente, à dificuldade de se ajustar às novas circunstâncias contextuais e funções (SCHLOSSBERG, 1981; SCHLOSSBERG, WATERS & GOODMAN, 1995).

Aspectos negativos e positivos – Todo processo de mudança tem sua face positiva e negativa, as quais podem se apresentar simultaneamente e às vezes de forma concorrente. O término de uma carreira significativa pode ser determinado por uma necessidade de priorização de interesses, como o crescimento da família ou a necessidade de ficar mais tempo com a mesma.

Percepção de controle – Processos de mudança difíceis estão relacionados às situações que fogem à capacidade ou percepção subjetiva de controle. Mas quando transições são voluntariamente provocadas é porque condições prévias de enfrentamento estão presentes, bem como percepções subjetivas de controle sobre as circunstâncias.

Em tempo ou fora de tempo – Cada faixa etária apresenta um conjunto de representações sociais e expectativas que servem à classificação e qualificação de estágios de desenvolvimento. No mundo ocidental, para os 30 anos de idade é esperado que o indivíduo desempenhe papéis sociais inerentes à fase adulta como, por exemplo, a progressão e a realização profissional, a constituição de uma família, a paternidade/maternidade, dentre outros. Ao vivenciar essas experiências, o indivíduo cumpre com uma espécie de “calendário social” que reforça um sentimento de que está “em tempo” com expectativas pessoais e sociais. Quando não cumpre com estas expectativas, o indivíduo pode sentir estar “fora de

tempo” e, por conseguinte, sujeito a situações de estresse e estigmas sociais (SCHLOSSBERG & LEIBOWITZ, 1980; SCHLOSSBERG, 1981).

Duração permanente, provisória ou incerta – Segundo Schlossberg (1981) quando um evento traz mudanças permanentes na vida de uma pessoa, o processo de aceitação, enfrentamento e adaptação pode ser mais custoso, se comparado a mudanças provisórias. No entanto, maiores dificuldades de adaptação estão relacionadas a mudanças cujo tempo de duração é indefinido, pois níveis de estresse e ansiedade tendem aumentar diante de incertezas, dificultando a construção de comportamentos de enfrentamento da mudança.

Sistemas de apoio – Afiliação a grupos é uma condição necessária, senão crucial à adaptação. Segundo Schlossberg & Leibowitz (1980) núcleos sociais podem ser uma espécie de suporte, onde o indivíduo encontra empatia, acolhimento, afeto e estima, além de aconselhamento ou assistência especializada. A interferência deste tipo de suporte pode contribuir com a atenuação de crises enfrentadas principalmente durante os primeiros instantes da adaptação. O indivíduo que encontra apoio de pessoas próximas estaria mais apto a passar por dificuldades, pois relacionamentos íntimos (conjugal, filhos, pais) e o convívio com comunidades, atuam como fonte de recursos relacionados à confiança em meio a incertezas, solidariedade em meio a perdas, compreensão e diálogo em meio às decepções (SCHLOSSBERG & LEIBOWITZ, 1980; SCHLOSSBERG, 1981). Vale também ressaltar que processos de adaptação não significam que o indivíduo em transição não possa conduzir outras situações e transições que ocorrem simultaneamente. O enfrentamento ativo da transição também está relacionado à capacidade de dar e não apenas receber apoio. Para Schlossberg, Waters & Goodman (1995) cada indivíduo traz consigo uma espécie de portfólio, cujo conjunto de experiências e papéis sociais vividos servem como “vias de acesso” a outros papéis e configurações. A transição, portanto, também pode se caracterizar num processo de transferência de competências.

Este modelo vem mostrar que a adaptação humana às transições é um processo dinâmico e que ocorre em uma dimensão psicossocial. Seu valor reside no fato de não ser uma base de análise com conceitos fechados, mas uma sugestão aberta a revisões, bem como a acréscimos de teorias e métodos que melhor compreendem as experiências de grupos distintos.

4. MÉTODO

4.1 Por que o atleta olímpico brasileiro

O processo de apropriação do esporte no mundo moderno foi influenciado pelas transformações socioculturais ocorridas principalmente ao longo do século XX. Fato esse que estruturou a prática esportiva não só de acordo com o modelo industrial e capitalista em vigor, mas também segundo a racionalização do seu elemento mítico e ênfase em resultados (RUBIO, 2001; 2006). Essas mudanças foram fundamentais à constituição das representações sobre o atleta contemporâneo que, se outrora foi idealizado como extensão da necessidade humana de contato com o divino (Grécia Antiga), e em finais do século XIX visto como um nobre e descompromissado amante da prática esportiva, no século passado ele se tornava uma das figuras mais exploradas pela indústria cultural e científica. Atualmente ele é um especialista, um profissional da arte de mobilizar nações, uma referência de sucesso financeiro, reconhecido enquanto ídolo, paradoxalmente esquecido enquanto humano (RUBIO, 2001; 2004a).

Diferentemente do princípio da superação dos próprios limites e da ritualística que justificavam sua presença na cultura grega antiga, o atleta contemporâneo é aquele que tem a preparação competitiva como via de acesso a superação dos outros, para que assim possa garantir sua subsistência. Embora seu desempenho continue a ser amplamente utilizado como instrumento de afirmação político-ideológica, uma das características mais latentes de sua presença no mundo tem sido a utilização do seu corpo como arena de batalha tecnológica contra os limites humanos e os recordes. Ser um atleta é, por tanto, destacar-se dos comuns, alcançar feito suficientemente satisfatório aos anseios sociais por referências de conduta e elevada autoestima. É fazer parte de um plano tão superior, que o “deixar de ser” pode representar não mais saber quem se é (RUBIO, 2001).

A carreira atlética tornou-se espaço de espetacularização do desempenho esportivo avaliado sob um dualismo moderno que exalta experiências de glória e marginaliza experiências de derrota (RUBIO, 2006). Essas e outras condições marcam de forma incorporável o corpo e a memória do atleta. Quando lhe é dada a chance de contar a própria história, ele pode traduzir de forma narrativa o que é e o que foi ser atleta, bem como as implicações que suas escolhas geraram, os caminhos que percorreu para alcançar o grande feito e o destino para o qual retornou (RUBIO, 2001).

Foi pensando nesta categoria humana que Rubio (2001; 2004a; 2004b; 2008; 2011; 2014) entendeu que existe uma memória do esporte olímpico escrita pelos próprios protagonistas, que embora seja um importante elemento para a compreensão do fenômeno esportivo e superação de paradigmas, permanecia marginalizada e ofuscada pela história institucional. A captura dessas narrativas, então, passou a ser estruturada a partir de elementos conceituais e teóricos oriundos da história oral, dos estudos da memória social e de um conjunto de procedimentos que contribuem para uma sensibilização da escuta e do olhar daquele que se presta a compreender o esporte a partir da realidade narrativa.

4.1.1 Narrativas biográficas de atletas olímpicos brasileiros

Esta dissertação é desdobramento de um projeto de pesquisa maior – Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros – cuja responsável principal é a Prof^a Dr^a Katia Rubio, que a quinze anos tem se debruçado sobre a trajetória dos atletas olímpicos brasileiros, analisando as mais diferentes questões socioculturais do esporte a luz de suas narrativas biográficas. O conceito de narrativa biográfica, segundo Rubio (2014: 115), é descrito como discurso individual que oferece ao pesquisador uma compreensão sobre o autor da narrativa, do seu universo e sobre as próprias experiências que acumulou ao longo de sua existência. Consiste um momento de reencontro do atleta com sua subjetividade, identidades e com a sociedade, tanto no momento em que operava no âmbito competitivo e da vida pública, quanto no momento em que passou a desempenhar outros papéis após concluir sua trajetória atlética. Este conceito é resultado de uma trajetória de pesquisa cujo método foi, paulatinamente, se construindo de acordo com as dimensões do universo da pesquisa.

4.1.2 A história oral e a memória

O caminho escolhido para a análise das experiências de término e transição de carreira dos bicampeões foi a Narrativa Biográfica, cuja apreensão se deu mediante a utilização de estratégias e conceitos oriundos dos estudos da memória social e da história oral. Ao longo do século XX a história oral foi se consolidando como importante via de acesso ao conhecimento de processos históricos e psicossociais (QUEIROZ, 1998) e nos últimos anos tem sido amplamente utilizada pelas ciências humanas e estudos do esporte (RUBIO, 2001;

2004a; 2004b; 2008; 2010; 2014; RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012) com os mesmos intuitos.

Concebida como método qualitativo por excelência, permite com que as qualidades e também limitações do ato de narrar memórias agreguem uma dimensão humana à busca pela compreensão dos fenômenos sociais, trazendo o indivíduo/narrador para o centro do processo interpretativo dos fatos e eventos que vivenciou e vivencia (RUBIO, 2001; 2004a; 2014; HOLANDA, 2009). Um conjunto de procedimentos éticos faz parte do trabalho de recolha e utilização dos depoimentos, a saber: o narrador precisa saber e estar de acordo com a realização da entrevista, enquanto que o entrevistador deve assumir o compromisso de retornar os bens da pesquisa ao primeiro. Meios digitais de registro audiovisual também fazem parte deste processo e seu domínio é indispensável à apreensão da narrativa, a qual deve passar por um processo de transcrição para análise posterior.

A história oral é um processo de construção narrativa em que o narrador seleciona uma série de eventos e experiências que lhe são afetivamente significativas e que dão a sua história contexto e significados. Constitui-se de uma relação de cooperação estabelecida entre ouvinte e narrador, através da qual o último, ao abrir as janelas de suas memórias, reflete sobre quem foi e quem é (QUEIROZ, 1989; RUBIO, 2001). O papel do pesquisador/entrevistador neste processo é, antes de tudo, dar ouvidos e possibilitar com que o narrador explore em profundidade suas recordações. O ato de retornar à experiências passadas implica não só na possibilidade de desvendamento de fatos pessoais ou históricos, mas na exploração das emoções e identificações que compuseram tais memórias. Isso confere à narrativa uma qualidade distinta, capaz de reforçar, complementar ou colocar em questão o que já está dado (HALBWACHS, 2006).

No caso da experiência de transição de carreira atlética, o grupo sobre o qual dirijo minha atenção é o dos pós-atletas, através dos quais posso acessar, retrospectivamente as experiências que determinaram o encerramento de suas carreiras atlética, bem como os elementos que utilizaram para lidar com a transição para a vida pós-atleta. Como são pessoas que a mais de 30 anos deixaram o papel de atleta, o processo de construção dessa narrativa é inevitavelmente sujeito aos desvios, descontinuidades, omissões, equívocos, silêncios e esquecimentos. Porém, diferentemente do que se poderia pensar como limitação metodológica, além de conferirem legitimidade à narrativa, essas “limitações” são elementos de identificação de conteúdos contidos em cada experiência (POLLAK, 1989; RUBIO, 2001; 2004; MEIHY & HOLANDA, 2007). A limitação metodológica propriamente dita estaria presente nas circunstâncias que não podem ser controladas, mas que interferem na entrevista,

bem como nas próprias limitações do olhar do pesquisador/entrevistador, que não estará isento das tentações reducionistas geradas pelas primeiras impressões e análises.

A História Oral se distingue enquanto método independente de concepções positivistas de verdade. Sua construção não é e nem pretende ser isenta das incertezas, das contradições e das ideologias (MEIHY & HOLANDA, 2007), tão pouco ser uma demonstração de sucessão cronológica de eventos – embora não exclua do seu repertório tais estruturas dialéticas. O ato de narrar a própria história também é um processo sensorial em que o autor pode recorrer a todos os recursos internos e externos disponíveis a sua rememoração, bem como sintonizar-se às imagens e emoções que acompanharam suas experiências e transitar entre o presente e a memória coletiva para construir uma memória individual (HALBWACHS, 2006). Neste processo a presença do pesquisador se faz crucial, visto que a memória significativa só pode florescer sob estímulos adequados.

Os inúmeros caminhos aos quais a história oral tem acesso encerram qualquer compromisso do método com uma realidade que não seja aquela criada pelo indivíduo. O terreno em que se edifica sua narrativa vai abranger, por exemplo, os campos da superrealidade (ideias, impressões, fantasia), da atemporalidade (do que não é afetado pelas ordens cronológicas) e do mito (do desejo de fazer da própria história uma experiência de caráter exemplar e cheia de significado) (RUBIO, 2001). Diante disso, cabe ao pesquisador, como parte estruturante desse arborescer de experiências, reunir o aporte teórico e experiência necessários para que consiga se aproximar o quanto possível do sentido e significados que se querem compreendidos, considerando não só o que é dito, mas o que é silenciado.

Os silêncios, segundo Pollak (1989), são fronteiras estabelecidas entre a memória e o esquecimento ou, em outras termos, vozes reprimidas, celadas pela angústia ou pelo temor da incompreensão, da punição e da fragmentação que a própria verbalização da experiência pode trazer aos significados de determinadas memórias. As razões dos silêncios são diversas e complexas. Envolvem situações de sofrimento e, por isso, são elementos muito difíceis de serem percebidos ou capturados; sem esquecer o fato de que as questões éticas se apresentam para que a integridade do narrador não seja transgredida. Para vir a público, o silêncio precisa, antes de tudo, encontrar quem o ouça, bem como o ambiente e momento propícios que denunciam sua valorização.

4.1.3 Procedimentos de entrevista e tratamento dos dados

O procedimento de coleta das narrativas biográficas é constituído essencialmente por uma entrevista de carácter aberto com chamado colaborador/entrevistado (*CE*), para a qual o pesquisador/entrevistador (*PE*) deve passar por um processo preparatório de sensibilização da escuta e do olhar. Esta preparação é constituída por quatro etapas essenciais, a saber:

- *estudo e aprofundamento em temas* relacionados à memória, narrativa, imaginário e aspectos socioculturais do esporte, bem como seus desdobramentos sobre a vida dos protagonistas. Esse primeiro procedimento visa cercar *PE* de instrumentos que possibilitem-no perceber, de maneira multifocal, o contexto a partir do qual a memória e sua narrativa emergem. Esse aprofundamento teórico também obedece a especificidade do tema a ser estudado, o que, no meu caso, foi a transição de carreira atlética.

- *exploração do universo da entrevista de narrativa biográfica*. Processo de aproximação e apreensão do método em que *PE* assiste e transcreve entrevistas já realizadas para que possa conhecer suas dinâmicas, os ambientes que as cercam e as tomadas de decisão por parte dos personagens que a estruturam.

- *participação de acompanhamento*. Como terceiro passo, *PE* passa a acompanhar e a realizar conjuntamente as entrevistas. Essa etapa tem como objetivo familiariza-lo à situação real, através da qual ele pode agregar à própria experiência as qualidades e possibilidades não exploradas.

- *entrevista propriamente dita*. Quando *PE* passa a gerir suas próprias entrevistas, desde os processos de agendamento, conhecimento prévio do atleta/pós-atleta olímpico (questões demográficas e curriculares), apresentação da pesquisa e a condução da conversa.

Ao localizar *CE*, *PE* realiza uma breve apresentação sobre o que é a pesquisa e seus objetivos; em seguida convida *CE* a ceder entrevista, bem como escolher o local de sua preferência (casa, escritório, trabalho, clube, sala de reuniões do Grupo de Estudos Olímpicos, e outros). Durante o encontro, *PE* põe-se a esclarecer possíveis dúvidas em relação à pesquisa e entrega duas vias idênticas do Termo de Consentimento a *CE*. Além de formalizar a entrevista, este documento ressalta questões éticas inerentes à coleta e utilização dos depoimentos, informa sobre os possíveis desdobramentos da pesquisa e solicita a *CE* que autorize o uso do material audiovisual para os devidos fins. Uma das vias assinada é entregue a *PE* e a outra fica com *CE* para complemento do registro.

A entrevista se inicia quando *PE* solicita a *CE* que este *conte sua história*, o qual passa a escolher livremente a via de acesso às suas memórias e o andamento que dará à narrativa. É a partir daí que o tempo da entrevista é determinado, pois vai depender da disponibilidade e interesse de *CE*, bem como da maneira como *PE*, como ouvinte atento, interage e acrescenta à ao processo, podendo intervir com outras questões auxiliares quando os relatos caminham para uma versão mais sucinta, ou quando *CE* pede por questões que sustentem o andamento narrativo. Essas intervenções têm como objetivo, o aprofundamento em temas brevemente abordados por *CE*, bem como suscitar experiências que, até determinado momento, não foram narradas. Conforme ilustração a baixo, é possível visualizar uma estrutura de entrevista em História de Vida de Atletas Olímpicos Brasileiros, pensando o papel de *PE* enquanto participante ativo da construção dessa narrativa mediante utilização de questões auxiliares:

Tabela 1: Representação de um processo de construção da narrativa biográfica de atletas olímpicos brasileiros.

Conforme organizadas no esquema, as questões auxiliares são pilares de sustentação das trajetórias de vida e atléticas e abrangem desde informações demográficas à experiências universais da carreira atlética como iniciação, experiência mais significativa, os Jogos Olímpicos e o término da carreira atlética, às quais servem como ponto de partida e

sustento do andamento narrativo. Quando a solicitação essencial – *conte-me sua história de vida* – é suficiente para que *CE* consiga explorar e elaborar a própria história, as questões auxiliares já não são necessárias. Ao narrar sobre sua trajetória, *CE* nos oferece não só significados e desdobramentos de experiências, mas uma contextualização particular sobre o que é, o que foi ser, e o que é deixar de ser atleta. A questão do término da carreira atlética se apresenta como último pilar de sustentação da narrativa de *CE* e convida-o a pensar sobre os fatores que o levaram a encerrar a carreira como atleta, bem como os caminhos pelos quais passou para realizar sua transição para a vida pós-atleta. Esta última questão, por sua vez, é a que dá início a análise desta pesquisa.

4.1.4 Os colaboradores e os procedimentos de análise

As narrativas biográficas selecionadas para esta pesquisa foram cedidas por 10 homens idosos de nacionalidade brasileira; pós-atletas com idade entre 70 e 80 anos, que encerraram suas carreiras atléticas há mais de 30 anos.

Um primeiro critério que determinou a seleção desse grupo foram as experiências que compartilharam enquanto atletas do passado, as quais tiveram grande repercussão no cenário esportivo nacional e internacional; refiro-me principalmente às conquistas do bicampeonato mundial de 1959 e 1963 e das medalhas de bronze nos Jogos Olímpicos de Roma em 1960 e de Tóquio em 1964 (RUBIO, 2004a; 2004b). O segundo critério está relacionado ao fato de que, embora tenham protagonizado um dos momentos mais importantes do esporte brasileiro, os bicampeões representam uma geração de atletas que teve de lidar com as implicações do amadorismo sobre a carreira atlética, bem como o *não reconhecimento* social da condição de atleta como um trabalho digno de remuneração; fator determinante da forma como geriram suas carreiras atléticas, seus respectivos termos e transições (RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012).

O terceiro e último critério diz respeito ao que tem a nos oferecer suas narrativas enquanto elementos desencadeadores da discussão proposta. Seu valor encontra-se na possibilidade de representação de experiências vivenciais, segundo Benjamin (1987: 200), ricas em si de uma certa *sapiência* prática, que pode ser traduzida em uma espécie de ensinamento ou exemplo de vida. Os bicampeões mundiais, por tanto, representam aqui um tipo específico de narrador, classificado pelo autor como “alguém que tem muito para contar por muito conhecer das viagens que fez”, ao mesmo tempo que é “aquele que, ganhando a

vida sem necessariamente ter saído de sua terra, tornou-se conhecedor de suas histórias e tradições”.

O contexto da transição de carreira atlética em tempos de amadorismo é apresentado na análise a seguir, com base numa descrição da trajetória dos próprios bicampeões mundiais, para que em seguida sejam discutidas as suas unidades de significado a luz da teoria de adaptação humana à transição e dos conceitos apresentados na revisão de literatura sobre a transição de carreira atlética.

5. ANÁLISE DOS DADOS

5.1 A transição na trajetória dos bicampeões

Mais do que resumir histórias, procuro aqui trazer as particularidades com que cada narrativa se estruturou durante as entrevistas, acrescentando aos textos algumas datas, nomes e lugares que ficaram implícitos no andamento narrativo. As entrevistas foram realizadas por mim e por outros membros do Grupo de Estudos Olímpicos (GEO-USP) em diferentes períodos, de acordo com a disponibilidade de cada pós-atleta. Como a análise da transição de carreira atlética é feita a partir de recortes de narrativas biográficas, este retrospecto tem como objetivo essencial contextualizar, histórica e demograficamente, quem são os coautores e coparticipantes da discussão que proponho.

5.1.1 Wlamir Marques

Em tempos de amadorismo, quando nem mesmo os atletas proeminentes conseguiam desfrutar de fama e bons salários, um jovem ala de grande condição atlética fazia brilhar os olhos dos que testemunhavam o nascimento da chamada Era Dourada do Basquetebol Brasileiro. Wlamir Marques nasceu em São Vicente em 16 de julho de 1936, e foi no litoral paulista que começou a praticar o basquetebol e outras modalidades, sob influência da família.

Chegou a ser recordista brasileiro em prova de natação, representou o Clube de Regatas Tumiaru como voleibolista e também praticou futebol e atletismo. Morava próximo a uma das quadras do clube, onde observava um grupo de garotos que frequentemente se reunia para jogar basquete; e foi numa dessas oportunidades que deu início a uma relação com o esporte que se estendeu por décadas, influenciando decisivamente sua vida pessoal e profissional.

Sua iniciação e formação na modalidade ocorreu no próprio Tumiaru, onde jogou até os 16 anos. Em seguida se transferiu para o XV de Piracicaba, onde passou a ganhar relativa visibilidade no cenário esportivo nacional. Atuando em clubes, também representou o Tênis Clube Campinas e o Palmeiras, onde sagrou-se campeão estadual e nacional por diversas vezes. Sua primeira convocação para a seleção brasileira ocorreu em 1954, quando participou da conquista do vice-campeonato do mundial de basquetebol realizado no Rio de Janeiro, ficando também entre os cinco melhores jogadores da competição, ao lado de seus companheiros de equipe, Zeny de Azevedo (o Algodão) e Amaury Pasos.

Wlamir ainda não havia completado os 20 anos de idade e já era assunto nas rodas de conversa entre os admiradores do basquete. Dono de uma impulsão incomum que lhe permitia enterrar a bola na cesta de diversas maneiras, ganhou apelidos que o acompanharam até o final da carreira atlética: “Disco Voador”, “Óvni” e o mais conhecido, “Diabo Loiro”.

Figure 1: Wlamir Marques atuando pela seleção brasileira.

Fonte: rede social

Embora o relativo sucesso nas quadras o tornasse quase que insubstituível dentro dos planos da seleção brasileira, não pode desfrutar de regalias. Eram tempos de amadorismo e de marginalização da prática esportiva profissional, em outras palavras, viver somente do esporte era impossível. A estrutura arcaica e amadora do esporte naquela época exigiam do atleta o máximo de sua boa vontade que, alicerçada a um senso cívico e ao prazer proporcionado pelo jogo, mantinha-se viva.

Em companhia de seus colegas de equipe, Wlamir se alojava em baixo de arquibancadas e, nas semanas que antecediavam competições, seguia regime militar de concentração em reservas militares, dormindo em camas de campanha. Aos 19 anos, participou dos Jogos Olímpicos de Melbourne em 1956, sua primeira edição olímpica. Nessa época a seleção brasileira passava por uma reformulação de elenco em que jogadores com diferentes qualidades físicas e técnicas surgiam, criando grande expectativa. Essa renovação influenciou significativamente os resultados da seleção nas competições que se seguiram entre os anos de 1958 a 1972. E foi nesse período que o basquetebol passou a ganhar prestígio no Brasil, admiração que só não superou a paixão nacional pelo futebol. Estados Unidos e União Soviética já apareciam como favoritos aos títulos dos torneios em que participavam, enquanto que o Brasil os seguia proximamente. Eram tempos de transmissão de jogos de basquetebol pelo rádio, bem como de ginásios recebendo grande público.

Conquistamos o primeiro título mundial em 1959. Em 1958 foi o futebol. Então fomos para Roma em 1960, também credenciados a ser medalhistas, mas perdemos duas medalhas de prata (1960 e 1964), sempre para a União Soviética por um, dois, três pontos. Estados Unidos, ninguém ganharia deles, já naquela época. Embora fossem universitários, eles treinavam muito. Eram jogadores ótimos, que mais tarde se tornariam grandes jogadores da NBA, como Oscar Robertson e Jerry West, famosos até hoje [Wlamir Marques].

Em 1959, Wlamir participou da conquista inédita do Campeonato Mundial do Chile e no ano seguinte ganhou sua primeira medalha olímpica, o bronze dos Jogos de Roma. Sua consagração viria três anos mais tarde com a conquista do bicampeonato mundial no Rio de Janeiro, para ele, o apogeu de sua vitoriosa carreira em seleção. Nos Jogos Olímpicos de Tóquio em 1964 sua equipe só não conquistou a medalha de ouro por não conseguir superar o ascendente favoritismo dos norte-americanos e o semi-profissionalismo dos soviéticos; ficando mais uma vez com o terceiro lugar. Ao somar mais uma importante conquista na carreira atlética, Wlamir entrava para história do esporte como membro de uma das seleções de basquetebol mais vitoriosas do mundo, bem como um dos melhores jogadores do seu tempo.

Das memórias que guarda do grupo com o qual conviveu, ele destaca a relação harmoniosa e livre de maiores conflitos que acompanhava treinamentos, concentrações e viagens de competição; caracterizando-o como uma reunião de jovens cujo principal interesse era jogar basquete. A participação voluntária que guiava a carreira atlética em tempos de amadorismo não era apenas uma atitude patriótica, mas a única opção que o atleta tinha, se quisesse continuar fazendo o que gostava. Servir à seleção brasileira implicava em ficar longos períodos distante da família, dos estudos e do trabalho; situações que não isentava Wlamir de arcar com as consequências. Diferentemente de seus contemporâneos, preferiu priorizar o esporte, deixando os estudos, a priori, em segundo plano. Segundo seu colega de equipe, Vitor Mirshawka, Wlamir era um tipo de profissional dos tempos de amadorismo no que se refere à dedicação ao esporte, ainda que não fosse reconhecido em termos financeiros.

Por mais que seus feitos tenham elevado os emblemas dos clubes que representou, bem como a bandeira nacional, sua carreira não foi avaliada sob a lente da televisão e do reconhecimento financeiro, como ocorre nos dias atuais. O grande Wlamir Marques dependia do trabalho remunerado para sobreviver e da capacidade de conciliar carreira atlética com carreira profissional. Em Piracicaba, trabalhava no Departamento de Correios e Telégrafos, atividade por ele mesmo reivindicada ao Governo Federal em 1956. Quando contratado pelo Corinthians, transferiu o trabalho para a capital paulista, somando mais de dez anos de serviços prestados aos Correios. Foi a necessidade do trabalho um dos principais fatores que o levaram a encerrar a carreira atlética, embora só tivesse tomado essa decisão após ter respondido ao quinto processo por abandono de emprego.

Ele conta que em sua época havia uma lei que protegia o atleta convocado de sofrer qualquer prejuízo por ter se ausentado do trabalho. No entanto, como as convocações para a seleção exigiam a apresentação quase que imediata do atleta à comissão técnica, não havia tempo hábil para que o documento do afastamento da empresa/faculdade fosse viabilizado. Assim, sempre quando retornava das competições, não podia mais voltar ao trabalho sem antes responder às ordens de demissão e recorrer aos descontos salariais que o esperavam.

Figure 2: Wlamir Marques em entrevista para o Grupo de Estudos Olímpicos (GEO - USP).

Fonte: GEO-USP

Cansado da burocracia e da falta de reconhecimento, deixou o emprego nos correios e passou a construir carreira profissional dentro do esporte. Conhecia o então prefeito da cidade de São Paulo, José Vicente Faria Lima, amigo que o convidou para trabalhar na coordenação de uma escola de basquetebol. A partir de 1966 preocupações acerca do futuro pós-carreira atlética passaram a influenciar sua frequência na seleção brasileira. Na condição de técnico de uma equipe feminina de basquetebol em Piracicaba, pediu dispensa da seleção que ia para o Campeonato Mundial de Montevideu em 1967. No ano seguinte, participou da conquista do quarto lugar nos Jogos Olímpicos do México. Enfrentando problemas de relacionamento com o técnico Kanela e resolvendo questões pessoais, recusou ir ao Campeonato Mundial da Iugoslávia em 1970, mas voltou atrás na decisão por insistência de amigos e foi assim que defendeu pela última vez a seleção brasileira, sagrando-se vice-campeão. Em 1973 formou-se em Educação Física e, já no último ano de curso, passou a dar aulas no Colégio São Luís, onde ficou durante quatorze anos. Nesse mesmo período, compôs o corpo docente das Faculdades Integradas de Santo André (Fefisa) e em seguida foi professor na Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (Unesp). Como técnico, também dirigiu equipes das cidades de Cerquillo, Rio Claro, e dos clubes Palmeiras e São Paulo.

Em meados dos anos 1970, após passagem pelo Corinthians, Wlamir dava por encerrada a carreira como atleta. No início dos anos 1980, passou a ser convidado por emissoras de TV para atuar como comentarista de basquetebol. Conforme explicou em

entrevista, as primeiras experiências neste papel o fizeram descobrir competências relacionadas à comunicação e à análise de partidas, condição que o motivou a se especializar em rádio e televisão e a se dedicar profissionalmente à função de comentarista. Desde 2001 os canais ESPN contavam com seus comentários e análises em transmissões nacionais e internacionais de basquetebol.

5.1.2 Amaury Pasos

Os tempos de amadorismo também podem ser compreendidos como um período em que a iniciação esportiva ocorria de forma desinteressada, permitindo com que o aspirante a atleta explorasse diversas modalidades, mesmo quando tivesse que se especializar em alguma. Amaury Antônio Pasos iniciava carreira promissora no voleibol, chegando a ser campeão brasileiro da modalidade e convocado para a seleção brasileira, pela qual disputaria os Jogos Olímpicos de Tóquio em 1964. Mas teve que recusar a convocação, pois também defendia a seleção de basquetebol, com a qual disputou a mesma edição olímpica e conquistou medalha de bronze.

Figure 3: Amaury Pasos atuando pela seleção brasileira.

Fonte: CBB

Nascido em São Paulo no dia 11 de setembro de 1935, Amaury passou boa parte da infância e adolescência na Argentina, onde completou sua escolarização e começou a dar os primeiros arremessos. Teve uma iniciação esportiva generalista, praticando diversas modalidades na Associação Cristã de Moços (ACM), embora seu interesse fora maior pela bola laranja.

Ainda aos quinze anos, ingressou em uma equipe adulta de basquetebol da sua cidade, mas pouco jogou, pois não conseguiu impressionar. Por volta dos dezessete anos, retornou ao Brasil com a família e deu continuidade à prática esportiva no Clube de Regatas Tietê. A boa estatura o levou à prática do voleibol e a fazer parte da equipe principal do clube. Mas suas aptidões também chamaram a atenção de Oscar Guaranha, técnico de basquetebol que o integrou à equipe juvenil da modalidade. Entusiasmado com o potencial de Amaury, Guaranha dispôs-se a ensinar-lhe os fundamentos do jogo, até que a acelerada evolução do jovem chegou ao conhecimento do técnico Mario Amâncio Duarte, que não só quis leva-lo para a equipe principal do Clube Tietê, como apresentá-lo ao técnico Renan Togo Soares, o Kanela, que em 1954 selecionava os doze jogadores que iriam disputar o Campeonato Mundial do Rio de Janeiro naquele ano. Segundo Duarte, Amaury não passaria da primeira fase de testes, mas para a sua surpresa, o atleta conseguiu não só ficar entre os doze, como ser o titular, um dos maiores pontuadores e sagrar-se vice-campeão do torneio.

Amaury conta que juntamente com alguns atletas de sua geração introduziu um estilo de jogo semelhante ao que os norte-americanos já faziam, baseado em contra-ataques rápidos e arremessos por cima da cabeça, os *jump shots*. Isso teria contribuído para que o basquete brasileiro desse um importante salto evolutivo rumo à conquista dos títulos e da condição de potencia mundial, diz o pós-atleta.

Peça importante nos planos de Kanela, Amaury passou a marcar presença nas convocações seguintes, e em 1956 participou de seu primeiro desafio olímpico, os Jogos de Melbourne. Na ocasião, machucou o tornozelo e desfalcou a equipe nas últimas quatro partidas, terminando a competição na sexta colocação. O infortúnio seria compensado três anos depois com a conquista do Campeonato Mundial no Chile e da medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Roma um ano mais tarde.

Figure 4: Amaury Pasos em entrevista para o Grupo de Estudos Olímpicos (GEO – USP).

Fonte: GEO-USP

Amaury recorda que embora a seleção brasileira fizesse parte da elite do basquete mundial naquele momento, ela era extremamente carente de estrutura material e conhecimento técnico. Os únicos recursos que sua geração tinha a disposição eram vontade e criatividade. Ao lado de Wlamir, Rosa Branca e Sucar, Amaury compunha a base da seleção que em 1963 entraria para a história do esporte brasileiro, sagrando-se bicampeã mundial, não deixando dúvidas de que acima das questões estruturais havia um grupo de jogadores dotados de notável talento e das qualidades que mencionou.

Vieram os Jogos Olímpicos de Tóquio em 1964, mas a final do torneio acabaria ficando entre os soviéticos e os norte-americanos, e o Brasil novamente com a medalha de bronze. A maioria dos atletas que compunha a seleção norte-americana na década de 1960 estariam entre os melhores jogadores da NBA poucos anos depois. Semelhantemente, os soviéticos traziam seus melhores e mais bem treinados soldados/atletas, os quais se destacavam principalmente pela estatura, força física e pela vontade de representarem os interesses da ideologia socialista.

Amaury ressaltou que em sua época não havia o profissionalismo que é praticado hoje, o que o obrigava a desempenhar atividades profissionais paralelamente à prática esportiva. Ainda que recebesse alguma gratificação por ser atleta, esta não era suficiente a sua subsistência. Transferido para o Sírio, passou a trabalhar como treinador de categorias de base no Clube, mesma função que desempenhou no Tênis Clube Paulista. Era formado em

Educação Física quando passou a lecionar em colégios tradicionais de São Paulo como o Arquidiocesano, São Luis e São Miguel, além de Escolas Municipais. Embora sua dedicação à carreira como atleta de clube não fosse diária, conciliar compromissos profissionais com a prática esportiva nunca fora uma tarefa simples. Sempre que convocado para a seleção, Amaury tinha que deixar o trabalho em segundo plano, pois os períodos de preparação e competição podiam levar meses inteiros, implicando em problemas com as instituições de ensino.

A condição de atleta de seleção brasileira à época trazia consigo uma conotação patriótica e voluntariosa em que representar o país era, em si, uma espécie de gratificação para o atleta. Amaury recorda que sustentou o quanto pode essa condição, até que a necessidade de sustento da família fez com que repensasse suas prioridades e passasse a elaborar o encerramento da carreira atlética. Essa decisão já havia sido tomada no início dos anos 1970 quando foi convidado pelo então presidente do Corinthians, Wadi Helou, a jogar pelo clube paulista. A intensão do presidente era reunir grandes nomes do basquetebol brasileiro em sua equipe, trazendo prestígio e visibilidade à modalidade dentro do clube. Em 1973 Amaury encerrou definitivamente a carreira atlética, deixando também de lecionar logo em seguida para cuidar dos negócios da família. Voltou às quadras em 1982 para dirigir a equipe do Monte Líbano e entre os anos 1990, juntamente com alguns colegas de seleção, engajou-se em um projeto de preparação de jovens jogadores de basquetebol chamado Grupo de Iniciação ao Basquetebol Infantil (Gibi). A saudade do jogo ainda o levaria a participar dos torneios masters, onde pôde reativar a adrenalina competitiva e a conquistar títulos na mesma categoria.

O maior reconhecimento por seu trabalho no esporte veio em 2013 com a indicação para a classe do *Naismith Memorial Basketball*, o hall da fama do basquetebol internacional. Hoje em dia, Amaury desfruta do papel de avô e, habituado à rotina esportiva, ainda participa de competições de golfe e compartilha sua experiência no projeto Gibi.

5.1.3 Rosa Branca

Não há dúvida de que o futebol sempre foi a modalidade com maior prestígio entre os brasileiros e que resta as demais modalidades apenas instantes de brilho proporcionado pelos feitos dos seus heróis olímpicos (RUBIO, 2004b). Entre as décadas de 50 a 70 esse brilho emanou do basquetebol, através dos diversos títulos conquistados por um grupo de

atletas cujo talento chamou a atenção do país e do mundo. Rosa Branca é um dos principais nomes desta lista.

Nascido na cidade de Araraquara, interior de São Paulo, em 10 de julho de 1940, desde pequeno procurou ajudar a família com as despesas do lar, trabalhando com o que houvesse para fazer. Foi sapateiro, feirante e vendedor de água, enquanto cuidava dos estudos. Na Escola Industrial de Araraquara, encontrou um departamento de Educação Física que lhe oferecia boa estrutura para a prática de modalidades esportivas. Começou praticando o atletismo e, durante um dos campeonatos que disputava, chamou a atenção de Júlio Mazzei, professor de educação física recém-chegado dos Estados Unidos que viu em Rosa Branca qualidades adequadas às exigências do basquetebol (RUBIO, 2004b).

Figure 5: Rosa Branca em dia de treinamento.

Fonte: Portal do Arruda (blog).

Embora nunca tivesse experimentado o esporte, Rosa Branca aceitou o desafio e, a partir de 1954, sob às orientações de Mazzei, começou a desenvolver os fundamentos do jogo. Pouco tempo depois estava participando de campeonatos regionais pelo Nosso Clube Cestobol. Mas sua evolução ainda o levaria mais longe. Por volta de 1956 integrou a equipe do São Carlos Clube, com a qual conquistou o título interiorano e o vice-campeonato paulista

na categoria adulto. Em 1958, a convite do técnico Mario Amâncio Duarte, transferiu-se para o Palmeiras. Boas atuações o levaram no mesmo ano à seleção brasileira, com a qual conquistou seu primeiro título, o campeonato sul-americano no Chile. Um ano depois disputou também no Chile o Campeonato Mundial e se sagrou campeão.

A carreira atlética de Rosa Branca seguiu vitoriosa também em Jogos Olímpicos: foi medalhista de bronze em Roma em 1960 e repetiu o feito quatro anos depois em Tóquio. De volta ao Mundial de Basquete, no Rio de Janeiro em 1963, sagrou-se novamente campeão, invicto.

Figure 6: Rosa Branca em entrevista para o Grupo de Estudos Olímpicos (GEO – USP).

Fonte: (GEO-USP).

Bicampeão do mundo e medalhista olímpico por duas vezes seguidas, Rosa Branca foi considerado herói e um dos principais jogadores do país. Condição que despertou interesse de vários clubes. Em 1968, quando atuava pelo Corinthians, chegou a ser convidado por empresários norte-americanos a integrar a equipe do *Harlem Globtrotters*. No entanto, como o aceite representaria sua profissionalização e, conseqüentemente, a impossibilidade de

atuar e manter os títulos conquistados com a seleção brasileira, abriu mão da nova vida e dos 40 mil dólares que receberia se assinasse o contrato.

Embora honrosa, a decisão patriótica não o isentou de sofrer com as instabilidades de uma carreira atlética que não era considerada trabalho no Brasil. Em 1971, quando ainda atuava pelo Corinthians, decidiu tomar novo rumo. Formado em Educação Física e preocupado com futuros atletas, passou a se dedicar à carreira de técnico de categorias de base no Sesi. Função da qual se aposentou em 2003. Os anos que se seguiram após o encerramento de sua carreira atlética foram acompanhados por diversas homenagens, dentre as quais estão o título de cidadão honorário da cidade de São Carlos, o título de personalidade esportiva, além do convite para um cargo na gestão da Federação Paulista de Basquetebol (FPB). Em 2008 Rosa Branca veio a falecer, vítima de pneumonia.

5.1.4 Sucar

O basquetebol brasileiro dos anos 30 a 70 não pôde contar com muitos jogadores de grande estatura, senão com a garra, dedicação e versatilidade dos chamados medianos e “baixinhos”. No entanto, uma das exceções à regra trouxe consigo não só capacidades físicas distintas, mas uma habilidade de gestão da vida determinante para a longevidade da carreira atlética e para e para que seu encerramento viesse no “tempo certo”.

Nascido em Tucumã, na Argentina, em 14 de junho de 1939, Antônio Salvador Sucar veio com a família para o Brasil aos 7 anos de idade para morar no bairro de Perdizes em São Paulo. Escolarizou-se no Colégio Batista Brasileiro, onde também conheceu o basquetebol. Magro e de estatura acima da média, não demorou para se tornar preferência na equipe dos colegas. No final do ensino médio, passava dos dois metros de altura, o que levou os irmãos mais velhos a associá-lo ao Sírio, onde ingressou numa equipe juvenil recém-formada e passou a se desenvolver na modalidade.

Figure 7: Sucar atuando pela seleção brasileira.

Fonte: CBB

Tinha dezessete anos, quando se sagrou campeão estadual em 1957. Feito que o levou para a equipe principal, na qual logo assumiu posição titular, deixando o posto apenas para atender convocações da seleção brasileira. Aos dezoito anos de idade, compunha o grupo que se preparava para o Campeonato Mundial do Chile em 1959, mas por não ter conseguido viabilizar sua naturalização brasileira a tempo, não pode participar do torneio. Ainda assim, disputou Campeonatos Mundiais Universitários enquanto graduava-se em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Em 1960, naturalizado brasileiro, integrou a seleção e participou de sua primeira competição internacional e converteu as últimas cestas que deram o título de campeão sulamericano ao Brasil em 1960. No mesmo ano, participou dos Jogos Olímpicos de Roma e foi medalhista de bronze.

Em 1963, foi medalhista de prata nos Jogos Pan-Americanos de São Paulo e bicampeão mundial no Rio de Janeiro. Nas Olimpíadas de Tóquio um ano depois conquistou sua segunda medalha de bronze, quase repetiu o feito nos Jogos Olímpicos do México em 1968, essa que foi sua última participação na seleção brasileira.

Figure 8: Sucar em entrevista para o Grupo de Estudos Olímpicos (GEO – USP).

Fonte: GEO-USP

Sucar permaneceu atuando pelo Sírío por mais cinco anos e encerrou definitivamente a carreira atlética após sagrar-se vice-campeão mundial pelo clube em 1973. Os quase vinte anos dedicados ao basquetebol, preenchidos com diversas conquistas, para ele, serviram como parâmetro para que encerrasse voluntariamente a carreira atlética. Ele conta que esta tomada decisão partiu de um sentimento de satisfação e de missão cumprida, somado ao cansaço causado pelas muitas campanhas, bem como a necessidade de cuidar da vida profissional.

Sucar lembrou que a questão da profissionalização era algo muito difícil de lidar em sua época de atleta. Se fosse pego recebendo dinheiro, perderia as medalhas e títulos, bem como a chance de participar de competições pela seleção brasileira. No entanto, disse que nunca dependeu do dinheiro vindo do esporte, pois o trabalho que desempenhava paralelamente à carreira atlética garantia-lhe subsistência. Ele considerou que em sua época os treinamentos não eram tão intensos como nos dias de hoje, salvo os períodos de treinamento e preparação para competições com a seleção brasileira. Quando concluiu a faculdade de direito, participou da conquista do bicampeonato mundial do Rio de Janeiro em 1963 e chegou a trabalhar como soldador, auxiliar administrativo e representante comercial. Anos mais tarde,

tornou-se empreendedor imobiliário, atividade que continuava a exercer até a data de sua entrevista.

5.1.5 Menon

Os tempos amadorismo não deram chances aos grandes jogadores de viverem da “fama”. Obrigatoriamente inseridos na vida cotidiana, estes atletas tinham que aspirar carreiras e realizações profissionais em outros campos; condição que fazia do encerramento da carreira atlética uma experiência muitas vezes necessária em virtude de novos horizontes que se abriam para os que não queriam ser lembrados como grandes atletas apenas, mas como mestres e doutores que foram grandes atletas.

Nascido na cidade de São Paulo em 07 de fevereiro de 1944, Luiz Cláudio Menon viveu a infância e início de adolescência relativamente conturbados, diz. Era muito alto em relação aos colegas do colégio, e por isso recebia inúmeros apelidos. Tímido, também não era de muitos amigos. Situação que levou seus pais a matriculá-lo na escola de natação do Palmeiras. Numa dessas idas e vindas ao clube, Menon conheceu Túlio Di Grado, professor de basquetebol que, admirado com a estatura do jovem, o convidou a participar de treinamentos.

Figure 9: Menon atuando pela seleção brasileira.

Fonte: CBB

Aos dezesseis anos, e ainda desajeitado com a bola, desacreditava da possibilidade de fazer parte de uma boa equipe. Chegou a quase desistir de treinar por um tempo, pois não sabia o quanto sua condição física era valiosa. De volta aos treinos, levou poucos meses para ingressar na equipe infantil do clube, mas aplicou-se sobremaneira a aprender os fundamentos do jogo, sob as orientações de Di Grado, o que o ajudou a evoluir ainda mais. Foi quando passou a participar da equipe juvenil, ao mesmo tempo em que marcava presença nos treinos da equipe principal do Palmeiras, até chegar a condição de titular. Em 1963 era atleta do Sírio quando recebeu sua primeira convocação para a seleção brasileira e conquistou o bicampeonato mundial.

Uma das principais características de Menon era a versatilidade para atuar em posições distintas na quadra. Ele diz que foi um dos primeiros atletas da sua modalidade a experimentar técnicas de treinamento específicas, envolvendo exercícios de velocidade e explosão com carga. Três vezes por semana, ele se dedicava aos treinos de quadra e, nos dias restantes, cuidava da parte física. Chegou a ser considerado um dos alas/pivôs mais rápido de sua geração, condição que lhe garantiu outras convocações para a seleção. No entanto, ao passo em que a carreira atlética exigia abdicar das aspirações profissionais, iniciava-se ao mesmo tempo um processo de aceitação da possibilidade de parar. Participava de uma série de jogos amistosos em Tóquio, quando tomou a decisão de não participar dos Jogos Olímpicos no mesmo ano. Esta experiência custaria-lhe mais uma reprovação no vestibular para o tão sonhado curso de medicina.

Determinado a não mais atrasar seus empreendimentos profissionais, Menon dedicou os meses que lhe restaram à preparação para o vestibular. Como sua família não podia custear seus estudos, trabalhou dobrado para ingressar na universidade pública e teve seu sacrifício recompensado. Em 1965, tornou-se calouro do curso de Medicina da Santa Casa (Universidade Federal) e, não querendo abrir mão do basquetebol, passou a administrar uma quádrupla jornada de atividades que envolvia estudos, residência médica, dedicação ao clube e à seleção brasileira. Com detalhes, ele recorda da vez em que teve de fazer uma prova no mesmo dia em que viajaria à Montevideu para disputar o Campeonato Mundial em 1967. Enquanto realizava o teste, seu pai o aguardava na porta da faculdade com o carro apostado, assim como os colegas de equipe que no aeroporto tentavam atrasar o voo. A concorrência de atividades era estafante e difícil, mesmo assim tornou-se um espaço privilegiado para que Menon pudesse pensar e construir sua identidade. Em suas próprias palavras, ele lembra que “não queria ser reconhecido apenas como um jogador de basquete, mas como um jogador que também foi um médico bem sucedido”.

Figure 10: Menon em entrevista para o Grupo de Estudos Olímpicos (GEO – USP).

Fonte: GEO-USP.

Uma administração particular da rotina de treinamento e competições possibilitou com que o atleta cuidasse também da medicina e não obtivesse menos sucesso na área. Ao refletir sobre a disciplina que teve de adotar para conciliar seus compromissos, Menon descreve que nunca dormia após o almoço e aproveitava o tempo vago para cuidar das tarefas da faculdade antes de reiniciar treinos e participar de jogos. Sua condição de atleta da seleção brasileira estava rigidamente delimitada pela agenda de estudo e trabalho, não raros os pedidos de dispensa das convocações que recebia, para que pudesse cuidar de outras prioridades.

Em 1971, durante os Jogos Pan-Americanos de Cali, um problema de visão que o acometera anos atrás se agravou, forçando-o a abandonar a competição. Dessa experiência, Menon recorda que o fato de ter se retirado da competição teria motivado seus colegas a conquistarem a medalha de ouro com a qual foi presenteado pelo grupo, em reconhecimento por suas contribuições.

Antes de deixar a seleção brasileira, foi convocado para os Jogos Olímpicos de Munique em 1972, e lá viveu sua mais emblemática experiência. Devido obrigações profissionais, não embarcou com a delegação. Em voo especial desembarcou na cidade alemã, onde foi recepcionado por um membro da delegação brasileira que o levou diretamente para o gabinete do então presidente do Comitê Olímpico, Silvio de Magalhães Padilha, que esperava o atleta para formalmente convidá-lo a ser o porta-bandeira da delegação brasileira

no desfile de abertura dos Jogos. Depois dos Jogos Olímpicos, Menon deixou a seleção brasileira, mas seguiu atuando pelo Sírío enquanto concluía a residência médica e se especializava em Endocrinologia. O aumento da demanda de trabalho unido a sensação de missão cumprida no esporte, exaustão e lesões contribuíram para que aos 30 anos tomasse a decisão de parar. Até a data da entrevista, Menon exercia a medicina endócrina ao mesmo tempo em que preparava uma autobiografia baseada na trajetória atlética.

5.1.6 Jatyr Schall

Em tempos de amadorismo, encerrar a carreira atlética precocemente era sinônimo de prudência, inúmeras as necessidades e interesses da vida adulta que muitas vezes concorriam com a dedicação a uma carreira atlética não remunerada. Contribuindo para a tomada de decisão pelo término a coleção de conquistas sugeria ao atleta a possibilidade de um “fechamento de ciclo” para início de outro. A história de vida que descrevo a seguir ajuda-nos a refletir sobre este tipo de enfrentamento da transição de carreira no esporte. Nascido na cidade de São Paulo em 18 de outubro de 1938, Jatyr Eduardo Scall teve a sua infância e adolescência marcadas pelo incentivo da família a prática esportiva. Seu avô competia em provas de ciclismo, e seu pai era um jogador de Polo Aquático que gostava de passar longas temporadas com a família na Praia Grande.

Figure 11: Jatyr em dia de jogo pela seleção. brasileira.

Fonte: CBB

Foi no litoral paulista que Jatyr experimentou atividades diversas, na companhia dos colegas. Seu engajamento no basquetebol, conforme atribui, se deve à impulsão que adquiriu pelo muito correr sobre a areia da praia, jogar futebol e pedalar. No entanto, foi somente aos 17 anos que passou a aprender fundamentos da modalidade e a ter uma rotina de treinos. Iniciou na equipe juvenil do Pinheiros, e um ano depois se transferiu para o Palmeiras, onde passou a se destacar e a participar de convocações da seleção brasileira.

Tinha apenas 21 anos quando participou do Campeonato Mundial de 1959 e se sagrou campeão. Aos 25, com um pouco mais de experiência, pode participar com mais tempo de quadra da conquista do bicampeonato mundial no Rio de Janeiro em 1963. No ano seguinte carrou sua curta passagem pela seleção com a conquista da medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Tóquio. Embora sustentasse papel coadjuvante num grupo constelado por jogadores como Amaury, Wlamir, Rosa Branca, Sucar e Ubiratan, sua rápida ascensão à condição de membro de uma das melhores seleções de basquetebol do mundo refletia um talento desenvolvido sob rústicas condições de treinamento e amadorismo, com o qual só não pode chegar mais longe porque não podia deixar suas obrigações. Casado e com filho, decidiu priorizar a família e encerrou a carreira atlética ainda aos 28 anos. Embora formado em Direito, não exerceu a profissão para se engajar na vida empresarial, coordenando uma empresa de transportes.

Figure 12: Jathyr em entrevista para o Grupo de Estudos Olímpicos (GEO - USP).

Fonte: GEO-USP

Mas o encerramento da carreira atlética não o afastou necessariamente das quadras. Jatyr aventurou-se no golfe e no tênis de quadra, chegando a participar de competições na categoria master. Sete anos mais tarde, voltou a jogar basquete e a participar de campeonatos na mesma categoria, entendendo a vida pós-atleta de alto nível com particular naturalidade. Apesar da saudade que sente dos tempos de seleção e do grupo com o qual conviveu, diz encontra-se em um momento singular de desfrute da convivência com a família.

Embora precoce, o término da carreira atlética, para Jatyr, foi uma decisão voluntária e acertada. A prática do basquetebol master se apresentou para o pós-atleta como um meio pelo qual podia manter vivo o espírito competitivo, o contato com velhos amigos de quadra e a memória de um período particularmente especial. Até a data entrevista, Jatyr atuava por equipes do Esporte Clube Pinheiros e Sírío, além de estar envolvido com o projeto Gibi.

5.1.7 Mosquito

Numa modalidade em que a presença dos mais altos é quase que absoluta, são poucos os jogadores de baixa estatura que conseguem sobreviver, tão pouco se destacar e permanecer entre constelações.

Figure 13: Carlos Massoni atuando pela seleção brasileira.

Fonte: CBB

Nascido na cidade de São Paulo em 04 de janeiro de 1939, Carlos Domingos Massoni, Mosquito (apelido recebido por causa da estatura) começou a praticar basquetebol por volta dos doze anos por ter sido proibido pelo pai de jogar futebol seu verdadeiro sonho. Abandonava com frequência as aulas de natação e escondido corria para o campo, até que a desobediência foi vista pelo pai, que prontamente o transferiu para um clube sem campo e traves. Foi na Associação Atlética São Paulo que Mosquito conheceu e aprendeu os fundamentos do basquetebol, destacando-se em suas categorias. Aos 15 anos, transferiu-se para o Palmeiras, clube que defendeu vitoriosamente durante nove anos, ao mesmo tempo em que atendia convocações para a seleção brasileira de base.

Na seleção principal, participou das conquistas das medalhas de bronze nos Jogos Pan-Americanos de Chicago em 1959, do Campeonato Sul-Americano da Argentina e da medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Roma em 1960. Em 1963, foi bicampeão mundial, e no ano seguinte conquistou sua segunda medalha de bronze olímpica nos Jogos de Tóquio. Mosquito ainda foi ao México em 1968 para a sua terceira participação olímpica e ficou com a quarta colocação. Em 1970 tornou-se vice-campeão mundial na Iugoslávia e medalhista de ouro nos Jogos Pan-Americano de Cali em 1971. Encerrou sua participação na seleção brasileira após os Jogos Olímpicos de Munique em 1972, mas seguiu jogando em clubes.

Figure 14: Carlos Massoni em entrevista para o Grupo de Estudos Olímpicos (GEO-USP).

Fonte: GEO-USP

Os treze anos que passou com a seleção foram de plena dedicação à carreira atlética, e para escapar dos termos impostos pelo amadorismo, trabalhava como podia como representante de calçados. Também chegou a trabalhar como auxiliar administrativo de uma empresa tipográfica, além de administrar a própria padaria. Não vislumbrava uma carreira pós-atleta, mas quando se transferiu para o Sítio a vida depois do esporte passou a ser pensada de maneira mais concreta. Assim como a maioria dos companheiros de equipe, Mosquito recebeu incentivo do clube para que pudesse concluir os estudos. Identificado com o esporte, formou-se em Educação Física e passou a trabalhar como professor, administrando a carreira atlética paralelamente. Após dez anos no Sítio, Mosquito transferiu-se para o São Caetano, onde passou a trabalhar como técnico de categorias e, por volta dos 40 anos, encerrou a carreira atlética.

Reconhecido por sua vitoriosa trajetória como atleta, chegou a ser convidado para dirigir uma equipe italiana de basquete, mas às vésperas de um casamento, e se recuperando de uma pneumonia, desistiu da oferta. Uma segunda oportunidade batera sua porta, agora para participar da direção de um programa de formação de jogadores de basquetebol na prefeitura de Guarulhos. Projeto que assumiu paralelamente ao cargo de professor de educação física da Fundação Armando Álvares Penteado, a FAAP, onde permaneceu por mais de 20 anos. Aposentado, Mosquito vive em Guarulhos com a esposa.

5.1.8 Boccardo

Na era dos bicampeões o amadorismo recebia as mais diferentes interpretações. Era possível ver atletas amadores em uma modalidade esportiva atuando como profissionais em outra. Havia os chamados semi-profissionais que trabalhavam em funções diferentes dentro do clube que representavam, e também os profissionais propriamente ditos. A história de mais um dos grandes jogadores daquela ilustra estas contradições.

Waldyr Geraldo Boccardo nasceu em São Manuel, interior de São Paulo, em 28 de janeiro de 1936. Mudou-se ainda pequeno com a família para São José dos Campos por causa do trabalho do pai. Como a cidade respirava basquetebol, não demorou muito para se interessar pelo jogo e se engajar em treinamentos. No início, não conseguia ganhar nem mesmo dos piores jogadores da escola, diz. Situação que o motivou a se dedicar ainda mais aos fundamentos do jogo. Por volta dos quatorze anos, Boccardo então ingressou na equipe do Tênis Clube São José, onde começou a conquistar títulos de nível regional e nacional.

Figure 15: Boccardo atuando por equipe de São José dos Campos.

Fonte: Museu do esporte (blog)

A primeira convocação para a seleção brasileira aconteceu em 1958 após um árduo processo seletivo envolvendo mais de 40 jogadores em que Boccardo acabou ficando entre os doze que se tornaram campeões mundiais no Chile em 1959. No mesmo ano, o atleta ainda conquistaria a medalha de bronze nos Jogos Pan-Americanos de Chicago, repetindo o feito nos Jogos Olímpicos de Roma em 1960 mais tarde.

Muito jovem, teve pouco espaço na fortíssima seleção. Em contra partida, fez sucesso nos clubes em que jogou, quebrando o paradigma amador ao se profissionalizar ostentar bens. Em São José dos Campos, tinha fama de rei, mas foi no Flamengo que ganhou as graças da torcida e dirigentes. Ganhava salário como jogador de basquete, morava em apartamento no Leblon e passeava de Mustangue pelas ruas da cidade. Essa condição, no entanto, não se sustentou por muito tempo, pois ser atleta profissional em tempos de amadorismo não significava que a vida pós-atleta seria subsidiada por uma previdência social. Esta só viria através de um trabalho socialmente reconhecido.

Figure 16: Boccardo em entrevista para o Grupo de Estudos Olímpicos (GEO-USP).

Fonte: GEO-USP

A ausência nos Campeonatos Mundiais de 1963 e nos Jogos Olímpicos de Tóquio em 1964 foram reflexos de um processo particular de mudança de prioridades para Boccardo. Cursando faculdade de Educação Física, planejava se casar e viabilizar moradia própria, o que não permitia dedicação integral à seleção. Continuou jogando pelo Flamengo até meados de 1970 e logo após ter encerrado a carreira atlética começou a trabalhar como técnico. Lecionou basquetebol na Universidade Gama Filho durante quatorze anos e chegou a dirigir uma equipe em Medinah, na Arábia Saudita por uma temporada. De volta ao Brasil, passou a se dedicar a palestras e cursos de reciclagem para técnicos de basquetebol. Escreveu livro que ensina aspectos táticos do basquetebol, e atualmente é aposentado.

5.1.9 Fritz

Para este pós-atleta, o esporte nunca foi mais importante do que seu desenvolvimento integral e preparação para o futuro. Ainda assim, sua dedicação ao basquetebol não o impediu de tornar reais sonhos e profissões.

Nascido no Rio de Janeiro em 18 de julho 1941, Friedrich Wilhelm Braun, o Fritz, era um garoto de forte temperamento que aos 10 anos veio morar sozinho no colégio interno

Koelle em Rio Claro SP. Foi lá que passou toda sua adolescência e, embora sob rígida disciplina, pode vivenciar atividades esportivas diversas. Garoto cheio de energia, demonstrava aptidão para quase todas as modalidades que praticava. Iniciou no basquetebol despretenciosamente, mas aos poucos passou a se identificar com o jogo e se destacar em treinos e jogos. Embora seu processo de especialização tenha se iniciado apenas aos 17 anos, sua evolução ocorreu com rapidez.

Figure 17: Fritz atuando pela seleção brasileira.

Fonte: CBB

De Rio Claro se transferiu para o Fluminense, onde conheceu um senhor chamado Orlando Black que, percebendo o talento de Fritz, dispôs-se a ajudá-lo com os fundamentos do jogo, certo de que seu aprendiz chegaria à seleção brasileira em menos de três anos. Profecia que se cumpriu. Dentre os jogadores de sua época, Fritz foi um dos que mais tardeamente iniciou no basquetebol e que mais rapidamente alcançou a seleção brasileira. Mas esse processo não ocorreu sem dificuldades. Paralelamente à carreira atlética, o atleta dedicava-se aos estudos e à profissão. Trabalhava em uma empresa de metalurgia com o pai, o qual preferia que o filho se engajasse em uma atividade que garantisse futuro. Desconfiança

no esporte que não diminuiu depois que Fritz conquistou o campeonato mundial com a seleção brasileira em 1963. Ele tinha que trabalhar.

Embora a tripla jornada envolvendo estudo trabalho e esporte fosse árdua, não o impediu de alcançar condição de destaque nas competições. Mas ao passo em que as responsabilidades de trabalho passaram a exigir mais do seu tempo e energia, o término da carreira atlética passou a ser elaborado. Fritz já era campeão carioca e brasileiro pelo Fluminense quando se tornou bicampeão mundial com a seleção brasileira. Participou dos Jogos Olímpicos de Tóquio em 1964 e foi medalhista de bronze. No ano seguinte já não podia mais abrir mão do trabalho, e assim rejeitou as convocações seguintes e nunca mais jogou pela seleção. Seguiu atuando por mais de dez anos em clubes, passando pelo Sírio e XV de Piracicaba, onde encerrou a carreira atlética em 1981. Era formado em Engenharia Química e atuou na área até se aposentar.

Figure 18: Fritz em entrevista para o Grupo de Estudos Olímpicos (GEO-USP).

Fonte: GEO-USP

Ele lembra que assim como os seus contemporâneos buscou formação acadêmica durante a carreira atlética para que pudesse estar inserido no mercado de trabalho quando deixasse o esporte. Quando perguntado sobre como se sente em relação ao distanciamento das quadras, ele disse que não sente saudade da época de atleta competitivo, pois sua transição de

carreira foi resultado de uma escolha espontânea, baseada num processo de preparação para a vida mais ancorado na formação acadêmica e prática profissional do que no forte engajamento no esporte. Embora acredite ter participado pouco da campanha olímpica de 1964, considera sua carreira atlética como completada, pois a preencheu como atleta da seleção brasileira, campeão sul-americano, pan-americano, mundial e medalhista olímpico. O mérito que atribui a essas conquistas encontra-se também no fato de ter chegado onde chegou com pouco tempo de prática e apesar da estrutura precária dos tempos de amadorismo.

Aposentado, Fritz estabeleceu residência em Rio Claro, onde vive até então. Suas memórias ainda são narradas em encontros anuais com membros da geração de ouro, e atualmente têm sido registradas por estudiosos estrangeiros que procuram pelo pós-atleta para saberem mais sobre quem ele foi.

5.1.10 Vitor Mirshawka

Ao narrar sua história de vida considerando o momento histórico em que foi atleta, o agora pós-atleta classificou sua trajetória como algo constituído por dois segmentos distintos: o profissional (a rotina de trabalho institucionalizada e assalariada) e o esportivo, que embora ocupasse espaço importante em seus afetos, era uma prática essencialmente amadora e, por isso, concebida como algo não mais importante do que o futuro a ser construído.

Filho de imigrantes bielorrussos, Vitor Mirshawka nasceu em uma província chamada Tcherni em 27 de abril de 1941, mas viveu toda a juventude com a família no bairro do Ipiranga em São Paulo. Seu interesse pelo basquetebol começou devido o contato com diversas modalidades esportivas no Clube Ypiranga. Aos 15 anos ingressou no Clube Regatas Tietê onde começou a se destacar. Em 1963 recebeu sua primeira convocação para a seleção brasileira com a qual sagrou-se o bicampeonato mundial.

Figure 19: Vitor atuando pela seleção brasileira.

Fonte: doação de acervo pessoal

No ano seguinte, seguiu para o Japão e conquistou a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Tóquio. Sua passagem pela seleção foi relativamente curta, visto que naquela época fazer parte de um grupo seleta implicava ter que abdicar da rotina do trabalho e muitas vezes assumir o ônus desta escolha. Professor, não podia romper o compromisso com seus alunos, por isso passou a rejeitar as convocações subsequentes para a seleção até ser esquecido por completo. Apesar das experiências não vividas, Vitor considera digno de mérito o fato de ter conquistado, em pouco tempo, títulos que atletas com carreiras mais promissoras e longevas não conseguiram. Fora da seleção, seguiu carreira atlética nos clubes estendendo-a até os 40 anos.

Ele narra que entre as décadas de 60 a 80, período em que foi atleta de alto nível, os únicos atletas reconhecidamente profissionais eram os futebolistas. Os demais estavam limitados às ajudas de custo ou ao chamado “amadorismo marrom”, termo amplamente utilizado naquela época para classificar atletas que, de forma não oficial, recebiam dinheiro (salários ou premiações) por seus desempenhos. Como a prática esportiva não era sua principal fonte de renda, preferiu dar prioridade para a formação universitária e para o trabalho, dedicando-se ao esporte nas horas vagas.

Durante a carreira atlética, Vitor formou-se em Engenharia, especializou-se em estatística aplicada e passou a se dedicar à carreira acadêmica. Já era professor universitário quando deixou de ser atleta. Tornou-se escritor e publicou livros abordando questões relacionados a gestão empresarial criativa, e até a data de sua entrevista era redator de um periódico da Fundação Armando Alvares Penteado, FAAP, onde também desempenhava a função de diretor cultural.

Figure 20: Vitor em entrevista para o Grupo de Estudos Olímpicos (GEO-USP).

Fonte: GEO-USP

Sua história de vida sugere uma transição de carreira marcada pelo desempenho de papéis distintos durante a carreira atlética, possibilitando que o término fosse resultado de um processo de priorização de interesses. A manutenção de relações com diversos membros da comunidade esportiva como comentaristas, técnicos, lideranças governamentais do esporte, atletas e pós-atletas – os quais frequentemente convida a dar palestras na universidade onde trabalha – é um exemplo de como sua identificação com o esporte permaneceu se ressignificando ao longo da vida pós-atleta, ganhando ramificações diversas. Este fenômeno se repete de forma distinta, porém sistemática nas narrativas que analisadas a seguir, mostrando o quanto que um contexto histórico é importante no processo de elaboração das estratégias de enfrentamento da transição de carreira e de significação da mesma.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dedico esta parte da pesquisa à análise e identificação das características do encerramento da carreira atlética dos bicampeões mundiais e aos significados que eles atribuíram a este evento, discutindo estes conteúdos a partir dos exertos de cada narrativa biográfica, dos conceitos sugeridos pela revisão teórica e análise da adaptação humana à transição de Schlossberg. Cara trecho apresentado e analisado representa uma síntese das experiências coletivas de transição deste grupo e não visam trazer qualquer definição conclusiva sobre o fenômeno em questão.

6.1 Características e significados atribuídos ao término e à transição de carreira atlética

Eu acho que a história de vida sempre se compõe de vários seguimentos: tem o segmento profissional e o segmento esportivo. Eu já tenho 71 anos e na época em que eu era moço não havia esporte profissional, então, praticamente, todo mundo que queria ser atleta, de alguma maneira, tinha uma vida dupla [Vitor Mirshawka].

Ao final de sua entrevista, Vitor faz considerações sobre a importância de olharmos o esporte praticado no passado para que possamos pensa-lo melhor no presente. O pós-atleta se refere especificamente aos desafios que o atleta contemporâneo enfrenta por causa dos riscos que a vida restrita ao esporte pode trazer a sua transição de carreira. Ao recordar sobre a própria experiência, ele esclarece que: por estar envolvido com atividades para além do esporte, não encontrou maiores dificuldades quando decidiu sair do papel de atleta para assumir outros. Foi um término sem maiores problemas.

Ele lembra que no tempo em que foi atleta de alto nível o esporte era dotado de certo “romantismo” e habitava mais o plano do tempo livre, dando espaço para que seus praticantes pudessem se dedicar a outros interesses da vida. Mas quando o esporte começou a ser pensado a luz do pragmatismo moderno, ganhando status de profissão, passou a ocupar toda a agenda do atleta que, conseqüentemente, tornou-se mais vulnerável à saída desse papel.

Esta fala reforça a ideia de estudiosos do tema que consideram que, embora o desenvolvimento das mídias em torno do esporte tenha conformado a carreira e a vida dos atletas aos olhos do público, são os altos salários e o discurso da vida autossuficiente que

continuam a mediar a relação do protagonista esportivo com a sociedade e não a percepção da sua condição humana (OGILVIE & TAYLOR, 1993; RUBIO, 2001). O problema é que quanto mais distante desta dimensão a instituição esportiva e a sociedade estiverem, mais solitário e problemático se torna o enfrentamento da transição do atleta para a vida comum.

Os bicampeões, por sua vez, estavam mais integrados à estrutura básica da sociedade, recebendo (quando recebiam) salários semelhantes ao que era pago aos trabalhadores não-atletas e, por isso, vivenciavam termos de carreira esportiva mais suaves, compreendidos como *fase inerente à continuidade de uma trajetória pautada no trabalho remunerado* (COAKLEY, 1983; OGILVIE & TAYLOR, 1993; DRAHOTA & EITZEN, 1998).

Na minha época era diferente. Veja: o Wlamir era professor de educação física; o Sucar era advogado; o Vitor, professor; o Radvilas era engenheiro; eu, sou químico industrial. Então, a gente se preparou para o futuro, que é o que o pessoal hoje não faz, raríssimas as exceções [Fritz].

Embora os atletas de hoje recebam amparo financeiro e multidisciplinar durante a carreira esportiva, a grande maioria é pouco estimulada a se preparar para a mudança de papel e subsequentes implicações desta transição. Os bicampeões, por sua vez, concebiam o término da carreira atlética como *possibilidade*, visto que a transição de carreira não só se anunciava no final, mas durante toda a carreira atlética. O contexto esportivo que a eles se apresentava fazia com que conduzissem a carreira de forma mais previdente, considerando-a não mais preponderante do que os interesses que verdadeiramente lhes garantiriam subsistência e o “futuro” na vida pós-atleta (RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012).

Esta característica de transição se aproxima daquilo que Schlossberg (1981) vai classificar como *evento antecipado* cujo enfrentamento se dá com base em preparação, ensaio e, no caso dos bicampeões, desempenho propriamente dito de papéis inerentes à vida pós-atleta. Para eles, a carreira atlética era uma condição provisória que ao mesmo integrava uma agenda diária repleta de outros compromissos. O nível de preponderância que estes interesses ganhavam culminou em um processo de mudança não caracterizado como uma transição propriamente dita, mas uma espécie de *reorganização de prioridades*. O esquema a seguir ajuda a pensar como a faixa etária adulta jovem e os interesses que a cercam interagiram no nível de engajamento na carreira atlética e nas tomadas de decisão pelo término desta.

Tabela 2: Representação, por idade, das fases da carreira atlética dos bicampeões.

	1ª edição olímpica	Última edição olímpica	Término da carreira atlética
Wlamir	19	31	38
Amaury	21	29	38
Rosa Branca	20	28	31
Sucar	21	29	34
Menon	24	28	30
Jatyr	22	26	28
Mosquito	21	33	40
Boccardo	24	24	37
Fritz	23	23	40
Vitor	23	23	40

Fonte: GEO - USP

A fase universitária representaria um período de visualização do futuro profissional, que, por ainda não ser tangível (TORREGROSA et al., 2004), abre espaço para que o engajamento no alto nível esportivo seja maior; condição que, no caso dos bicampeões, coincidiu com as primeiras oportunidades de participação em Jogos Olímpicos. A fase de inserção e consolidação da carreira profissional (pós-formação acadêmica), por outro lado, vai marcar um processo paulatino de desengajamento da carreira atlética, no qual o papel de atleta é, a priori, deslocado para um nível menor de preponderância que, no caso dos bicampeões, se traduziu na despedida das competições internacionais e continuidade da carreira em clubes. O término da carreira atlética propriamente dito é marcado por uma diversidade de fatores sociais, motivacionais e sociais.

Interessante notar também que a experiência de término de carreira atlética de Jatyr – embora tenha sido a mais precoce (aos 28 anos) – assemelha-se aos significados que seus contemporâneos atribuíram às próprias experiências: *uma fase de priorização de interesses*. Obviamente, a necessidade de estarem *em tempo* com outros compromissos e projetos de vida foram determinantes às tomadas de decisão pela saída de seus papéis (SCHLOSSBERG, 1981), porém, a realização de projetos não representou ruptura com o esporte e tão pouco uma condição traumática, mas um processo paulatino e – em parte

elaborado voluntariamente – de desengajamento iniciado desde a fase de alto nível da carreira atlética.

Aos vinte e três anos eu “era um veterano”, né? Depois de cinco ou seis anos de participação em jogos internacionais, o pessoal falava: “pô você ainda joga?” E eu tinha vinte e três anos! Eu joguei até os 32 anos. Aí tive que parar de jogar para trabalhar um pouco, sustentar família também [Amaury].

A experiência de Amaury sugere um término de carreira atlética precoce, mas não abrupto, e que em tempos de amadorismo se anunciava ainda no início da carreira atlética em virtude de outras expectativas sociais. Ele foi deixando a carreira atlética paulatinamente, estruturando a saída do papel de atleta ao mesmo tempo em que já exercia a função de professor de educação física escolar e técnico, até deixar a função de atleta (primeiro a seleção brasileira, depois o clube) e o trabalho no contexto esportivo, para então se dedicar exclusivamente aos negócios da família no ramo empresarial. Experiência semelhante, salvo as devidas distinções, viveram os pós-atletas Wlamir, Rosa Branca, Mosquito e Boccardo, que vão se tornar professores e técnicos de basquetebol ainda atletas até deixarem o papel de atleta para se dedicarem exclusivamente às suas carreiras profissionais e família.

Estas experiências também sugerem que quando a saída do papel de atleta é acompanhada pela prática esportiva em níveis de menor intensidade ou pela continuidade de uma carreira dentro do contexto esportivo, as chances do processo de transição ser turbulento diminuem. Ao manter-se inserido no contexto do esporte, ainda que provisoriamente, o pós-atleta pode acessar outras possibilidades ao mesmo tempo em que transita por um contexto conhecido. Isso não quer dizer que os bicampeões não tenham enfrentado dificuldades de transição, pois, como veremos na análise do *suporte social* páginas à frente, nenhum dos pós-atletas entrevistados mencionou ter recebido qualquer ajuda formal (institucional, governamental, programas assistenciais, consultoria ou previdência) para realizarem suas transições.

Importante ressaltar que em todos os casos aqui analisados o caráter traumático do término da carreira atlética não foi mencionado, o que reforça a ideia de que, mesmo sem suporte formal para a transição, a vivência de atividades e papéis para além do esporte durante a carreira atlética se apresentou como recurso estruturante dos significados e características com que termos e transições de carreira atlética foram vivenciados pelo grupo. Naturalmente, transições levam a uma diminuição temporária dos sentimentos de equilíbrio e ajustamento (SCHLOSSBERG, WATERS & GOODMAN, 1995), mas quanto mais

disponíveis são os recursos e os papéis da vida cotidiana, mais fácil e rapidamente a transição ocorre.

A transição de Amaury também ilustra como a questão de estar *em tempo* com o *calendário social* (SCHLOSSBERG, WATERS & GOODMAN, 1995) influenciava a vida do atleta nos tempos de amadorismo. Quando diz ter precisado “parar de jogar para trabalhar”, o pós-atleta sugere uma tomada de decisão baseada numa distinção conceitual que se fazia entre carreira atlética e trabalho. A própria estrutura destinada à prática esportiva e o empirismo com que esta era assessorada dizia por si só o que era ser atleta e o que era ter um trabalho socialmente valorizado e reconhecidamente digno de remuneração. Em outras palavras, ser atleta “era coisa de jovem”; dedicar-se exclusivamente a esta carreira, “coisa de vagabundo”; subsistir através do desempenho esportivo, “imoralidade” (SALLES & SOARES, 2002; RUBIO, 2004a; 2004b). A carreira de atleta, por tanto, tinha que ser um papel provisório, adaptado a uma agenda que priorizava outros compromissos e papéis e, ser a primeira atividade a se fragmentar em virtude de outras. Conforme cita Amaury:

Não havia tal profissionalismo, porque quase todos tínhamos que ter alguma atividade que nos permitisse viver. Viver do trabalho. Então, o basquete no clube dava alguma retribuição, mas não era significativa. Então, durante muito tempo até, eu era técnico do infantil e do juvenil no clube onde também jogava. Dava aula de educação física no Tênis Clube Paulista, nos colégios Arquidiocesano, São Luís, e na rede municipal em São Miguel Paulista também. Não dava tempo para respirar. Durante o dia e a noite eu tinha que treinar ou jogar, era muito difícil [Amaury].

Essa fala, comum entre os bicampeões, reforça a ideia de uma *transição de carreira atlética estruturada antes da saída do papel de atleta*, que fez com que o término da carreira atlética fosse resultado de um acréscimo progressivo na demanda de trabalho. As narrativas de Wlamir, Mosquito, Rosa Branca e Boccardo indicaram ainda um processo de transição baseado na transferência de competências de um papel para outro (DRAHOTA & EITZEN, 1998; MCKNIGHT et al., 2009). A transferência de competências, para o grupo em destaque, foi um recurso que viabilizou a continuidade ou a transformação da “carreira atlética amadora” em uma carreira esportiva profissional – nas funções de professor de educação física, técnico, professor universitário e gestor esportivo. Os bicampeões que saíram do papel de atleta e do contexto esportivo (Menon, Vitor, Jatyr, Fritz) vivenciaram suas transições antes mesmo de deixarem o esporte. Tendo eles se formado em outras áreas de atuação, construíram para si perspectivas de realização fora do esporte e enfrentaram suas mudanças como uma

oportunidade de exploração de novos horizontes (COAKLEY, 1983). A relação estreita entre contexto esportivo e universo do trabalho é responsável por um encurtamento do tempo de adaptação à vida pós-atleta, visto que horizontes para além do esporte não estavam distantes, mas sendo amplamente explorados e estruturando projetos de vida fora do esporte.

Isto posto, é possível supor que o sentimento de ausência de identidade, manifesto por muitos atletas quando se retiram desse papel (WEBB et al., 1998), não foi uma questão que mereceu a atenção dos bicampeões, pois ser atleta era, antes de tudo, estar inserido no universo cotidiano (OGILVIE & TAYLOR, 1993). A experiência como atleta também parece não ter sido um fator que trouxe problemas à continuidade dos pós-atletas em outros papéis.

Tenho 32 anos de Sesc. Estou aposentando. Já era para eu ter aposentado em Julho, mas o gerente me pediu para mim ficar até janeiro. Mais esses 6 meses porque senão para o trabalho e eu tenho que repassar isso aí para esses meninos que vem vindo aí dar uma continuidade [Rosa Branca].

Aí eu comecei... a minha vida toda trouxe pra Guarulhos praticamente. Eu vinha para cá dar aula aqui na prefeitura, que aí passei a quarenta e oito horas semanais, trabalhando na prefeitura aqui. Depois foi diminuindo, né? E aproveitava ia também dá aula aqui num colégio de Guarulhos mesmo, de educação física. Aí começamos a montar as equipes aqui em Guarulhos [Mosquito].

Em Seul eu comecei a perceber que eu passava uma emoção diferente na função de comentarista [Wlamir Marques].

O que as narrativas em destaque sugerem é que a transição de carreira atlética também pode ser considerada um *movimento para dentro* ou uma *realocação no esporte*; caso muito comum entre pós-atletas cuja passagem pelo esporte influencia considerações sociais relacionadas à experiência esportiva como sendo uma espécie de fonte de competências transferíveis para outros contextos e papéis (DRAHOTA & EITZEN, 1998). Esse *movimento para dentro* pode ser duradouro e contínuo (Rosa Branca, Mosquito, Wlamir Marques, Boccardo) ou pode ser provisório, como no caso de Amaury. O pós-atleta conta que seguiu carreira de professor de educação física escolar e chegou a dirigir a seleção brasileira, quando então decidiu fazer a *movimento para fora* em favor dos negócios de família e de melhores condições de subsistência.

Diferentemente, Rosa Branca e Mosquito, durante os anos 80, passaram a elaborar suas transições para outras funções, mas ainda dentro do universo esportivo passando da função de professores de educação física e técnicos de basquetebol a gestores do esporte, quando então se aposentaram. Nenhum dos pós-atletas entrevistados citaram a transição de *movimento*

para dentro como resultado da falta de opções fora do esporte. Inseridos em um contexto conhecido, foram estimulados a cursarem a Educação Física e a transmitirem suas experiências como atletas para outros jovens. Por outro lado, a experiência daqueles que se *moveram para fora* (Fritz, Menon, Vitor, Sucar e o próprio Amaury anos mais tarde) sugere uma transição elaborada pela reunião de experiências distintas durante a carreira atlética (formação acadêmica e prática profissional em outras áreas) que estruturou a adaptação à vida pós-atleta fora do esporte. Soma-se a isso os desejos de realização na área de engajamento, bem como questões de classe social.

As narrativas dos pós-atletas em destaque sugerem também que, embora o término e a transição de carreira atlética tenham ocorrido sem maiores problemas, a manutenção de recursos (os estudos, trabalho e o cultivo equilibrado de outros interesses) que estruturaram essa característica de transição era uma das tarefas mais difíceis, inúmeros os *não-eventos* aos quais eles foram expostos em virtude do compromisso com o esporte e falta de respaldo social que os justificasse enquanto atletas representantes nacionais.

No retorno dos Jogos Olímpicos do México em 68, tive que responder a mais um processo de abandono de trabalho, até que decidi definitivamente abandonar. A pedido do Brigadeiro Faria Lima, meu amigo, passei a trabalhar numa escolinha de basquete, aí substituí uma coisa pela outra. Nós éramos obrigados a exercer uma função paralela, aliás, o profissionalismo, de dedicação exclusiva, foi mais a partir dos anos 80 [Wlamir Marques].

Fui o primeiro atleta a ser convidado para jogar numa equipe de basquetebol dos Estados Unidos que é os Harlem Globetrotters. Na época era dinheiro que não parava mais, 40 mil dólares... Eu teria que ir para os Estados Unidos fazer o serviço militar também lá. Então houve essas controversas. Porque eu ia integrar uma equipe profissional, então eu teria que fazer o serviço militar lá. E eu perderia todos os meus títulos também [Rosa Branca].

Fui para o Japão, conclusão, não estudei absolutamente nada, em janeiro de 64 fui prestar vestibular para Medicina, reprovei... já tinha reprovado em janeiro de 63 junto com o colegial. Terminei o colegial em 62, fiz o exame, passei em todos os exames, mas não consegui média, não consegui entrar [Menon].

As narrativas de Wlamir e seus contemporâneos esclarecem que as dificuldades de desempenhar o papel de atleta não se restringiam às experiências forçadas de término e transição, mas estavam presentes também durante a carreira atlética, quando nas tentativas, por vezes frustradas, de conciliação da atividade esportiva com a não-esportiva (DRAHOTA & EITZEN, 1998; WEBB et al., 1998; PRICE, MORRISON & ARNOLD, 2010). Quanto mais proeminente é o atleta, mais afastado da agenda cotidiana ele pode ficar, tendo, por tanto,

que lidar com os juízos e prejuízos dos longos períodos de afastamento do trabalho e dos estudos. Essa realidade ainda se aplica à carreira atlética de alto nível contemporânea.

Naquela época eu lembro que o meu pai veio até mim e disse: “escuta, quando é que você vai trabalhar?”; pois fiquei nove meses com a seleção brasileira. Agora, imagine você um atleta, que não tem proventos, tendo que ficar nove meses sem trabalhar e sem estudar! [Fritz].

Sob essa tensão, os bicampeões eram constantemente levados a pensar estratégias de conciliação de atividades. A necessidade de estarem *em tempo* com a agenda social fazia com que rejeitassem convocações e enfrentassem problemas com a comissão técnica para que pudessem cuidar da subsistência e de outros interesses. O regime cotidiano de trabalho, quando priorizado, fazia com que deslocassem o compromisso com o esporte (treinamentos e jogos) para os finais de expediente e fins de semana. Os términos de carreira atlética, por sua vez, resultavam do desequilíbrio e concorrência entre atividades, que num primeiro momento os excluía forçosamente das convocações da seleção brasileira. Nos clubes, permaneciam atuando até voluntariamente se retirarem.

Então, na realidade, foi uma passagem curta pela seleção, longa em clubes, que eu acabei jogando até os 40 anos. Mas, muitas vezes, a gente joga muito tempo numa seleção em vários esportes e não ganha nada, e em 4/5 anos a gente ganhou tudo [Vitor].

Então tivemos a oportunidade de ganhar uns campeonatos sul-americanos, pan-americanos, mundiais, 2 mundiais. Além de duas medalhas olímpicas, a de Roma e a de Tóquio, quer dizer aonde eu joguei, peguei. Sempre fui beliscar o pódio, a medalha [Jatyr].

A preparação para a transição de carreira se apresentou como uma conduta comum entre os bicampeões, minizando implicações negativas de encerramentos forçosos. Como já identificado nas páginas anteriores, suas transições estavam ancoradas a papéis desenvolvidos ainda durante a carreira atlética, caracterizando aquilo que Schlossberg (1981) chamou de *transição antecipatória*. Mas uma segunda característica do término de suas carreiras atléticas foi sugerida: *a soma de conquistas no esporte*. Presente em todas as narrativas aqui analisadas, esse pressuposto sugere que haveria uma percepção subjetiva de *fechamento de ciclo* mediando avaliações e significados para o término, transição de carreira e vida pós-atleta.

A realização no esporte como recurso interno de enfrentamento da transição e de avaliação positiva da vida pós-atleta é um pressuposto pouco estudado e que continua

inconclusivo. O que estudiosos do assunto sugerem é que os atletas que realizam transições mais suaves são aqueles que concretizaram seus objetivos no esporte; enquanto que os atletas que tiveram maiores dificuldades são os que não concluíram as metas que determinaram para si na carreira atlética, sendo acometidos por acidentes de percurso, como lesões e demissões (SINCLAIR & ORLICK, 1993; WEBB et al., 1998). O término da carreira atlética como uma experiência significada e avaliada positivamente a partir da soma de experiências de êxito, pode ser compreendido na fala de de Sucar (RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012):

Eu estava bem satisfeito. Eu joguei dezoito anos! Já estava realizado, não dava para almejar mais coisas. Então, foi no tempo certo, já tinha 33, 34 anos, estava na hora de parar. Não tinha mais motivação, porque chega uma hora que cansa, tantos campeonatos, campanhas, entende? [Sucar].

Esta narrativa sugere que a transição de carreira atlética voluntária nasceria de uma avaliação positiva da trajetória atlética, que se preenchida não apenas com vitórias, mas percorrida em toda sua extensão e longevidade, possibilita com que o atleta construa outros projetos de vida. Ainda no que no que dis respeito à realização no esporte como recurso interno de significação positiva do término da carreira atlética, seria razoável considerar que a trajetória dos bicampeões, tendo sido edificada por experiências progressivas de conquista, permitiu com que a construção narrativa sobre suas carreiras fosse sustentada por memórias de realização.

O basquetebol chegou a ser segunda modalidade de maior destaque e visibilidade no Brasil entre os anos 50 e 70, tendo os bicampeões como protagonistas dessa condição. Em seus *portifolhos* somam-se participações e títulos em torneios sul-americanos, pan-americanos, mundiais e Jogos Olímpicos; feitos que correspondem à conclusão de objetivos inerentes ao engajamento na carreira esportiva, bem como a visualizações mais positivas sobre o término desta e o desempenho de outros papéis (PRICE, MORRISON & ARNOLD, 2010). A narrativa de Sucar oferecere suporte a esses pressupostos, pois mostra como o cumprimento de metas propostas para a carreira atlética pode marcar o início de um processo de reelaboração de novos objetivos, permitindo com que os términos sejam significados não só como o *fechamento de um ciclo*, mas como um *descanso merecido e bem-vindo* que pode ser voluntarimente vivido. Não há como avaliar a relevância dessa hipótese neste trabalho, pois as narrativas e pesquisas não oferecem elementos suficientes para seja possível avançar no tema.

E tem muita responsabilidade vestir a camisa de um clube, defender um clube e tal... você tem que estar mesmo dedicado. Tem que ser dedicação plena. E chegou uma hora que cansou. Sempre fui amador, nunca recebi um centavo para jogar. Se te pegassem recebendo dinheiro, você perdia todas as medalhas. Não podia receber dinheiro. O esporte era amador mesmo, entendeu? [Sucar].

Percorrer a carreira atlética em toda a sua extensão pode significar “não ter mais para onde ir” ou o que almejar senão passar a buscar novos desafios em outras esferas da vida. A idade atravessa esse processo de avaliação como um dos aspectos mais importantes da continuidade da carreira atlética, tanto do ponto de vista do decréscimo de desempenho, quanto do ponto de vista simbólico, como os papéis e responsabilidades atribuídas à vida adulta (SCHLOSSBERG, 1981). Jatyr vai nos falar ainda de um término de carreira atlética marcado pela continuidade do papel de atleta e vivência do contexto competitivo.

Eu ainda jogo nos veteranos. Nós temos viajado muito com a seleção para disputar mundiais na Grécia, Porto Rico, Nova Zelândia. São coisas que eu estou recuperando. Sempre que eu posso eu vou. Minha atividade permite e vou para rever os amigos, bater um bom papo, tomar uma cervejinha [Jatyr Scall].

O término de carreira atlética pode levar o pós-atleta a explorar outras alternativas profissionais, mas isso não quer dizer que ele necessariamente desvincula da prática esportiva. As narrativas biográficas aqui analisadas sugerem que a atividade competitiva pós-carreira atlética pode ser mantida em níveis diferentes, como na categoria máster. Com isso, o pós-atleta permanece inserido no contexto onde pode continuar experimentando sentimentos particularmente significativos como a manutenção do estresse, a conservação das redes de amizade e a manutenção da vida ativa, prevenindo ou minimizando as implicações físicas, psicológicas e sociais negativas da saída do papel de atleta.

As experiências dos bicampeões mostram que o término da carreira atlética nos tempos de amadorismo caracterizou-se forçoso, devido a concorrência de atividades que, custosamente, tentavam conciliar. Curiosamente, essa condição não foi percebida pelos narradores como desencadeadora de experiências de término e transição difíceis. Apesar das dificuldades, a relação que mantinham com a vida cotidiana permaneceu estreita e permitiu com que construíssem o próprio conjunto de recursos para enfrentarem as implicações da saída do papel de atleta. Saída que foi essencialmente significada como fase de reorganização de prioridades em que o papel de atleta vai sendo paulatinamente deslocado para uma escala

menor de preponderância em virtude de outros papéis que sobem nesta escala.

6.2 Características individuais nos processos de término e transição de carreira atlética

Eu rendia no estudo, quer dizer, eu não era só jogador de basquete. Eu não queria ser visualizado como jogador de basquete, eu queria ser visualizado como médico [Menon].

Perdas, ganhos e *não-eventos* foram situações constantes na carreira atlética dos bicampeões. Mesmo que tentassem gerir a dupla carreira equilibradamente, a concorrência de compromissos trazia-lhes prejuízos que atingiam significativamente suas fontes de renda e planos para o futuro. Esse desequilíbrio estimulou tomadas de decisões importantes em favor da subsistência e de oportunidades de realização em outras áreas e papéis. Importante ressaltar também que todos os pós-atletas passaram por formação acadêmica e, de alguma forma, vivenciaram o mercado de trabalho durante a carreira atlética. Tais experiências teriam sido responsáveis pela constituição de uma identidade pessoal suficientemente flexível para que os imprevistos da carreira no esporte e as novas demandas da vida não lhes pegassem de surpresa. Em outras palavras, as experiências dos bicampeões sugerem que a antecipação da transição de carreira era ou tinha de ser um comportamento corrente entre os atletas dos tempos de amadorismo.

Em janeiro de 1964 fui prestar vestibular para Medicina, reprovei. Já tinha reprovado em janeiro de 1963, passei em todos os exames, mas não consegui entrar. Em 1963 só joguei basquete. Aí foi a grande decisão da minha vida, fui convocado para os Jogos Olímpicos, e aí eu disse: Bom, tinha um programa de treinamento que ia durar aproximadamente um a dois meses, fora o período da competição, que era quase um mês. Obviamente, eu não tinha condições de fazer tudo isso se eu quisesse entrar na faculdade de medicina, então, pedi dispensa da seleção... Poderia ter tido uma medalha de bronze olímpica, mas num tive porque recusei ir aos Jogos. Não me arrependo porque passei no exame que fiz em 1965 para duas faculdades. Eu entrei na Escola Paulista de Medicina [Menon].

Conforme a narrativa em destaque, a experiência de *não-evento* nos tempos de amadorismo podia ser vivenciada tanto voluntária quanto involuntariamente. Os *não-eventos voluntários* estavam relacionados, por exemplo, aos pedidos de dispensa das convocações e recusas de convites à profissionalização (Menon, Rosa Branca, Sucar), enquanto que os *não-eventos involuntários* diziam respeito às perdas de emprego, atrasos e reprovações em

vestibulares, descontos salariais e processos contra os atletas por abandono do trabalho (Menon, Wlamir, Fritz).

Embora a decisão pela descontinuidade da carreira atlética na seleção brasileira tenha sido tomada pelos demais bicampeões, a experiência de Menon se destacou por ilustrar como a possibilidade de realização em outras esferas da vida pode atuar em processos que envolvem tomadas de decisão difíceis. Em outras palavras, os fatores que o levaram a substituir a chance de marcar sua história com uma medalha olímpica estariam relacionados não só a uma relação estreita com carreira profissional, mas com a possibilidade de possibilidade de progressão e realização na mesma.

Eu iria participar do Mundial que seria disputado em Montevideú, no Uruguai... E nesse período eu já estava um pouco cansado. Tinha alguns problemas particulares, não era só jogar; já estava com 29 anos em 1966, e não fui [Wlamir Marques].

Eu acabei me envolvendo... Comecei a lecionar em várias faculdades e, realmente, isso atrapalhou muito. Inclusive eu tive que pedir dispensa de duas convocações... Não fui numa, não fui noutra, o tempo vai passando e você desaparece, inclusive como pessoa, vamos dizer assim, disponível... Mas na época foi mais importante [Vitor].

De acordo com os exemplos de Wlamir e Vitor, os pedidos de dispensa da seleção brasileira (*não-eventos*), embora fossem motivos de conflitos entre atleta e comissão técnica, eram medidas necessárias dentro de um conjunto de atividades que naquela época tinham que necessariamente caminhar conjuntamente – esporte, estudo e trabalho. Os dois exemplos em destaque reforçam considerações contemporâneas acerca das dificuldades que o atleta enfrenta para a conciliar atividades, mesmo que ciente da importância desta prática (PRICE, MORRISON & ARNOLD, 2010).

Já tinha terminado a residência médica, já estava fazendo pós-graduação e começando a atender alguns clientes particulares. Então veio o seguinte pensamento: poxa, já estou atendendo um diabético – sou endocrinologista – aí o paciente precisa de mim, e eu fui jogar basquete? Onde é que está o médico? Foi jogar basquete? Era a hora de parar [Menon].

Outro papel importante da conciliação da atividade esportiva com atividades para além do esporte é sua influência sobre a capacidade de controle sobre a situação de mudança. Para Menon a concorrência de compromissos desencadeou uma transição não mais turbulenta do que bem-vinda, visto que a possibilidade de realização pessoal não estava concentrada

apenas no esporte, mas em outra área. Ser médico foi considerado por ele um papel significativo não só no que se refere à possibilidade de subsistência, mas à continuidade das experiências de sucesso. Isso vai se repetir, guardadas as devidas distinções, na trajetória dos demais pós-atletas.

Em 88, fui para os Jogos Olímpicos de Seul com a Rede Manchete. Fiz quatro edições olímpicas como comentarista da Manchete. Em Seul, comecei a perceber que conseguia transmitir uma emoção um pouco maior... Aí em 1983 eu fiz um curso de rádio e televisão e me tornei técnico especialista em rádio e televisão. Isso me autorizava a trabalhar na televisão [Wlamir].

Após ter saído do papel de atleta, Wlamir deu continuidade à carreira como técnico e professor universitário, mas em seguida passou a explorar uma nova função, sobre a qual faz especial menção em sua narrativa. Recebia convites aleatórios para participar de transmissões de jogos de basquetebol como comentarista e se interessou pela função. O entusiasmo com o trabalho fez com que buscasse profissionalização na área e em menos de um ano se tornasse especialista em rádio e televisão. Até a data da entrevista, Wlamir trabalhava para os canais ESPN e se referia à atividade com particular satisfação.

Esta *transição entre carreiras* diz respeito a uma característica da adaptação humana à transição identificada por Schlossberg (1981) como um processo que, transcendendo a dimensão adaptativa, estende-se até o plano da continuidade e das ressignificações. A adaptação, por tanto, representa apenas um primeiro instante de um processo de transição cujo “desfecho” produz ressignificação e renascimentos (COAKLEY, 1983). A experiência de Wlamir ajuda a pensar sobre as implicações de longo prazo da transição, sugerindo que a condição de pós-atleta é um elemento estruturante tanto da adaptação a outros papéis e contextos quanto das ressignificações. Drahotá & Eitzen (1998) vão considerar que o pós-atleta constrói novas pressuposições e papéis a partir dos fragmentos e características do papel anterior, o qual também é ressignificado pela sociedade, que tende associar a passagem vitoriosa do atleta pelo esporte à possibilidade de bom desempenho em áreas distintas.

A experiência de Vitor nos sugere outra faceta do processo de transição dos bicampeões, mais relacionado ao contexto do amadorismo e seus desdobramentos.

Foi realmente uma história de dupla vida. Querendo jogar, mas, evidentemente, no nosso tempo, para você se preparar, ser competitivo, ser

um atleta, você treinava três vezes por semana, quatro às vezes. Na véspera do jogo você arrumava lá uma folguinha para ter um aquecimento antes do jogo. Era completamente diferente de hoje em que o atleta está totalmente em exposição e dificilmente pode ter uma vida dupla; o que traz benefícios em termos de desempenho, mas malefícios em termos de uma vida futura [Vitor].

A luz do exemplo em destaque é possível pensar que quando o papel de atleta é concebido apenas como parte de uma vida que concentra outros compromissos, interesses e atividades, a transição de papéis pode ocorrer sem maiores problemas, pois não se configura numa saída de um papel significativo para outro a ganhar significado, mas numa troca de papéis “equivalentes”. A narrativa de Vitor vai sugerir ainda que: como o tempo para a realização de metas no esporte é relativamente curto, o processo de formação acadêmica e profissional tinha de ser priorizado, pois era a condição que de fato estruturava a vida pós-atleta e permite com que o encerramento da carreira atlética fosse uma experiência sem maiores problemas e resultante de uma livre escolha (WYLLEMAN, LAVALLE & ALFERMANN, 1999).

Eu nem joguei, nem no mundial de 63, nem nas Olimpíadas. Porque? Eu estava estudando e estava querendo casar já. Eu me casei no começo de 64. Então, o meu objetivo na vida já era outro, já tinha comprado esse apartamento, estava querendo casar [Boccardo].

Joguei até 1977, mas parei no Corinthians definitivamente, assim, com títulos internacionais. O presidente do Juventus ainda me convidou para classificar a equipe dele para o campeonato estadual. Classifiquei o Juventus para o campeonato estadual e então falei assim: “cumpri a minha missão, parei aqui [Rosa Branca].

Então, eu parei com trinta anos. Parei cedo, perto de alguns atletas que jogaram aí até mais de quarenta. Mas além de ter a consciência de que já estava na hora por problemas profissionais, eu também estava um pouco desgastado [Menon].

Estas falas sugerem que a percepção do momento de parar a carreira atlética em tempos de amadorismo foi, antes de tudo, resultado de uma escolha livre em resposta à concorrência de atividades, à necessidade de reorganização de prioridades, de descanso da rotina de atleta e possibilidade de realização em outras esferas da vida. Sugerem que haveria uma expectativa no atleta pelo *fechamento de ciclo*, ou seja, o processo de engajamento e continuidade na carreira atlética é sustentado por metas pessoais e sociais que, se

correspondidas, podem influenciar tomadas de decisão mais voluntárias pela saída do papel de atleta. A experiência de Fritz ilustra essa situação.

Quando eu parei, foi uma opção. Como falei, você precisa trabalhar e você trabalhando ocupa sua cabeça, você se preparou a nível, vamos dizer, a nível escolar, você se preparou e está atuando para entrar no mercado de trabalho [Fritz].

O término voluntário da carreira atlética, experiência comum entre os bicampeões, é construído a partir da reunião de recursos e da criação de possibilidades de acesso a outras esferas da vida. Embora não houve como classificar a qualidade da transição vivida pelos participantes deste estudos, é razoável considerar que a voluntariedade tem sido amplamente defendida pela literatura como primeira condição para que as transições sejam “bem-sucedidas” (OGILVIE & TAYLOR, 1993; WEBB et al., 1998; MCKNIGHT et al., 2009).

Ainda que forças externas antecipem a decisão de sair do papel de atleta, isso não significou que a transição foi um processo problemático. Uma primeira explicação para esta distinção é de que os termos de carreira atlética nos tempos de amadorismo recebiam essa abordagem voluntária porque a saída do papel de atleta era acompanhada pela continuidade de um papel desenvolvido paralelamente ao esporte. Os atletas daquela época tinham uma agenda de atividade esportiva relativamente adaptada às rotinas ocupacionais cotidianas, o que possibilitava com que ancorassem suas decisões de saída à imagens mais nítidas de identidades profissionais e papéis sociais. Condição que possibilita haver maior controle sobre as implicações da mudança (SCHLOSSBERG, 1981; WEBB et al., 1998; DRAHOTA & EITZEN, 1999; TORREGROSA et al., 2004).

Como é que eu estou lidando com isso? Acho que como todo mundo lida. Eu acho que a gente tem fases na vida. Agora eu estou na fase de curtir os netos, então, é uma outra fase [Jatyr].

Assim como Jatyr, seus contemporâneos encararam a saída do papel de atleta como *uma fase do desenvolvimento pessoal que passa em virtude de outras fases que chegam*. Papéis e projetos relacionados à família tornam-se valores substitutos da experiência esportiva como atleta. Essa forma de ver a transição vai concordar com as considerações de Schlossberg (1981) e Schlossberg, Waters & Goodman (1995) quando sugerem que a fase adulta representa um “ponto de encontro” com diferentes fases, experiências e necessidades, que levam o indivíduo a se adaptar, forçosa ou voluntariamente, as novas configurações e

dimensões que sua vida ganha. Tudo vai depender da forma como o indivíduo significa estes novos papéis e dos valores que traz consigo ao longo da trajetória de vida. Coakley (1983) também constatou entre atletas amadores que o encerramento da carreira atlética é comumente concebido como uma *fase de vida* que compõe marcadores de desenvolvimento pessoal, tais como a formatura no ensino médio como condição de início da formação acadêmica, ou o término da formação superior como condição de ingresso no mercado de trabalho. Concluir a carreira atlética para esse grupo de atletas é, mais do que uma fase terminal, o início de uma nova jornada.

Os tempos de amadorismo são marcados por uma abordagem social sobre o esporte que permitiu com que o atleta desempenhasse papéis profissionais, os quais recebiam importância equivalente ou maior do que a carreira atlética. Essa condição contribuiu para que as experiências de término fossem encaradas como *não-eventos*, pois os processos de transição deste grupo de atletas ocorriam ainda na fase ativa da carreira atlética, sendo a saída do papel de atleta um processo não necessariamente como transição.

Em Santo André eu dava aula, treinava, jogava basquete e tomava conta da padaria, que a uma hora da manhã eu fechava. Saía do Sírío, já fechava a padaria e vinha embora. Então, a minha vida foi praticamente isso, esporte, trabalho, esporte, trabalho [Mosquito].

Drahota & Eitzen (1998) notaram uma diferença de padrões de enfrentamento da transição decisiva entre atletas dos tempos de profissionalismo e os atletas dos tempos de amadorismo, argumentando que os últimos não experimentaram incertezas sobre o futuro como os primeiros, pois estavam cientes desde o início de que o engajamento no esporte era temporário. Os tempos de profissionalismo produziram atletas profissionais mais voltados à identidade atlética pública e menos habituados à vida cotidiana, enquanto que os tempos de amadorismo produziram atletas isentos de glamour, mais conectados à rotina cotidiana e, por isso, menos vulneráveis à transição e aos desafios das novas dimensões de vida.

6.3 Suporte Social

Eu recebo aqui cartas de pessoas de diversos países me cumprimentando, e eu penso: “poxa o cara lá fora está se lembrando de mim. Aqui no Brasil o pessoal nem sabe que eu existo!”. Tem um belga que tem toda minha trajetória esportiva, desde quando eu era interno na escola, quando tudo começou. Ele me aciona por causa de lacunas na história e eu tenho que procurar e lembrar o que é que aconteceu naquela época [Fritz].

Em tempos de amadorismo, o prestígio social que os bicampeões recebiam não se traduzia em cifras; e ainda que recebessem alguma quantia por seus desempenhos, esta não era suficiente para que pudessem se sustentar. Restava-lhes, então, aproveitarem o cronograma de três treinos semanais e assim pudessem cuidar da formação acadêmica e da profissão. Essa “preparação para a transição” era, antes de tudo, uma atitude de integral responsabilidade dos atletas, que ora eram auxiliados por seus familiares, ora por amigos e redes de relacionamento (Wlamir, Mosquito, Boccardo) (RUBIO, 2006).

Após 40 anos “aposentados” como atletas, os bicampeões enfrentam agora a velhice, bem como suas implicações físicas, psicológicas e sociais. Em suas narrativas biográficas, não dão ênfase a estas questões, nem apontam a falta de apoio e reconhecimento como um problema. Por terem se habituado a gerirem suas carreiras atléticas sem apoio financeiro significativo, teriam aprendido a não depender de sistemas de suporte formais. Até a data de suas entrevistas – realizadas entre os anos de 2008 e 2013 – os pós-atletas permaneciam atuando em suas especialidades profissionais sem previsão de quando iriam se aposentar.

O suporte social que receberam originou-se basicamente dos chamados *sistemas de suporte informais* como a família, os amigos e outras redes de relacionamento que viabilizavam oportunidades de formação e profissionais. Segundo Schlossberg (1981) a filiação a grupos é uma condição indispensável para a saída de papéis significativos e a adaptação a outros, pois ajudam o indivíduo a construir nova identidade e ressignificar a identidade anterior. No caso dos bicampeões, o suporte informal esteve mais presente durante suas carreiras atléticas, e foi diminuindo na medida em que assumiam responsabilidades da vida adulta.

Sistemas de suporte formais, nos tempos de amadorismo, eram normalmente escassos; principalmente no Brasil onde problemas relacionados à transição de carreira atlética refletiam toda uma estrutura esportiva deficitária e rudimentar. Este tipo de suporte se desenvolveu mais amplamente a partir dos anos 80, já nos tempos de profissionalismo, primeiramente em países como Austrália, Canadá, Estados Unidos e em parte do leste Europeu

(SINCLAIR & ORLICK, 1993; WYLLEMAN, LAVALLE & ALFERMANN, 1999). No Brasil a assistência à transição de carreira atlética começou a ganhar corpo apenas na última década e tem um grande caminho pela frente no que diz respeito à democratização deste serviço.⁷ Conforme as narrativas biográficas dos bicampeões indicam, atletas dos tempos de amadorismo estavam e continuam a mercê de seus próprios recursos para realizarem a transição e viverem a vida pós-atleta. Exemplos da informalidade do suporte à transição são ilustrados nas falas de Amaury e Fritz.

Eu já tinha a empresa da família, então tomei parte ativa na empresa [Amaury].

Naquela época eu lembro que me pai falou: “escuta quando é que você vem trabalhar?” Eu fiquei nove meses fora. Agora, veja você, um atleta que não tem proventos, como que ia ficar nove meses sem trabalhar, sem estudar, você entende? [Fritz].

A preocupação dos pais acerca do futuro que os filhos teriam ao percorrerem uma carreira mal remunerada e pouco reconhecida, exerceu forte influência sobre a forma como os bicampeões encararam o esporte. Todos, em algum momento da carreira atlética, tiveram que pensar a preparação para o futuro, tomando a orientação e crítica dos pais como diretriz de priorização da formação acadêmica e da prática profissional em relação à prática esportiva. Importante ressaltar que essa atenção prestada ao futuro pós-carreira atlética também refletia o próprio imaginário esportivo dos tempos de amadorismo, que distinguindo a concepção de esporte da concepção de trabalho e carreira, inviabilizava qualquer tipo de apoio institucional que viesse a se configurar profissionalismo (RUBIO, 2004a; 2004b). Os bicampeões encontravam na família uma fonte de suporte para a preparação e realização da transição de carreira e às vezes nas empresas para as quais trabalhavam, quando estas abriam exceções para que seus funcionários-atletas pudessem conciliar atividades.

Interessante observar que embora a conciliação de atividades não tenha sido uma tarefa fácil para os bicampeões, muitos dos objetivos que perseguiram no esporte não

⁷ Em 2011 o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) criou o Programa de Apoio ao Atleta. Em parceria com o Instituto Olímpico Brasileiro (IOB), o programa oferece suporte e planejamento à formação dos atletas, com o objetivo de que estes possam se preparar mais adequada para a transição de carreira. Disponível em: <<http://www.cob.org.br/noticias-cob/cob-lana-programa-de-apoio-ao-atleta-atravs-do-instituto-olimpico-brasileiro-024508>>. Em 2013 a consultoria Ernst & Young lançou um programa semelhante para apoiar mulheres atletas em suas transições de carreira. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/carreira/3040312/programa-pretende-apoiar-mulheres-atletas-em-transicao-de-carreira>>.

deixaram de ser conquistados. Suas carreiras atléticas foram marcadas por títulos estaduais, nacionais, sul-americanos, pan-americanos, mundiais e medalhas olímpicas. Diante disso, há que se considerar a possibilidade de as experiências para além do esporte terem integrado o conjunto de recursos que viabilizaram o enfrentamento positivo do término e da transição de carreira (PRICE, MORRISON & ARNOLD, 2010).

Outro importante exemplo do impacto de *sistemas de suporte informais* é ilustrado por Mosquito:

Aí veio o Sírio. E lá o clima era completamente diferente. Você ia para o Sírio e você estudava, eles pagavam até os estudos. E o que fizeram? Me fizeram estudar, porque o Menon foi médico, o Moutinho foi engenheiro, o Sucar, advogado, o Celso, advogado. Só eu que era padeiro. Me perguntaram se eu queria estudar. Aí estudei Educação Física na Fefisa em Santo André. Foram três anos, rapidinho, me formei, e já dava aula [Mosquito].

Um tipo de suporte institucional para a transição nos tempos de amadorismo distinguiu o Esporte Clube Sírio de outras equipes daquela época. Todos os bicampeões que passaram pelo clube (Jatyr, Menon, Mosquito, Vitor, Sucar, Fritz, Amaury) foram direta ou indiretamente incentivados por membros da diretoria, comissão técnica e pelos próprios colegas de equipe a conciliarem a carreira atlética com a carreira profissional. Uma agenda de treinamento mais flexível às rotinas de estudo e/ou atividade profissional facilitava a manutenção da dupla jornada que, em alguns casos, também era incentivada financeiramente. É evidente que essa situação mereça maior aprofundamento investigativo para que possamos compreender que contexto, pessoas e objetivos embasavam tais iniciativas. O que a priori é possível supor, a luz da narrativa em destaque, é que a mínima estrutura de suporte à carreira esportiva influenciou substancialmente as escolhas e caminhos dos bicampeões. Outros exemplos de suporte informal são encontrados nas falas de Rosa Branca, Menon e Jatyr.

Não quero trabalhar com equipe principal não... Eu gosto de trabalhar com crianças, os adolescentes, aqueles atletas que surgem da periferia [Rosa Branca].

A filiação a grupos foi uma condição necessária à transição para a vida pós-atleta dos bicampeões e não se restringiu à recolocação no mercado de trabalho, mas se estendeu até os espaços de manutenção de relações afetivos e produtivas dentro do contexto esportivo. Rosa Branca, por exemplo, mostra que o papel do atleta, diferentemente de outros papéis ocupacionais, constitui-se de experiências amplamente “ressignificáveis” e que podem ser

reescritas ao longo do tempo estruturando novos interesses, relações e projetos de vida (DRAHOTA & EITZEN, 1998).

Eu ainda jogo nos veteranos. A gente viaja muito com a seleção, eu tenho jogado mundiais na Grécia, em Porto Rico, em Crystal Church na Nova Zelândia. Então, são coisas que eu estou, graças ao basquete, recuperando. Se empre que eu posso eu vou; minha atividade permite. Eu vou para rever os amigos, rever os antigos basquetebolistas, sempre é um bom papo [Jatyr].

O caso de Jatyr, bem como o de outros bicampeões (Rosa Branca, Amaury, Mosquito, Boccardo) mostra que a filiação ao grupo esportivo, pós-carreira atlética, teria como primeira finalidade a manutenção de experiências próprias da rotina de carreira de atleta como as viagens e a camaradagem, o estresse do jogo em troca da compensação lúdica, as emoções da busca comum pela vitória e o prazer das conquistas. Outro objetivo da filiação ao grupo esportivo está relacionado à possibilidade de compartilhar experiências adquiridas no esporte através de papéis como técnico, professor ou gestor. Essa abordagem sobre a condição pós-atleta ocorre numa esfera social onde transita o imaginário de que o atleta que vivenciou muitas glórias no esporte também tem muito com o que contribuir com a sociedade (RUBIO, 2001). A ausência de sistemas de suporte à transição também estaria relacionada a um imaginário social que, paradoxalmente, deixa o esporte à margem das práticas socialmente legitimadas.

Quando eu voltei da Olimpíada do México, em 68, tinha que responder a um processo de abandono, e falei: então, faz um favor gente, vê o que precisa ser feito pra mim sair de uma vez, pois já não aguento mais. Aí, a pedido do Faria Lima, do brigadeiro que foi prefeito, meu amigo... ele me convidou para formar uma escolinha de basquete, lá no Thomaz Mazzoni, um Centro Esportivo lá na Vila Maria. Aí eu substituí uma coisa pela outra... A gente era obrigado a exercer uma função paralela [Wlamir].

Os tempos de amadorismo condicionaram a prática esportiva à dimensão do tempo livre e do lazer, o que, em parte, inviabilizou tentativas do atleta de estabelecer concessões com universidades e empresas para que pudesse participar de competições internacionais. O apoio social informal que recebia era esporádico e insuficiente para fazer da participação olímpica algo mais do que dias de ausência no trabalho. Em meio a essa tensão, o atleta ora pendia para as questões profissionais e se prejudicava com o esporte, ora pendia para questões do esporte e se prejudicava no trabalho. Esta talvez tenha sido a principal problemática resultante da falta e precariedade dos sistemas de suporte para o atleta da época.

Percorrendo todas as narrativas dos pós-atletas, não encontrei qualquer menção de apoio formal ao encerramento e transição de carreira atlética senão os sistemas de apoio informais. Estudos realizados com atletas de diferentes épocas vão apontar para esta mesma situação, considerando que o âmbito esportivo não é reconhecido por seus protagonistas como um espaço onde se encontram suportes adequados à transição (ALISON & MEYER, 1988; BAILLIE & DANISH, 1992; SINCLAIR & ORLICK, 1993; PRICE, MORRISON & ARNOLD, 2010).

O conhecimento técnico e dinheiro investidos na carreira atlética são comumente direcionados para as fases de máximo desempenho, em detrimento das fases de decréscimo e saída do papel de atleta. Em um estudo com atletas olímpicos canadenses, Sinclair & Orlick (1993) identificaram que muitos deles se sentiram ignorados, usados, esquecidos e descartados após terem encerrado a carreira atlética. O mesmo grupo de atletas sugeriu também que tais sentimentos durante a saída deste papel poderiam ser minimizados se a importância de suas contribuições para o esporte fossem reconhecidas, se fossem vistos como pessoas que ainda têm muito com o que contribuir, e se fossem amparados financeiramente após a carreira atlética. Como os bicampeões não podiam contar com esse tipo de suporte, restava-lhes a cooperação dos companheiros de equipe.

O Sucar, o Ailton, o Dodi. Foram eles que me ajudaram a subir, porque sem eles eu também não poderia fazer mais nada, e o Crespo, que me levou para o Sírío e me fez um homem praticamente. Me tirou de um clube em que eu não pensava em estudar mais... Aí, quando eu fui para o Sírío, o negócio mudou. “Oh, você vai voltar a estudar, vai fazer isso” [Mosquito].

Sistemas de suporte são espaços onde o indivíduo em transição pode encontrar empatia, acolhimento, afeto, reconhecimento, dentre outros recursos para que melhor se prepare e enfrente as implicações que esta mudança traz. O apoio social pode atenuar crises encontradas principalmente nos primeiros instantes de transição, suprimindo necessidades de confiança, solidariedade, compreensão e diálogo (SHCLOSSBERG, 1981). Em certa medida, é possível identificar na narrativa dos pós-atletas a presença de sistemas de suporte, mas de caráter informal (familiares, amigos, redes de relacionamento) influenciando suas carreiras atléticas e a transição respectivamente. Mas no que se refere aos sistemas de suporte formais (assistência educacional, psicológica e social, programas de inserção no mercado de trabalho, consultoria ou plano de previdência) nenhum dos pós-atletas mencionaram terem recebido qualquer tipo de apoio desta qualidade.

6.4 As estratégias de transição de carreira dos bicampeões

Uma das primeiras estratégias de enfrentamento do término e transição de carreira que identifiquei entre os bicampeões está relacionada as formas com que encontraram para continuarem inseridos, direta ou indiretamente, no contexto esportivo. Jatyr nos apresenta um primeiro exemplo.

Nós temos uma associação, que é importante falar dessa associação, o projeto Gibi. Um grupo de investimentos de basquete infantil. Essa associação foi formada pelos cinco campeões mundiais, Amaury, Wlamir, Pecente, Edson Bispo e eu, com a ideia de desenvolver o basquete nas escolas [Jatyr].

Sua narrativa vai concordar com uma das facetas da transição sugeridas por Schlossberg (1981) que é a possibilidade que o indivíduo tem de oferecer apoio e não apenas recebê-lo durante a transição. É nesse processo contínuo de interação social que o pós-atleta pode ressignificar seu papel, além de superar o ostracismo e os sentimentos de perda de identidade resultantes da ruptura com um papel significativo (OGILVIE & TAYLOR). A ênfase com que Jatyr se refere a esta *extensão da vida esportiva* por meio de projetos sociais ilustra o quanto o esporte se distingue de outras experiências ocupacionais no que se refere ao conjunto de valores que o constitui, bem como o “compromisso pedagógico” que a experiência esportiva imprime no pós-atleta. Em outras palavras, ao concluírem suas carreiras atléticas, os pós-atletas tendem levarem consigo um senso de responsabilidade social que toma a experiência esportiva como meio para atender determinada expectativa. Quando olha para o esporte como uma via de acesso à formação pessoal, Jatyr coloca em questão pesquisas que consideram o esporte como uma estrutura alienante, considerando que o desejo de compartilhar o conhecimento adquirido ao longo da carreira de atleta é fruto de uma experiência esportiva rica, prazerosa e, por isso, passível de ser transmitida (COAKLEY, 1983). O Grupo de Iniciação ao Basquetebol Infantil (Gibi) traduziria este intuito.

O Gibi, juntamente com a Associação dos Veteranos de Basquetebol do Estado de São Paulo, são frutos da preocupação e das ideias compartilhadas entre os bicampeões Amaury, Wlamir, Rosa Branca, Menon, Pecente, Edson Bispo, Jatyr e outros que, ao continuarem inseridos e influenciando o contexto ao qual perteceram, tornam-se participantes ativos do processo de significação da condição pós-atleta, dando espaço e legitimidade social a mesma.

Dentre todas as formas de enfrentamento da transição aqui identificadas e analisadas, a *vida para além do esporte* se mostrou a estratégia mais eficazes para os bicampeões.

Então, a minha vida foi praticamente sempre assim: esporte, trabalho, esporte, trabalho [Mosquito].

Hoje o pessoal ganha dinheiro jogando basquete, mas na minha época não, você tinha que conciliar estudo, trabalho, treino e jogo. Então, tinha-se uma dificuldade muito grande [Fritz].

Eu, graças a Deus, sempre trabalhei, sempre me defendi, paguei minhas escolas eu mesmo. Estudava, trabalhava e jogava. Não era fácil [Sucar].

Nós fomos ao Rio de Janeiro conversar com o deputado Pacheco Chaves, Fomos no palácio do Catete... Foi quando me foi oferecido esse emprego nos Correios. Então, eu trabalhava e jogava [Wlamir].

Como eu lhe disse, sendo uma época em que você era amador, você tinha que optar, ou trabalhava ou jogava basquete [Vitor].

Durante muito tempo eu era técnico do infantil e do juvenil no Sírio. Dava aula de educação física no Tennis Clube Paulista, no Arquidiocesano, no São Luis, e num colégio municipal lá em São Miguel Paulista. Então, eu não tinha tempo para respirar durante o dia, e a noite eu tinha que treinar ou jogar, então era muito difícil [Amaury].

Embora os bicampeões tenham enfrentado dificuldades para conduzir sua dupla jornada de trabalho e seus respectivos papéis, essa experiência exerceu forte influência sobre a qualidade (tipo) e significados que eles mesmos atribuíram às suas transições de carreira. Quando classifico a dupla jornada como estratégia de enfrentamento da transição, antes de tudo, não excluo o fato de a priorização do trabalho ter sido uma condição, antes de tudo, inevitável para o atleta dos tempos de amadorismo, que não podendo oficialmente receber dinheiro por seu desempenho esportivo, tinha que se submeter a uma rotina diária de trabalho como qualquer outro cidadão. E é, pois, nesse encontro entre prioridades que nascem modelos particulares de gestão da carreira atlética, os quais, em primeiro lugar, compreendiam o caráter finito e instável do esporte e, em segundo lugar, mantinham o atleta mais habituado ao cotidiano para o qual retornaria após ter encerrado a carreira atlética.

O trânsito contínuo entre vida esportiva e vida profissional possibilitou com que os bicampeões vivenciassem mudanças de pressupostos pessoais e desenvolvessem outros projetos de vida, ainda durante a carreira atlética, com base nos recursos que seu contexto dispunham. Price, Morrison & Arnold (2010) ao investigarem a trajetória de atletas e pós-

atletas de alto nível australianos, fizeram algumas considerações semelhantes, as quais nos ajudam a pensar os impactos do envolvimento multidimensional no processo de formação esportiva. A experiência de transição dos atletas investigados pelos autores mostrou que a crença de que a dedicação exclusiva ao esporte com vistas ao êxito não é uma unanimidade, pois muitos dos atletas estudados reconheceram que passar um tempo longe do esporte, de alguma maneira, estava relacionado a benefícios psicológicos e físicos que influenciam percepções subjetivas de eficácia dentro do esporte, bem como concepções de vida pós-atleta mais positivas (WEBB et al., 1998; PRICE, MORRISON & ARNOLD, 2010). Atletas fortemente identificados e imersos na carreira atlética, ao se depararem com as mesmas questões, manifestaram dificuldades frente a transição de carreira, menor percepção subjetiva de eficácia, bem como concepções de vida pós-atleta menos positivas. Ainda de acordo com PRICE, MORRISON & ARNOLD, 2010) os atletas que vivenciavam atividades distintas, o chamado *life out*, descreviam um sentido de *equilíbrio de vida*, bem como uma “identidade mais ampla”, capaz de compreender melhor as implicações da saída de um papel significativo, bem como as novas dimensões, demandas e desafios da vida pós-atleta. Os bicampeões falam de experiências semelhantes.

Um exemplo das implicações positivas desse “modelo de gestão da carreira atlética” encontra-se na narrativa de Menon:

Na verdade, estava muito claro na minha cabeça que o basquete era temporário. Eu ia ser médico, já era médico. Percebi que existia uma possibilidade de conflito entre as duas coisas, e óbvio que se esse conflito existisse eu ia pender para a medicina, claro, sem dúvida nenhuma. Foi o que aconteceu. Então eu não tive nenhum trauma para parar de jogar [Menon].

O envolvimento constante com o universo da medicina (formação e prática profissional) fez com que sua identidade atlética – pressupostos pessoais – fosse construída com base na possibilidade de realização em outra esfera da vida que não somente o esporte. Embora hipotética, esta relação equivalente entre esporte e universo cotidiano vai concordar com outros estudos do esporte que a defendem como um tipo de gestão de carreira atlética positivo (SINCLAIR & ORLICK, 1993; WEBB et al., 1998; DRAHOTA & EITZEN, 1998; PRICE, MORRISON & ARNOLD, 2010; RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012). Estudos brasileiros envolvendo atletas dos tempos de amadorismo vão sugerir ainda que a experiência de transição, embora seja particularmente distinta, ela é semelhantemente encarada como *fase da vida* que necessariamente passa, dando assim lugar a outras fases e possibilidades de

identificações (RUBIO, 2001; 2008; RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012). Este processo tem o seu prazo indefinido e, para cada pós-atleta, uma forma diferente. Wlamir, antes de se descobrir em um novo papel, passou por experiências distintas.

Me formei em 73 na Fefisa. Já no último ano eu fui professor do Colégio São Luís, onde lecionai por 14 anos. E comecei a dar aula na própria Fefisa também. Além disso, fui técnico algumas vezes [Wlamir].

A carreira atlética não era fonte de renda sólida e tão pouco uma prática socialmente legitimada como trabalho. No entanto, a condição de atletas emblemáticos exerceu importante influência no processo de reinserção social dos bicampeões. Dentre os que optaram por permanecer no contexto esportivo (Mosquito, Rosa Branca; Boccardo, Amaury, Wlamir) oportunidades de exploração cargos de liderança não faltaram. Mosquito, de atleta passou a técnico, paralelamente foi professor de educação física e era gestor de programas municipais de esporte quando se aposentou. Rosa Branca, de atleta tornou-se professor de educação física, passou a técnico, e ao final da carreira profissional ainda assumiu a função de gestor na Federação Paulista de Basquetebol (FPB). Boccardo, de atleta tornou-se técnico, anos mais tarde assumiu a função de professor universitário, escreveu livro e passou a ministrar cursos de capacitação, até definitivamente se aposentar. Amaury, por sua vez, de atleta tornou-se técnico, exerceu a função de professor de educação física, e só deixou o contexto esportivo para assumir cargo administrativo na empresa da família. Wlamir, de atleta tornou-se técnico, foi professor de educação física por muitos anos, até chegar à função de professor universitário; formou-se técnico em comunicação e seguiu carreira de comentarista esportivo até se aposentar. Os bicampeões que não prosseguiram no esporte apresentam algumas distinções em suas trajetórias que foram determinantes para os rumos que deram para si.

Na ocasião, não tive dificuldade para enfrentar essa coisa... O parar pra mim foi tão consciente, tão tranquilo, que nunca me arrependi [Menon].

A saída do papel de atleta que Menon, Sucar, Fritz, Jatyr e Vitor realizaram caracterizou-se como um *movimento para fora do esporte*, o qual foi estruturado a partir da formação e orientação profissional que receberam ao longo da juventude e carreira esportiva. Suas experiências falam de uma gestão não só previdente de carreira atlética, mas sim integrada e multiplicadora de possibilidades de realização. Embora este tipo de envolvimento

com o esporte seja considerado ideal, as narrativas biográficas sugerem haver dificuldades para que seja aplicado. O desenvolvimento de atividades paralelas ao esporte era prática comum naquela época (RUBIO, & FERREIRA JUNIOR, 2012), mas os equilíbrios nem sempre se estabeleciam, frustrando planos e por vezes interrompendo o “curso normal” da vida dos atletas. Suas trajetórias de vida são marcadas por constantes situações de *não-eventos* (SCHLOSSBERG, 1981) ora traduzido na perda de oportunidades de acompanhar a seleção nacional em competições importantes devido aos estudos e trabalho (Wlamir, Vitor, Jatyr, Menon, Fritz), ora por perderam oportunidades de trabalho por estarem representando o país em competições (Rosa Branca, Jatyr, Wlamir).

A dificuldade de gestão equilibrada entre carreira atlética e atividade profissional também foi uma situação comum entre outros atletas daquela época, no Brasil e em outras partes do mundo (OGILVIE & TAYLOR, 1993; KADLCIK & FLEMR, 2008; RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012), sugerindo que em tempos de amadorismo o trabalho do atleta estava longe de receber considerações sobre sua especificidade e “ergonomia”. Tudo dependia do seu praticante, que contava apenas com ajudas esporádicas, tamanho o desprestígio que o reconhecimento financeiro pela sua arte lhe trazia. Estar ciente de que a carreira atlética tinha um prazo de validade e que não podia ser mais preponderante do que a necessidade de subsistência, foi, em essência, a estratégia de transição dos bicampeões mundiais.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que as narrativas biográficas dos bicampeões mundiais falam sobre a experiência de término e transição de carreira atlética em tempos de amadorismo é que as estratégias de enfrentamento destes processos refletiam uma conjuntura sociocultural cujas representações sobre o esporte possibilitavam ao atleta ter uma atitude mais previdente em relação a prática esportiva. A ideia corrente era de que o esporte não era um trabalho digno de remuneração, por isso, somente um trabalhador poderia praticá-lo (RUBIO, 2004a). Embora essa situação gerasse contradições e tensões, a carreira atlética naquela época estava ancorada em um imaginário que qualificava o papel de atleta como um serviço patriótico, portanto, mais legítimo quando prestado voluntária e gratuitamente. Esse conceito, ainda assim, não refletia o ideal de amadorismo defendido pelo COI, visto que o intuito de representar o país através do desempenho esportivo pressupunha um processo de especializações que transcendia a dimensão do tempo livre e do lazer, gerando desigualdades entre adversários (DOHERTY, 1960; GUTTMANN, 1988; PITCHFORD, 2013; GIGLIO, 2013). Desde então se tinha evidências substanciais de que os ideais da aristocracia para o esporte estavam se fragmentando.

A ideia de buscar nos atletas dos tempos de amadorismo a compreensão sobre a experiência de término e transição de carreira partiu de uma preocupação particular sobre as condições de vida de pós-atletas que, embora foram amplamente prestigiados no passado, amargam um presente marcado por esquecimento social, problemas financeiros e condições críticas de saúde. Essas denúncias me trouxeram a primeira impressão de que, para este grupo, a transição de carreira era uma situação delicada e inevitavelmente traumática, tamanhas as dificuldades que o atleta daquela época tinha para sair de um papel significativo e sem renda, para dar início a um outro modo de vida. Ora, se suporte financeiro e social eram quase inexistentes durante a carreira atlética, tão pouco estariam disponíveis ao final desta. Além disso, estudos mostram que o atleta dos tempos de amadorismo era o responsável único pelos caminhos que traçava para a própria carreira esportiva e, por extensão, pela transição e suas respectivas implicações psicológicas, sociais e financeiras. Essa condição refletia modelos descentralizados de gestão e a própria cultura ocidental esportiva, marcada pelos desdobramentos do capitalismo (OGILVIE & TAYLOR, 1993; DRAHOTA & EITZEN, 1998; RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012).

Por meio do aprofundamento teórico no tema, fui percebendo que, para além de uma experiência difícil e potencialmente traumática, término e transições de carreira atlética implicam processos mais amplos e complexos de ressignificação de papéis, e as experiências dos bicampeões ilustram claramente este contrargumento (COAKLEY, 1983; DRAHOTA & EITZEN, 1998; RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012). Na época em que o profissionalismo era proibido, eles, não podendo sobreviver do esporte, ainda que recebendo algum tipo de remuneração, tinham que trabalhar como qualquer outra pessoa, e usavam os finais de expediente, bem como finais de semana, para poderem se dedicar à modalidade esportiva. Ausentavam-se da atividade profissional apenas quando representavam o Brasil em competições internacionais, e embora tenham conquistado títulos de grande expressão internacional, estavam isentos de glamour que distancia o atleta da condição ordinária. Assim também era a estrutura destinada à prática esportiva, ou seja, destituído do conhecimento técnico e científico e do conceito de trabalho. Conforme Hobsbawm (1994) identificou, a era dos *superstars* ainda estava no seu despertar; embora a nova ordem econômica global na chamada “Era dos Extremos” seguisse em acelerada expansão, alcançando os mais variados elementos da cultura, inclusive o esporte.

Esta relação mais estreita dos bicampeões com o universo cotidiano teria contribuído para que se tornassem menos vulneráveis aos efeitos negativos do processo de saída de um papel significativo, como sofrimento psíquico, isolamento social, dificuldades de adaptação aos novos papéis e crises financeiras. Duas considerações da teoria de Schlossberg (1981) ajudaram a pensar essa situação. A primeira defende que quanto mais semelhantes os novos papéis e contexto forem em relação aos papéis e contexto anteriores, mais suave se torna o processo de adaptação à transição. A segunda vai pensar a fase adulta como sendo um conjunto de atributos e expectativas, as quais sinalizam quando o indivíduo está “em tempo” ou “fora do tempo” do calendário social que legitima o *ser* adulto. Estar “fora do tempo” é, portanto, correr o risco de receber estigmas sociais negativos e vivenciar altos graus de estresse consequentemente. Os bicampeões estavam mais próximos deste conjunto de atributos e expectativas relacionadas à fase adulta e não tiveram problemas relacionados, por exemplo, à perda de identidade e desorientação, pois seus término de carreira não representaram uma fase terminal, mas a continuidade de atividades inerentes às suas faixas etárias.

As narrativas dos bicampeões mostram que determinadas fases da vida adulta eram os principais responsáveis pela interrupção precoce de suas carreiras, principalmente na seleção brasileira. As responsabilidades profissionais, os papéis no âmbito da família, bem

como os desejos de realização nestas mesmas esferas da vida concorriam com a dedicação ao esporte. Situação que levou os atletas a realizarem processos de reorganização de prioridades, nos quais a prática esportiva era colocada em uma escala de preponderância menor. Este tipo de transição caracterizou-se especificamente de duas formas: a) encerramento de compromissos esportivos internacionais e o adiamento do término propriamente dito, e b) encerramento definitivo com a carreira atlética amadora para a continuidade da carreira dentro ou fora do contexto esportivo.

As narrativas biográficas falam ainda de uma transição de carreira que não ocorre necessariamente durante a saída do papel de atleta, mas durante toda trajetória atlética, quando além da possibilidade de realizações no esporte, desafios e possibilidades de realização fora do esporte vão sendo construídos pelos atletas, como ser um bom profissional na área de formação, levar experiências aprendidas no esporte para outros desafios, projetos, e formas de liderança social (MCKNIGHT et al., 2009; PRICE, MORRISON & ARNOLD, 2010). Em uma outra dimensão encontram-se os desejos de se desvencilhar não necessariamente do esporte, mas dos longos e intensos anos de competição para integrar e atender demandas de papéis mais tradicionais (marido, pai, avô).

Foi diante deste contexto que transcendi minha primeira hipótese para considerar que: somente quando o atleta constrói vínculos distintos e mais amplos ao longo da carreira esportiva é que ele pode visualizar, dentre outros interesses, oportunidades de realização com a transição. Quando os bicampeões terminam suas carreiras atléticas movidos pela concorrência de atividades, demonstram um dos reflexos gerados pelo trânsito entre vida esportiva e vida para além do esporte que *é o término como livre escolha e como alternativa bem-vinda* (PRICE, MORRISON & ARNOLD, 2010). Em outras palavras, a concorrência de atividades não é um aspecto excepcionalmente negativo, mas positivo no que se refere a multiplicidade de caminhos diante das dúvidas da vida pós-atleta. Diferentemente dos atletas de hoje, uma das principais características do término de carreira esportiva entre atletas dos tempos de amadorismo é a voluntariedade da saída (DRAHOTA & EITZEN, 1998; RUBIO, 2001; 2004b; RUBIO & FERREIRA JUNIOR, 2012). A chance de escolherem o que fazer, bem como que rumo dar à vida constituiu-se, no caso dos bicampeões, um recurso de enfrentamento da saída do papel de atleta.

Uma experiência esportiva mais ampla, segundo o que nos dizem as narrativas, estaria estreitamente relacionada com a rotina de vida cotidiana ou com a tentativa de conciliação equilibrada entre os dois universos. Términos e transições de carreira atlética menos problemáticos aproximam-se deste argumento, embora a dupla jornada de trabalho não

signifique a completa redenção da experiência de deixar de ser atleta ou seja facilmente praticável (PRICE, MORRISON & ARNOLD, 2010). Quanto a este apontamento é importante ressaltar que os bicampeões tiveram dificuldades.

Um problema que foi amplamente explorado nas narrativas dos bicampeões, e que parece ser universal entre atletas de alto nível, quaisquer que sejam a época, refere-se a dificuldade de conciliação da atividade esportiva com atividades para além do esporte. A carreira dos bicampeões foi marcada por experiências de descontinuidade, interdições e “não-eventos”, sugerindo que a problemática do término e da transição de carreira atlética encontra-se não nos eventos terminais em si, mas no processo de construção de recursos que permitem com que tais fases sejam vivenciadas de forma mais proveitosa.

O atleta que constrói para si uma identidade mais ampla tem menos chances de sofrer com experiências precoces e abruptas na transição de carreira, pois o acesso a outras configurações, interesses e papéis sociais propicia, além de recursos externos, uma percepção subjetiva maior de controle sobre a mudança e suas implicações (WEBB et al., 1998). A experiência de dupla jornada, ou o *life out*⁸, como Price, Morrison & Arnold (2010) denominam, aumenta a possibilidade de vivência de termos da carreira atlética como processos paulatinos, voluntários e resultante de carreiras marcadas por realizações e longevidade. A longevidade, por sua vez, foi prevalente nas experiências dos bicampeões que, embora encerraram precocemente a participação na seleção brasileira, continuaram atuando em clubes e, mesmo definitivamente aposentados, de alguma forma envolvidos com o basquetebol.

Ao trazer as experiências de um grupo esportivo emblemático para esta pesquisa, um pressuposto relacionado à dimensão dos significados e à forma de enfrentamento da transição foi levantado: seria a soma das conquistas na carreira atlética um tipo de suporte à transição? Minha hipótese é de que sim, pois o cumprimento dos objetivos que essencialmente impulsionam o engajamento na carreira atlética sugere o “fechamento de um ciclo” e a possibilidades de exploração de novos horizontes. A dimensão etária influenciaria neste processo da seguinte forma: a fase de maior engajamento no esporte, curiosamente, coincide com o período pré-universitário e universitário, quando as imagens da vida profissional ainda não são tão nítidas para o atleta, quanto a possibilidade de realização no esporte. Mas logo em seguida, quando as demandas da família e as questões profissionais vão fornecendo imagens

⁸ Termo amplamente utilizado por Price, Morrison e Arnold (2010) para classificar a relação entre vida esportiva e vida para além do esporte.

mais nítidas e concretas sobre a vida fora do esporte, a transição de carreira passa a ser elaborada.

Embora os bicampeões não tenham apontado a ausência generalizada de sistemas de suporte formais como um fator que dificultou seus processos de transição, é possível observar na extensão de cada trajetória narrada como esta ausência pode influenciar negativamente a experiência de transição. O imaginário social nos tempos de amadorismo arrolava o esporte ao universo do lazer, condição que teria contribuído para que não houvesse uma preocupação social mais efetiva em relação a forma profissional com que seus praticantes conduziam suas carreiras.

Em suma, as narrativas biográficas ofereceram consistente aporte a reflexão sobre a importância do cultivo de atividades para além do esporte no processo de transição de carreira atlética. Revelaram o papel significativo que o amadorismo teve no que se refere ao tipo de gestão de carreira praticado pelos atletas daquela época, bem como as características, significados e desdobramentos dessa atitude em suas vidas como pós-atletas. Mostraram também que o amadorismo não foi o único fator determinante de suas transições, mas uma dentre as diversas forças que constituíam representações sociais sobre o esporte e seu protagonista. Para que estas questões sejam integradas ao processo de compreensão da transição de carreira atlética no Brasil é necessário maior aprofundamento teórico, bem como revisão e análise de narrativas biográficas distintas.

Muitos dos conceitos do modelo de adaptação à transição de Schlossberg não puderam ser aplicados às experiências dos pós-atletas aqui estudadas. Suas narrativas biográficas demonstraram que a experiência de transição pode não ocorrer apenas a partir do término, mas durante toda a carreira atlética, assim, é nesta fase que processos “bem-sucedidos” ou “mau-sucedidos” de transição podem ser determinados. A análise do tipo, situação, individualidade e suporte presentes no processo de transição, então, passa necessariamente por uma observação mais longitudinal tanto da trajetória de vida quanto das experiências que a preenchem de sentido. Neste sentido, proponho retornar aos pós-atletas numa pesquisa futura, integrando à construção das narrativas biográficas questões complementares, a saber:

Como o amadorismo e o profissionalismo esportivo no Brasil se entrecruzaram ao longo da história do esporte no país e quais as implicações desta relação sobre a representação da carreira atlética e seu protagonista, gestão, término e transição de carreira atlética. Qual o papel do trânsito entre vida esportiva e vida para além do esporte e da forte identificação com o papel de atleta no processo de término e transição de carreira atlética. Qual o papel das

realizações no esporte no processo da transição de carreira e o que dizem os pós-atletas sobre esta condição. Qual o papel das competências aprendidas no esporte e da condição de pós-atleta no processo de transição.

As narrativas biográficas dos bicampeões trouxeram elementos que ajudam a pensar a importância do momento histórico e cultural no processo de término e transição da carreira atlética e o impacto da conciliação de atividades sobre a qualidade do processo de saída do papel de atleta. Ajudam a pensar também a história do atleta como um processo contínuo de desvendamento de sua humanidade e como esta humanidade é retomada após a trajetória esportiva.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELO, L. A gestão da carreira esportiva na transição. In: RUBIO, K. [org.]. **Destreinamento e transição de carreira no esporte**. Casa do Psicólogo: São Paulo, pp. 235 - 258, 2012.

ALFERMANN, D., STAMBULOVA, N., ZEMAITYTE, A. Reactions to sport career termination: a cross-national comparison of German, Lithuanian, and Russian athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, 5, pp. 61 – 75, 2004.

ALISON, M. T., MEYER, C. Career problems and retirement among elite athletes: the female tennis professional. **Sociology of Sport Journal**, v. 5, pp. 212 – 22, 1988.

BAILLIE, P. H. F; DANISH, S. J. Understanding the career transition of athletes. **The Sport Psychologist**, 6, pp. 77 – 98, 1992.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, p. 136-153. 1983.

CARDOSO, M. **100 anos de Olimpíadas**. São Paulo: Scritta, 1996.

COAKLEY, J. Leaving competitive sport: retirement or rebirth? **Quest**, 35, p. 1 – 11, 1983.

DOHERTY, K. J. Modern Amateurism and the Olympic Code. **Bulletin du Comité International Olympique (Olympic Review)**, February, n. 69 pp. 63 – 68. 1960.

DRAHOTA, J. A. T; EITZEN, D. S; The role exit of professional athletes. **Sociology of Sport Journal**, 15, 263-278, 1998.

FORTUNATO, V; MARCHANT, D. Forced retirement from elite football in Australia. **Journal of Personal and Interpersonal Loss**. vol. 4, n. 3, pp. 269 – 280, 1999.

GREENDORFER, S. L; BLINDE, E. M. Retirement From Intercollegiate Sport: Theoretical and Empirical Considerations. **Sociology Sport Journal**, 2, pp. 101-110, 1985.

GIGLIO, S. S. **COI x FIFA**: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos. 2013. 518f. Tese [Doutorado em Educação Física]. Escola de Educação Física e Esporte. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

GROVE, J. R; LAVALLE, D; GORDON, S. Coping with retirement from sport: The influence of athletic identity. **Journal of Applied Sport Psychology**, 9: 2, pp. 191 – 203, 1997.

GUTTMANN, A. The Cold War and the Olympics. **International Journal**, Vol. 43, No. 4, Sport in World Politics, pp. 554 – 568, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Ed. 7. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSBAWM, E. J. **A era dos impérios (1875-1914)**. Ed. 10. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

HOBBSBAWM, E. J. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. Ed. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HOLANDA, F. Construção de narrativas em história Oral: em busca de narradores plenos. **Revista de História Oral: Oralidades**, jul – dez, pp. 15 – 32, 2009.

KADLCIK, J; FLEMR, L. Athletic career termination model in the Czech Republic: a Qualitative Exploration. **International Review for the Sociology of Sport**, nov. 24, 2008.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, ed. 9, 2008.

MARVIN, C. Avery Brundage and American Participation in the 1936 Olympic Games. **Journal of American Studies**, 16 (1), pp. 81 – 106, 1982.

MEDALHA, J. **História e evolução do basquetebol masculino no Brasil: um estudo com base nos resultados da seleção brasileira (1896-1988)**. Tese de livre docência. Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, 1989.

MCKNIGHT, K; BERNES, K; GUNN, T; CHORNEY, D; ORR, D; BARDICK, A. Life After Sport: Athletic Career Transition and Transferable Skills. **Journal of Excellence – Issue No. 13**, pp. 63 – 77, 2009.

MIHOVILOVIC, M. A. The status of former sportsmen. **International Review of Sport Sociology**, 3, 73 – 96, 1968.

MÜLLER, R. Olympic education. **Centre d'Estudis Olímpics (UAB)**, 2004.

MARKUNAS. M. Quando a lesão leva a transição? In: RUBIO, K. [org.]. **Destreinamento e transição de carreira no esporte**. Casa do Psicólogo: São Paulo, pp. 203 – 234, 2012.

MCKNIGHT, K; BERNES, K; GUNN, T; CHORNEY, D; ORR, D. & BARDICK, A. Life After Sport: Athletic Career Transition and Transferable Skills. **Journal of Excellence – Issue No. 13**, 2009.

MEDALHA, J. **Histórico e evolução do basquetebol masculino no Brasil: Um estudo com base nos resultados da seleção brasileira**. Tese [Doutorado]. Escola de Educação Física e Esporte. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1989.

MEIHY, J. C. S. B; HOLANDA, F. **História Oral: Como fazer, como Pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MIHOVILOVIC, M. The status of former sportsmen. **International Review of**

Sport Sociology, 3, pp. 73 – 93, 1968.

MURRAY, W.J. France, Coubertin and the Nazi Olympics: The Response. *Olympika: The International Journal of Olympic Studies*, Vol. 1, pp. 46 – 69, 1992.

OGILVIE, B.C; TAYLOR, J. Career termination issues among elite athletes. In SINGER, R. N; MURPHEY, & TENNANT, L. K., (Eds.), **Handbook of research on sport psychology**. New York: Macmillan, pp. 761 – 775, 1993.

PEARSON, R; PETITPAS, A; Transitions of Athletes: Developmental and Preventive Perspectives, **Journal of Counseling & Development's** September/ October, v. 69, 1990.

PITCHFORD, D. M. **Making the Transition**: Empire, Amateurism and Reggie Walker, the 'Little Natalian' Sprinter. (2013) Thesis [PhD]. Manchester Metropolitan University, 2013.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. Rio de Janeiro, **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, pp. 200 – 212, 1992.

PRICE, N; MORRISON, N; ARNOLD, S. Life out of the Limelight: Understanding the Non-sporting Pursuits of Elite Athletes. **The International Journal of Sport and Society**. v. 1, n. 3. pp. 67 – 81, 2010.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do indivisível ao divisível. In: VON SIMSON, O. M. **Experimentos com Histórias de vida (Itália – Brasil)**: enciclopédia aberta de Ciências Sociais. São Paulo: Vértice, 1998.

ROSENBERG, E. Gerontological theory and athletic retirement. In: GREENDORFER, S.L.; YIANNKIS, A. **Sociology of sport: Diverse perspectives**. West Point, NY: Leisure Press, 1981.

RUBIO, K. **O Atleta e o Mito do Herói**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

RUBIO, K. Do Olímpo ao Pós-Olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo, 16(2): 130 – 43, jul./dez. 2002.

RUBIO, K. **Memória e Imaginário de Atletas Medalhistas Olímpicos Brasileiros**. São Paulo. 2004. Tese [Livre Docência]. Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, 2004a.

RUBIO, K. **Heróis Olímpicos Brasileiros**. São Paulo: Zouk, 2004b.

RUBIO, K. O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**; 18 (1): pp. 86 – 91 jan/abr, 2006.

RUBIO, K. **Medalhistas olímpicos brasileiros**: histórias, memórias e imaginário. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

RUBIO, K. **Joaquim Cruz – Estratégias de Preparação Psicológica**: da teoria à prática. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

RUBIO, K. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 24, n. 1, p. 55 – 68, jan./mar. 2010.

RUBIO, K; FERREIRA JUNIOR, N. S. Transição durante a fase do amadorismo. In: RUBIO, K. [org.]. **Destreinamento e transição de carreira no esporte**. Casa do Psicólogo: São Paulo, pp. 65 – 82, 2012.

RUBIO, K. Memórias e narrativas de atletas olímpicos brasileiros. In: RUBIO, K. [org.]. **Preservação da memória: a responsabilidade social dos Jogos Olímpicos**. Laços: São Paulo, pp. 105 – 121, 2014.

SALLES, J. G. C; SOARES, A. J. G. Evolução da concepção do amadorismo no Movimento Olímpico Internacional: uma aproximação conceitual. **Coletânea de Textos em Estudos Olímpicos**, v. 2, pp. 437 – 450, 2002.

SCHLOSSBERG, N. K. & LEIBOWITZ, Z. Organizational Support Systems as Buffers to Job Loss. **Journal of Vocational Behavior**. 17, pp. 204 – 217, 1982.

SCHLOSSBERG, N. K. A model for analyzing human adaptation to transition. **The Counseling Psychologist**, v. 9, 1981.

SCHLOSSBERG, N; WATERS, E. B; GOODMAN, J. **Counseling adults in transition**, Ed. 2. New York: Springer, 1995.

SMIT, Barbara. **Invasão de campo**: Adidas, Puma e os bastidores do esporte moderno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

STANKOVICH, C. E; MEEKER, D. J; HENDERSON, J. L. The positive transitions model for sport retirement. **Journal of Couleage Couseling**. Volume 4, Issue 1, pp. 81 – 84, Spring, 2001.

SINCLAIR, D. A; ORLICK, T. Positive Transitions From High-Performance Sport. **Human Kinetics Publishers. The Sport Psychologist**, 7, pp. 138 – 150, 1993.

STAMBULOVA, N; ALFERMANN, D. Putting culture into context: cultural and cross-cultural perspectives in career development and transition research and practice. **International Jornal of Sport and Exsercise Psychology**. v. 7, pp. 292 – 308, 2009.

TAYLOR, J; OGILVIE, B; LAVALLE, D. Career transition among elite athletes: Is there life after sports? In J. Williams (Ed.), **Applied sport psychology: Personal growth to peak performance**, 5th ed. pp. 480 – 496, 2006.

TABORDA, M. A. O. Esporte e política na ditadura militar brasileira: a criação de um pertencimento nacional esportivo. **Revista Movimento**, vol. 18, núm. 4, out-dec, pp. 155 – 174, 2012.

TINLEY, S. P. Seeing Stars: Emotional Trauma in Athlete Retirement: Contexts, Intersections, and Explorations. **CGU, Theses & Dissertations**. Paper 40, 2012.

UNGERLEIDER, S; Olympic athletes' transition from Sport to workplace. **Perceptual and Motor Skills**, 84, p. 1287-1295, 1997.

WEBB, M; NASCO, S. A; RILEY, S; HEADRICK, B. Athlete identity and reactions to retirement from sports. **Journal of Sport Behavior**; vol. 21 Issue 3, p. 338, 25 p, 4 Charts, September, 1998.

WYLLEMAN, P; LAVALLEE, D; ALFERMANN, D. **Career Transitions in Competitive Sports** [Monograph], Fédération Européenne de Psychologie des Sports et des Activités Corporelles European Federation of Sport Psychology, pp. 1 – 44, 1999.

9. ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação

Título do Projeto: MEMÓRIAS OLÍMPICAS POR ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS.

Pesquisador Responsável: Profa. Dra. Katia Rubio.

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: EEFE-USP.

Telefones para contato: (11) 30913181 - (11) 30913151 - (11) 91387466.

Nome do voluntário:

Idade: _____ anos R.G. _____

Responsável legal (quando for o caso): _____

R.G. Responsável legal: _____

O Sr. (^a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “MEMÓRIAS OLÍMPICAS POR ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS, de responsabilidade da Profa. Dra. Katia Rubio.

O presente projeto tem como objetivo recuperar a memória dos atletas olímpicos que representaram o Brasil em várias edições dos Jogos Olímpicos da Era Moderna e por meio dessas histórias individuais discutir a formação da identidade do atleta, a importância desse ator social no cenário brasileiro e o movimento de construção e manutenção do imaginário esportivo brasileiro.

Com o consentimento do atleta as entrevistas são registradas em vídeo e posteriormente transcritas para análise.

A pesquisa não oferece risco ao participante e espera-se com essa pesquisa fazer um levantamento das modalidades medalhistas, da trajetória de seus atletas no cenário nacional – e o reconhecimento por parte da população de seus feitos – e analisar a política das Federações e Confederações Esportivas naquilo que se refere à influência desse procedimento na formação de novos atletas. Montar um banco de dados – em forma de imagem e de textos – com a memória do esporte nacional e a partir desses dados construir uma Enciclopédia dos atletas olímpicos brasileiros.

As informações coletadas serão publicadas com o consentimento do participante.

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

São Paulo, _____ de _____ de _____

Nome e assinatura do participante

Testemunha